

**UNIVERSIDADE PAULISTA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**A PAULICEIA RADIOFÔNICA NÃO CONTADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

**LUCIANA ANTUNES**

**São Paulo  
2019**

**UNIVERSIDADE PAULISTA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**A PAULICEIA RADIOFÔNICA NÃO CONTADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Adami

**LUCIANA ANTUNES**

**São Paulo**

**2019**

Antunes, Luciana.

A paulicéia radiofônica não contada / Luciana Antunes. - 2019.  
138 f. : il.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.  
Orientador: Prof. Dr. Antonio Adami

1. Rádio. 2. Memória. 3. Estado de São Paulo. 4. Cultura.  
5. Sociedade. I. Adami, Antonio (orientador). II. Título.

**LUCIANA ANTUNES**

**A PAULICEIA RADIOFÔNICA NÃO CONTADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Antonio Adami  
Universidade Paulista - UNIP

---

Prof.<sup>ª</sup> Dra. Carla Montuori  
Universidade Paulista - UNIP

---

Prof. Dr. Manuel Ángel Fernández Sande  
Universidad Complutense de Madrid – España

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação ao meu filho Victor por ser a razão do meu viver e também a inspiração para que eu me torne uma melhor pessoa e profissional.

Dedico também ao meu namorado e companheiro Lauro por estar ao meu lado, por ter me apoiado incondicionalmente e pelo constante incentivo nessa etapa importante de minha vida acadêmica e, consequentemente, profissional.

E dedico aos meus pais, que sempre me apoiaram em todos os momentos de minha existência e mais uma vez foram ímpares nessa fase tão importante.

Sem o apoio deles, este trabalho não teria sido possível. A eles, minha eterna gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Adami, por sua grande contribuição durante todo o processo deste trabalho. Um agradecimento especial por todo o ensinamento que me transmitiu, paciência, compreensão e competência.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Carla Montuori, que foi ímpar durante todo o mestrado. Grande parte das produções desenvolvidas durante o curso estavam ligadas à matéria dela, portanto, seus ensinamentos possibilitaram um grande desenvolvimento acadêmico.

Ao Prof. Dr. Manuel Ángel Fernández Sande, pelo privilégio de estar na banca e o prazer de tê-lo conhecido pessoalmente, além de ter nos guiado pela Universidad Complutense de Madrid, uma experiência única.

Aos professores do curso pelos ensinamentos que me foram transmitidos com tanta dedicação.

Aos colegas de turma que estiveram a meu lado, tornando-se amigos para a vida.

Às pessoas que pude ter a felicidade de conhecer durante as pesquisas para o levantamento da história e memória das emissoras de rádio estudadas neste trabalho. Pessoas que me dedicaram seu tempo e sua atenção, contribuindo para que esta dissertação fosse concluída.

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de estudos, tornando possível o meu sonho de realizar o mestrado, tendo em vista que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001.

História é um território que vai além de interesses comerciais; é essencial ao desenvolvimento cultural e ao reconhecimento da identidade de indivíduos, regiões e nações; permite lastrear a compreensão do que somos, assim como balizar as escolhas e os rumos tomados (PRADO; BRAGA, 2011, p. 7).

## **RESUMO**

A presente dissertação trata da diacronia radiofônica no estado de São Paulo. O trabalho pressupõe o mapeamento e a análise das emissoras de rádio que foram fundadas nas décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950, na capital, interior e litoral do estado, com o intuito de contribuir e ampliar os estudos já existentes em uma pesquisa temática específica na área de Ciências Sociais Aplicadas, nos campos de História da Mídia, Memória, Cultura e Sociedade. Buscamos compreender a importância e evolução deste meio e para isso partimos da hipótese que a memória do meio rádio não tem sido documentada conforme sua importância. Esta dissertação visa a preencher lacunas no que diz respeito ao registro da história e memória das rádios ainda não documentadas. Objetivamos o levantamento das emissoras de rádio do estado e, a partir daí, a busca pelas emissoras nos períodos estudados. Nesse sentido, pretendemos entender como ocorreram os processos de abertura e evolução dessas rádios. Para tanto, foram realizadas entrevistas com os responsáveis pelas rádios, além do levantamento de documentação, pesquisas em acervos e relatos de experiências de pessoas ligadas às emissoras. Este trabalho relata, além da história das rádios, o papel destas no que se refere a cultura, memória, entretenimento, costumes, política, esportes, dentre outros aspectos da sociedade paulista e brasileira.

**Palavras-Chave:** Rádio. Memória. Estado de São Paulo. Cultura. Sociedade.

## ABSTRACT

This dissertation deals with the radio diachrony in the state of São Paulo. The work presupposes the mapping and analysis of the radio stations that were founded in the 1920s, 1930s, 1940s and 1950s, in the capital, countryside and coastal cities of the state, with the purpose of contributing and expanding a specific existing thematic research in the area of Social Sciences, in the fields of Media History, Memory, Culture and Society. We seek to understand the importance and evolution of this medium. For this, we start off from the hypothesis that the memory of the radio has not been documented according to its importance. This dissertation aims to fill gaps regarding the history and memory of radio stations yet undocumented. We aim to identify all the state's radio stations and then the ones that were established in the period studied here. In this sense, we intend to understand the opening processes and how did the evolution of those radios had occurred. For that, interviews were conducted with those responsible for the radio stations, besides the collection of documentation, research and reports of experiences of the people related to the radio stations. This work reports apart from the history of radios, their role as regarding culture, memory, entertainment, customs, politics, sports, among other aspects of the Paulista and Brazilian society.

Keywords: Radio. Memory. State of São Paulo. Culture. Society.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Ideia principal na visão de cada autor sobre Cultura	35
Tabela 2 – Emissoras de Rádio conforme o ano de Instalação	48
Tabela 3 – Resultado das Emissoras de Rádio fundadas entre os anos 1920 e 1950, que não estavam na pesquisa que deu origem a esta dissertação	129

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Radialista Hélio Silva	53
Figura 2 – Solenidade de inauguração da emissora	54
Figura 3 – Primeira sede da emissora	54
Figura 4 – Locutor Silvio Banchiella Santa Clara	57
Figura 5 – Locutor José Dias Chaves	58
Figura 6 – Locutor Nairson Menezes	59
Figura 7 – Equipe da Rádio Emissora de Campos do Jordão	59
Figura 8 – Peça comercial publicada no jornal <i>A Cidade</i>	60
Figura 9 – Licença para Estabelecimento de Estação Radiofônica	62
Figura 10 – Publicação no jornal <i>A Semana</i> (15 nov. 1945)	63
Figura 11 – Publicação no jornal <i>Voz do Povo</i> (22 dez. 1945)	64
Figura 12 – Publicação no jornal <i>Voz do Povo</i> (27 ago. 1946)	65
Figura 13 – Fundador da Rádio Difusora de Olímpia	66
Figura 14 – Publicação no jornal <i>Voz do Povo</i> (8 ago. 1954)	67
Figura 15 – Publicação no jornal <i>Correio Paulistano</i> (13 nov. 1958)	68
Figura 16 – Publicação no jornal <i>Cidade da Cidade</i> (10 jun. 1972)	68
Figura 17 – Publicação no jornal <i>Cidade da Cidade</i> (8 abr. 1971)	69
Figura 18 – Afonso Miessa, fundador da Rádio Difusora de Olímpia	70
Figura 19 – Publicação no jornal <i>Voz do Povo</i> (29 jun. 1946)	71
Figura 20 – Publicação no jornal <i>Voz do Povo</i> (22 fev. 1947)	72
Figura 21 – Leopoldino Bueno e sua esposa, Hortênia Bueno	74
Figura 22 – Vicente Bueno	75
Figura 23 – Nenê e Bartira	78
Figura 24 – Primeira sede da Rádio Clube de Garça	79
Figura 25 – Trio Serrinha, Rielinho e Caboclinho	80
Figura 26 – Programa de auditório “A Hora do Guri”	81
Figura 27 – Nilson Bastos Bento entrevistando Emil Rached na inauguração do Ginásio de Esportes Wilson Martini	82
Figura 28 – Concurso de Violeiros da Rádio Clube de Garça	82
Figura 29 – Ulisses Newton Ferreira, fundador do grupo Emissoras Coligadas	84
Figura 30 – Jovanir Rampazzo	85

Figura 31 – Auditório da Rádio Valparaíso	85
Figura 32 – Repórter Valdecy de Araújo Lima	86
Figura 33 – Inauguração oficial da ZYS – 7 RÁDIO CLUBE DE OURINHOS no salão do Grêmio Recreativo de Ourinhos	87
Figura 34 – Primeira sede da ZYS – 7 RÁDIO CLUBE DE OURINHOS	89
Figura 35 – Locutor Norton Cunha	90
Figura 36 – Comemoração do primeiro aniversário da ZYS – 7 RÁDIO CLUBE DE OURINHOS	91
Figura 37 – Mesa de Áudio de 1949	92
Figura 38 – Locutor, repórter e comentarista José Mário Toffoli	93
Figura 39 – Locutor Jonas Bonassa (Sabiá)	94
Figura 40 – Jonas Bonassa (Sabiá) com a dupla Rio Negro e Solimões	96
Figura 41 – Jonas Bonassa (Sabiá) com a dupla Luiz Henrique e Fernando	97
Figura 42 – Ulyses Newton	98
Figura 43 – Elaine Simone Rampazo Oliveira	98
Figura 44 – Orivaldo Rampazo	100
Figura 45 – Orivaldo Rampazo	101
Figura 46 – Cartaz do Programa <i>O Sofrimento de Um Povo</i> , de Oswaldo Eduardo	102
Figura 47 – Orivaldo Rampazo (ao centro) com seus filhos Evandro e Tuca (à esquerda e à direita, respectivamente)	102
Figura 48 – Os fundadores da Rádio Cultura de Bariri com suas famílias	103
Figura 49 – Orlando Belluzzo	104
Figura 50 – Orlando Belluzzo Filho (à esquerda)	105
Figura 51 – Leônicio e Leonel	106
Figura 52 – Auditório da Rádio Cultura de Bariri	106
Figura 53 – Locutor Alexandre Oliveira	108
Figura 54 – Dupla João Paulo & Daniel	109
Figura 55 – Locutor Nim Lenci	110
Figura 56 – Marcio Américo Mageste	111
Figura 57 – Atual sede da Rádio Cultura Regional	114
Figura 58 – Joelmir Beting	116
Figura 59 – Locutor Silvio Faria	117
Figura 60 – José Naidelice	118

Figura 61 – Alto-falantes no centro de Santa Bárbara d’Oeste	119
Figura 62 – Primeira Sede da Rádio Brasil	120
Figura 63 – Funcionários da rádio com o material arrecadado em uma das campanhas promovidas pela emissora em 1959	122
Figura 64 – Cabine de rádio na arquibancada do antigo campo do Internacional “Ferro Velho”	123
Figura 65 – Cururu no auditório da Rádio Brasil em 1959	124
Figura 66 – Cartaz da Inauguração da Rádio Difusora	126
Figura 67 – Geraldo Meirelles: O Marechal da Música Sertaneja	128

## **LISTA DE SIGLAS**

ZYL – 6 RÁDIO EMISSORA DE CAMPOS DO JORDÃO  
ZYB – 8 RÁDIO DIFUSORA DE OLIMPIA  
ZYK – 504 RÁDIO DIFUSORA DE AMPARO  
ZYJ – 6 RÁDIO DIFUSORA DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA  
ZYL – 3 RÁDIO CLUBE DE GARÇA  
ZYP – 3 RÁDIO VALPARAÍSO  
ZYS – 7 RÁDIO CLUBE DE OURINHOS  
ZYK – 538 RÁDIO BRASIL DE ADAMANTINA  
ZYK – 590 RÁDIO GUARUJÁ PAULISTA  
ZYZ – 8 RÁDIO CULTURA DE BARIRI  
ZYR – 74 RÁDIO BROTENSE  
ZYR – 54 RÁDIO CULTURA REGIONAL  
ZYR – 70 SOCIEDADE RÁDIO TAMBAÚ  
ZYR – 91 RÁDIO BRASIL AM  
ZYR – 204 RÁDIO DIFUSORA DE CASA BRANCA

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 1</b> <b>COMUNICAÇÃO E MEMÓRIA: A MEMÓRIA DO RÁDIO EM SÃO PAULO</b> .....	18
1.1. História Oral: A Conservação do Passado.....	18
1.2. Memória Individual e Coletiva: A Reconstrução do Passado.....	22
1.3. Memória Histórica: A Preservação do Passado.....	25
<b>CAPÍTULO 2</b> <b>RÁDIO, CULTURA E SOCIEDADE</b> .....	30
2.1. Cultura.....	30
2.2. Diversidade Cultural, Globalização e Cultura de Massa.....	35
2.3. O Rádio como Agente Cultural.....	40
<b>CAPÍTULO 3</b> <b>AS RÁDIOS PAULISTAS</b> .....	47
3.1. A “Época de Ouro” do Rádio Brasileiro.....	47
3.2. As Rádios Paulistas: Capital, Interior e Litoral.....	50
3.3. Tabela de Resultados.....	129
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	130
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	134
<b>ANEXO 1</b> .....	138

## INTRODUÇÃO

Antes de evoluir texto, é importante ressaltar que a presente dissertação faz parte de um projeto temático sobre as Rádios Pioneiras nas décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950 Brasil-España, que têm como pesquisadores responsáveis na Fapesp no Brasil o Prof. Dr. Antonio Adami, da Universidade Paulista, e na Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense de Madrid-España, o Prof. Dr. Manuel Ángel Fernández Sande. Parte desta pesquisa foi publicada em diversos artigos nacionais e internacionais, assim como também resultou na publicação em 2014 do livro *O Rádio com Sotaque Paulista*, do Prof. Dr. Adami. A obra trata do levantamento e da análise das emissoras de rádio no estado de São Paulo nas décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950.

Nosso objeto de estudo, bibliografia e método de trabalho foram se definindo à medida que pudemos entender a importância de registrar a história e a memória das emissoras de rádios no estado de São Paulo que foram fundadas entre os anos 1920 e 1950. Nesse sentido, entendemos que o rádio, desde seu advento em nosso país, sempre foi um meio presente na vida das pessoas, quer dentro de casa, no ambiente profissional ou em eventos sociais. O rádio acompanha episódios da história e, assim sendo, apresenta-se como um meio de comunicação com participação ativa na construção social. Colocada essa análise, esclarecemos que o propósito desta dissertação foi trabalhar com as rádios ainda não abordadas nas pesquisas anteriores, citadas acima, com o intuito de contribuir com os estudos que virão a respeito do tema, ampliar a discussão e colaborar com o panorama e análises sobre o campo. Temos por objetivo também resgatar a memória radiofônica paulista, no sentido de aprofundar entendimentos do rádio como patrimônio material e imaterial da cultura brasileira.

Existiram empecilhos de ordem documental e teórica, e percebe-se um certo descaso do poder público com relação à história e à memória do rádio, seja regional ou nacional, encontrando-se, inclusive, dificuldades em achar documentos que relatem a história das emissoras estabelecidas, bem como no levantamento de dados referente aos arquivos das emissoras nesses locais, pois muitas não tiveram a preocupação de guardar registros de sua história, o que acarreta na perda de muitas informações importantes para a manutenção da história, que foi construída por todas as pessoas vinculadas às rádios, historicamente construindo o alicerce da

comunicação radiofônica do País. Como diz Calabre (2003, p. 01), “as emissoras de rádio não costumavam preservar a documentação”; também, como aponta Adami (2014, p. 44), “as rádios quando passam por mudanças de direção e gestão, no geral, como que intencionalmente, vivem um processo de esquecimento de sua história e desaparecem seus artistas, músicos, arquivos”. Para o autor, a história oral é extremamente útil para o viés diacrônico da pesquisa, dada a fertilidade oral do meio rádio. Nesse sentido, tornou-se um desafio conseguir contato com quem pudesse nos fornecer informações a respeito do passado das rádios, desde suas fundações, e a possibilidade de realizar entrevistas com esses pioneiros, o que não é uma tarefa fácil, pois muitos já estão com idade avançada. Da mesma forma, muitas emissoras mudaram de administração com o passar dos anos, outras foram vendidas e algumas, mesmo pertencendo até os dias de hoje às mesmas famílias que as inauguraram, não quiseram por algum motivo nos passar nenhuma informação.

Diante da ausência de registros históricos, a pesquisa que embasou esta dissertação buscou responder se um levantamento realizado através de pesquisa documental e oral permite recuperar o acervo das rádios paulistas. A problemática que se lança está relacionada à possibilidade de resgatar a memória das rádios paulistas, sobretudo por meio oral. A pesquisa trouxe como hipótese que é possível recuperar parte de uma história por meio de um trabalho científico que aborde memória, cultura e história. Contudo, é justamente a consciência da importância de preservar o que permanece que fortalece e impulsiona a continuidade deste trabalho. Segundo Prado (2012):

O que ocorre de 1923 a 1945 no rádio brasileiro merece ser lembrado, ainda que sucintamente. Apesar de seus problemas e dificuldade, o rádio brasileiro dá ao país uma quantidade de benefícios incrivelmente vasta em favor da integração cultural, da informação, da política e da consciência de nação, que se consolida até os anos 1950. (PRADO, 2012, p.166).

Com relação ao método de pesquisa, gostaríamos de ressaltar que, do nosso ponto de vista, a pesquisa científica tem como objetivo a produção de novos conhecimentos relevantes, tanto teoricamente quanto socialmente. Compreendemos como “novo”, nesse caso, algo que preenche uma lacuna no campo da pesquisa. Assim sendo, é utilizado aqui um método de trabalho com base em um quadro

teórico, bem como da história oral através de entrevistas abertas com locutores, radiojornalistas, diretores, funcionários das emissoras, etc., o que pressupõe uma estratégia de aproximar desses profissionais por meio de entrevistas realizadas através de um roteiro semiestruturado, que consiste no relato de experiências testemunhadas ou vividas pelos entrevistados, porém buscando dar-lhes o máximo de liberdade.

Um trabalho científico se justifica pela sua relevância social e científica. Dessa maneira, é possível perceber a importância de registrar a história e a memória do meio rádio, pois trata-se de um patrimônio histórico e cultural, um legado para as comunidades de hoje, bem como para as futuras gerações. Como muito da história das emissoras está se perdendo por inúmeras razões, observa-se a razão de se levantar, registrar e analisar esses dados para que não se percam. Segundo Klockner:

O resgate e preservação da memória do rádio assumem importância à medida que muito da história dessas emissoras está ligada ao desenvolvimento das comunidades, devido ao caráter de veículo formador e articulador de opiniões, além de disseminar as mais diversas manifestações culturais. Registrar sua história é regenerar a história da comunidade regional e respeitar as raízes do passado. Atualmente historiadores têm demonstrado maior interesse pela relação entre história e memória, porque a memória coletiva e documentada além de ser um patrimônio documental, vem a ser um patrimônio histórico e cultural. É o legado para as comunidades futuras. (KLÖCKNER, 2011, p. 170).

A história das emissoras está diretamente ligada ao desenvolvimento das comunidades devido ao seu poder de penetração e influência, além de disseminar as mais diversificadas manifestações culturais. Tudo que é transmitido pelas ondas do rádio pode influenciar o repertório cultural do povo de uma região. Assim sendo, a programação das emissoras de rádio pode refletir as peculiaridades culturais da região onde ela está inserida. O rádio tornou-se popular ao estabelecer uma relação de cumplicidade e afetividade com a sociedade, construindo, assim, sua credibilidade. O rádio como meio de comunicação realmente teve e continua tendo um papel primordial na vida das pessoas, contribuindo direta e indiretamente no que diz respeito a cultura, entretenimento, esporte, notícias, política, dentre outros aspectos sociais. Portanto, registrar a história do rádio é poder eternizar a história da comunidade regional.

Para tanto, este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro tratará de memória e sociedade, discorrendo sobre a oralidade e sua importância, abordando as memórias individual e coletiva e finalizando o capítulo com os conceitos de memória histórica. O segundo capítulo falará sobre cultura, primeiramente com uma abordagem geral teórica do conceito de cultura, seguida de um panorama de diversidade cultural, globalização e mídia de massa e, por fim, sobre o meio rádio e sua importância como agente cultural e sua influência na sociedade. O terceiro capítulo trará o que foi a “Época de Ouro” do rádio no Brasil, por ser um período de grande importância para a história do meio rádio e por ser o período em que mais encontramos emissoras de rádio que ainda não estavam na pesquisa que originou esta dissertação; também será relatado, neste capítulo, o resultado das pesquisas sobre a história das rádios, bem como seu papel na sociedade paulista.

## CAPÍTULO 1      COMUNICAÇÃO E MEMÓRIA: A MEMÓRIA DO RÁDIO EM SÃO PAULO

Estudar o meio rádio proporciona um grande aprendizado e entendimento a respeito de nosso país, quão rica é a história desse meio de comunicação que se entrelaça com a memória de nosso povo. Como salientam Gomes e Rodrigues (2016, p. 12), “as formas primordiais de conexão entre passado e presente são concepções que regulam o desejo inconsciente do sujeito social em busca contínua da sua própria identidade”.

Dividido em três subcapítulos, aqui nos valemos de uma base teórica que inclui alguns autores que centram suas reflexões na memória, como Bergson, Bosi, Calabre, Halbwachs, Le Goff e Nora, dentre outros.

Discorre-se, no primeiro subcapítulo, sobre a oralidade e sua importância em relação à reconstrução das histórias das rádios no estado de São Paulo. Nele serão tratados os conceitos de narrativa oral.

O segundo subcapítulo abordará a memória individual e coletiva. Serão discutidas as diferenças entre esses dois tipos de memória no que diz respeito ao passado e à reconstituição da história das rádios.

O terceiro subcapítulo tratará da memória histórica, pautando-se na construção de um pensamento histórico e social, partindo do pressuposto de que a história e a memória são necessárias para o entendimento da sociedade e que, portanto, são imprescindíveis para o entendimento da história das emissoras de rádio.

### 1.1. História Oral: A Conservação do Passado

Existem diversos caminhos que podem ser utilizados para a realização da reconstrução da história do rádio. Contudo, existe o que Nora (1993, p. 21) denominou “lugares de memória”, algo que é ao mesmo tempo material, simbólico e funcional, em que a memória “é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento” (NORA, 1993, p. 9), um fenômeno sempre atual, “um elo vivido no eterno presente” e no qual esses “lugares” se cruzam e que podemos dizer que são

chamados de história oral, sendo, nesse caso, as narrativas e depoimentos de memórias que pertencem aos profissionais de rádio e também às pessoas que tiveram ou têm alguma ligação com esses profissionais. Diante das lacunas na documentação, fez-se necessário a utilização das fontes orais, cujos relatos nos forneceram informações significativas, contribuindo para a reconstrução da história e memória das emissoras de rádio. De acordo com Gomes e Rodrigues (2016, p. 9): “A tradição oral constitui-se numa forma de preservação da história através da fala, considerada a maneira mais presente de transmitir conhecimento antes da escrita [...]”.

Para o melhor desenvolvimento deste trabalho e como parte do método de pesquisa, contou-se com relatos de memórias de diversas pessoas, com o intuito de chegar a um maior conhecimento da história das rádios aqui estudadas. Tais relatos são chamados de história oral, e trabalhar esse tipo de história pode ser um enorme desafio, tendo em conta a dificuldade de contato com pessoas que possam nos relatar fatos do passado. Contudo, é de grande importância, como relata Thompson (1992):

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, p.17, 1992).

Nessa linha, foi possível perceber a relevância desse tipo de história para a evolução desta dissertação e para entender que, utilizando a fonte oral, pode-se agregar uma dimensão viva, trazendo diferentes perspectivas à historiografia, em razão de que muitas vezes necessitamos de documentos variados, não apenas escritos.

Ainda conforme a citação de Thompson, a história oral centra-se na memória humana e na sua habilidade de relembrar o passado enquanto testemunha do vivido. Assim, a memória pode ser entendida como a presença do passado e como sendo uma construção de fragmentos representativos desse passado. Fragmentos, pois não é em sua totalidade, mas sim de modo fracionário, em decorrência de estímulos para a recordação. Consequentemente, a memória é a reconstrução do

passado no presente, da qual, de certa forma, o indivíduo filtra suas lembranças, ativando apenas aquilo que é significativo.

Por conseguinte, a memória das rádios do estado de São Paulo se desencadeia por meio das histórias de vidas ou histórias contadas. Assim, as fontes orais categorizadas como profissionais do meio e/ou ouvintes das rádios dão vida ao veículo rádio e permitem a reconstituição da memória radiofônica por intermédio de relatos.

Trabalhar com narrativas orais, significa pensar nas tradições que passam de geração para geração por meio da voz, na intenção de conservar o passado. Antigamente, contar histórias não era simplesmente uma prática do cotidiano, mas sim um ofício comum pelo qual as pessoas se encarregavam de transmitir ensinamentos e lições de vida. Quando se conta uma história, o narrador permite que quem está ouvindo receba sabedoria. Como salienta Barbosa (2011):

E assim, numa prática que parece tão banal – a de contar histórias –, o homem, desde os seus primórdios até hoje, tece a teia da sabedoria, repete as histórias que se tornaram importantes para a sua vida, mesmo que elas tenham acontecido com outros. (BARBOSA, 2011, p. 11).

Portanto, a história oral é um meio para chegarmos a um texto histórico, sendo esse um elo entre o tempo passado e o presente dos entrevistados. Isto é, a história oral significa uma forma de preservação da história por meio da fala, considerada a forma mais presente de transmitir o conhecimento. Dessa maneira, os relatos coletados por nós na pesquisa nada mais são do que a história sendo reconstruída através das vozes de pessoas que vivenciaram os primórdios do rádio e, sendo assim, puderam nos transmitir suas experiências no que se refere à sua relação com esse meio tão importante.

Para coletar os relatos sobre a história das rádios, foram feitos contatos com diversas pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a fundação das emissoras. De acordo com Calabre (2003):

No caso da história social do rádio não somente as memórias dos profissionais servem como fonte. Todas aquelas pessoas que viveram neste período podem ser consideradas ouvintes em potencial e a presença do rádio muitas vezes se encontra registrada como um fato corriqueiro na vida delas. (CALABRE, 2003, p. 4).

Narrativas orais, além do relato de um ou mais fatos, são narrativas da vida e da história. São relatos de memórias contados pelas vozes de quem viveu momentos que marcaram suas vidas. Para Halbwachs (2006, p. 29), “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação”. Seguindo essa ideia, a memória se insere nesse contexto por ser a faculdade que nos dá a oportunidade de armazenar o que vivenciamos, acumulando experiências e permitindo ampliar os referenciais de conhecimento histórico e sociocultural. Porém, lidar com memória nem sempre é algo preciso. Como aponta Bosi (1994):

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. (BOSI, 1994, p. 39).

Sendo assim, é preciso atentar ao fato de que algumas vezes se faz necessário entrevistar o indivíduo em mais de uma ocasião, para que os fatos que foram lembrados após a entrevista sejam também registrados, tendo em vista que, por conta da entrevista, as recordações que até então poderiam estar esquecidas podem ser revividas, como afirma Bosi (1994, p.39): “lembraça puxa lembrança [...]”.

Por conseguinte, a história oral como procedimento metodológico busca registrar e, consequentemente, perpetuar vivências, lembranças e impressões dos indivíduos que se dispõem a partilhar suas memórias com a coletividade, permitindo, assim, um conhecimento bastante rico e dinâmico de acontecimentos que, de outra forma, não conheceríamos.

É dessa forma que, através de narrativas, consegue-se tecer parte da memória radiofônica aqui enfocada, pois quando os entrevistados descrevem o passado da radiodifusão das emissoras de rádio, reconstruem consequentemente a história do rádio e revelam a memória coletiva da sociedade onde essas emissoras estão inseridas.

## 1.2. Memória Individual e Coletiva: A Reconstrução do Passado

Em busca da reconstrução do passado e com o intuito de registrar a história das emissoras de rádio estudadas neste trabalho, deparamo-nos com um instrumento importante para o desenvolvimento desta dissertação: a memória. Na definição de Le Goff (1990, p. 477), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. Essa definição introduz o universo das lembranças sociais e das memórias que podem representar a formação e a preservação da identidade de um povo.

Por conseguinte, quando se pensa na formação da memória do nosso povo, o rádio tem um papel primordial nesse sentido, tendo a capacidade de dirigir-se a um amplo público de todas as idades e classes sociais, ajudando, assim, a compor a memória do povo brasileiro. Logo, a memória radiofônica recai sobre o fato de que ela representa uma série de acontecimentos que são vivenciados no cotidiano, independentemente do contexto social.

É, portanto, nesse contexto social que ocorre a formação da memória coletiva, cujo conteúdo pode representar os membros que a construiu. Contudo, o fato de o indivíduo estar inserido em uma coletividade não impede o aparecimento da individualidade do membro. De acordo com Alencar<sup>1</sup>, “cada indivíduo carrega suas lembranças pessoais, porém, ele está inserido em um contexto, vivendo em uma sociedade, e é nesse contexto que ele consolida suas lembranças”. Assim sendo, a memória de um indivíduo sofre influências de tudo que o rodeia, como dizem Gomes e Rodrigues (2006, p. 16): “o meio social oferece as bases para a construção da memória individual que, ao contato com os demais membros da comunidade, algo em comum constituirá a memória coletiva”.

Ao estudar memória individual e coletiva, Halbwachs (2006, p. 29) relata que as lembranças são agrupadas nesses dois tipos de memória, das quais o indivíduo adota diferentes atitudes diante de cada uma delas. Ele ainda destaca que “[...] se nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossas recordações será maior [...]” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

---

<sup>1</sup> ALENCAR, Mauro. **A Memória Coletiva e a Memória Histórica.** Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r2/ccientifica\\_01.pdf](http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r2/ccientifica_01.pdf)>. Acesso em: 1º ago. 2017.

A primeira, a memória individual, está relacionada à personalidade do indivíduo e à sua vida pessoal e corresponde ao acúmulo de lembranças particulares pertencentes a cada pessoa. A convivência em sociedade não isenta o indivíduo de vivenciar experiências próprias que permitam que ele construa suas lembranças individuais. Já a outra, a memória coletiva, está ligada à sua participação como membro de um grupo ou sociedade e contribui para manter as lembranças impessoais na medida que elas interessem ao grupo. A memória individual pode, em certos momentos, confundir-se com a coletiva, pois essa pode apoiar-se sobre a outra a fim de confirmar, dar precisão ou até mesmo preencher lacunas. Como salienta Alencar<sup>2</sup> (2002):

Para retomar seu próprio passado, o ser humano frequentemente precisa buscar apoio nas lembranças dos outros, reportando-se a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (ALENCAR, 2002).

Seguindo essa ideia, é possível entender que esses dois tipos de memória se completam, dependendo uma da outra, mostrando, assim, a relevância de estudar as duas paralelamente, uma vez que elas se complementam. No decorrer da vida, o indivíduo registra suas lembranças pessoais e também compõe as lembranças de um grupo, sendo que a memória coletiva envolve a individual, porém não se confundem entre si. Para Halbwachs (2006, p. 72), esses dois tipos de memória se interdependem frequentemente, ou seja, a individual apoia-se na coletiva para precisar alguns dados, ou seja: “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças dos outras, e se transporta a pontos de referencia que existem fora de si” (HALBWACHS, 2006, p. 7).

Pode-se dizer que a memória coletiva reconstrói os processos identitários de uma sociedade e que a memória individual pode se agrupar ao redor de uma determinada pessoa. Sendo recordada por integrantes de uma comunidade ou por um único indivíduo, a lembrança pode ser entendida como uma reconstrução do passado com o auxílio de informações emprestadas do presente. Assim, é possível dizer que, por intermédio das lembranças, podem surgir situações vividas, através

---

<sup>2</sup>ALENCAR, Mauro. **Futebol e Novela na Memória do Povo**. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP14ALENCAR.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP14ALENCAR.pdf)>. Acesso em: 4 out. 2017.

das quais buscamos estabelecer contato com o passado, mesmo estando em meio a ideias e imagens do presente.

No que se refere à memória coletiva, essa compreende as reminiscências em comum que dizem respeito aos membros de um determinado grupo social e que, como aponta Halbwachs (2006):

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. (HALBWACHS, 2006, p. 51).

Entende-se, então, que a formação da memória coletiva é o processo de interação social, da qual o conteúdo pode representar os membros que a construiu. Porém, o fato de estar inserido na coletividade não cessa a individualidade dos integrantes. Essa ideia nos leva a entender que, paralelamente à memória coletiva, constituíram-se as memórias individuais, as quais correspondem às lembranças exclusivas de cada indivíduo. O convívio em sociedade não isenta a pessoa de vivenciar experiências e momentos próprios que possibilitem a formação de lembranças individuais. Ainda que inserido no meio social e dividindo lembranças comuns, existem variações no que se refere a como elas se apresentam para cada indivíduo do grupo. Conforme explica Halbwachs (2006):

Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos (não em aparência, mas realmente sós), cuja imagem não esteja no pensamento de nenhum conjunto de indivíduos, algo que recordaremos (espontaneamente, por nós) nos situando em um ponto de vista que somente pode ser nosso. (HALBWACHS, 2006, p. 42).

Partindo dessa teoria, para o melhor desenvolvimento deste trabalho buscouse explorar tanto a memória individual de cada um dos entrevistados como a memória coletiva e do lugar onde as emissoras estão inseridas. Através de registros obtidos, visamos a montar um quebra-cabeça para relatar neste trabalho o que foi encontrado sobre a histórias das rádios. A expressão “memória radiofônica” é entendida aqui como acontecimentos, fatos e noções do passado no que se refere às rádios. Para reconstruir a memória radiofônica das emissoras de rádio aqui

estudadas, recorremos às lembranças individuais e coletivas dos entrevistados, pois como salienta Bosi (1994):

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. (BOSI, 1994, p. 31).

Nessa reconstrução da lembrança, a memória do grupo a que a pessoa pertence também passa a ter grande importância, como diz Bergson (1999 apud HALBWACHS, 2003, p. 12): “o passado permanece inteiramente dentro de nossa memória, tal como foi para nós; porém alguns obstáculos, em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes” e, por esse motivo, precisamos do apoio da lembrança de outros indivíduos. Contudo, para que a memória de outros venha a completar a nossa, é necessário que as lembranças deles tenham relação com os eventos que constituem o nosso passado.

Partindo desse pressuposto, é possível entender que tanto a memória individual quanto a coletiva podem ser úteis na reconstrução da memória da história das rádios que se caracterizam neste objeto de estudo, tendo em vista que foram utilizados testemunhos de uma ou várias pessoas que estão inseridas no contexto analisado neste trabalho.

### 1.3. Memória Histórica: A Preservação do Passado

Segundo as definições mais simples de dicionários, *memória*<sup>3</sup> é a faculdade de reter ideias, sensações e impressões adquiridas anteriormente. Ela é o efeito da faculdade de lembrar a própria lembrança. Outra definição seria a recordação que a posteridade guarda. Dessa forma, pode-se compreender que ela seja o vestígio de um acontecimento, e que se as memórias forem narradas e transcritas, vêm a ser documentos históricos. De acordo com Gomes e Rodrigues (2016, p. 12), a memória é “a faculdade que permite armazenar os acontecimentos vivenciados, acumulando experiências e ampliando os referenciais de conhecimento histórico e sociocultural”.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/memoria/>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

Desde seu surgimento, a incumbência da História é prover à sociedade um esclarecimento de suas origens. Ao refletirmos sobre nosso passado, é natural relacionarmos as fases de nossas vidas aos acontecimentos históricos. Porém, é na história vivida que se apoia nossa memória individual. Por outro lado, a memória histórica exige um afastamento da memória pessoal ou vivida para chegar ao ponto de vista do grupo. Segundo a definição de Nora (1993):

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...]. (NORA, 1993, p. 9).

É interessante observar que as lembranças históricas que foram construídas durante nossa vida são influenciadas pelas lembranças de outras pessoas, principalmente as mais velhas. Assim, se nossas memórias pessoais se baseiam nos relatos de outras pessoas, o idoso tem um papel importante na construção de nossa memória, como diz Halbwachs (2003):

Geralmente, é na medida em que a presença de um parente idoso está de algum modo impressa em tudo aquilo que nos revelou de um período e de uma sociedade antiga que ela se destaca em nossa memória não como uma aparência física um pouco apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro que o resume e o condensa. (HALBWACHS, 2003, p. 70).

Portanto, podemos dizer que, neste trabalho, os relatos de idosos são primordiais, tanto aqueles feitos diretamente ao entrevistador como às pessoas que transmitiram informações sobre a história das rádios no que se refere à construção da memória histórica das emissoras. Como diz Bosi (1994, p. 53), “a lembrança é a sobrevivência do passado”.

Durante sua vida, o indivíduo armazena suas lembranças pessoais, mas também registra inúmeros acontecimentos que obteve por intermédio de jornais ou outras mídias e também através de depoimentos de pessoas que participaram direta ou indiretamente de tais acontecimentos. Essa memória é conhecida como memória

“emprestada” e que serve como apoio às lembranças históricas. Dessa maneira, temos, então, outros dois tipos de memória que na visão de Halbwachs (2003) são:

[...] uma interior ou interna, a outra exterior; ou então uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 2003, p. 59).

Assim sendo, nos depoimentos registrados nas pesquisas contidas aqui, esses dois tipos de memória retratados por Halbwachs são de extrema importância, levando em consideração o fato de que muitos dos entrevistados não viveram a época da fundação e dos primórdios das rádios pioneiras de suas cidades. Dessa forma, recorreram às memórias “emprestadas” ou externas para que fosse possível fornecerem seus relatos, além de suas próprias experiências diretas e ou indiretas no que diz respeitos às histórias das rádios.

Outro fator importante sobre a memória que merece destaque é que as lembranças são reconstruídas no presente, pois essas refletem os fatos do passado com a influência de dados do presente. Devido ao distanciamento temporal dos acontecimentos, a lembrança vai se moldando de acordo com os acontecimentos que vão ocorrendo no decorrer do tempo, perdendo, assim, a precisão e a individualidade dos fatos.

Tal efeito pode ser observado quando a história das rádios é relatada e nos deparamos com fatos que foram claramente influenciados e moldados ao serem contados, transmitindo-nos a ideia de que a lembrança não é estática e evolui no decorrer dos fatos, fazendo com que lembranças antigas se entrelacem com as lembranças presentes e com as de outras pessoas.

Sendo assim, este trabalho é uma ligação entre história, rádio e memória, na qual foram buscados aprimoramentos, a fim de trazer à tona os sentidos inerentes ao objeto de investigação aqui presente: a história das rádios no estado de São Paulo. Consideramos que a relevância deste trabalho incide sobre o fato de que a memória das emissoras de rádio retrata uma série de acontecimentos que vivemos no cotidiano, seja qual for a classe ou contexto social.

Pressupomos a capacidade que o rádio tem de aflorar as ideias dos ouvintes, pois esse trabalha com o imaginário, originando daí a possibilidade de envolvimento através do conteúdo apresentado. O que sucede dessa situação é encontro das vivencias de cada ouvinte. De acordo com Strohschoen (2004, p. 31), a relação entre mídia, realidade social e memória é dinâmica e reflete a natureza da comunicação, portanto, destacando que “abordar o fenômeno da memória hoje é aproximar-se bastante de um aspecto central dos seres humanos: o processo de comunicação, o desenvolvimento da linguagem enquanto esfera simbólica”.

Assim sendo, a memória radiofônica manifesta-se como um conjunto de símbolos, que fazem parte da vida coletiva, situados no tempo e assimilados por meio de constantes ressignificações mnemônicas. Isto é, a cada história que recai sobre certos episódios existe um tipo de “segundas histórias”, relatadas consecutivamente entre gerações, que recompõem um cenário que teve início no passado. Tal propagação origina-se do processo de mediação e transmissão de conceitos simbólicos, que podem armazenar dados e resgatá-los em forma de lembranças.

Como consequência desse trabalho de recuperação da memória, levamos em consideração o passado vivido e aprendido dos entrevistados, uma vez que a intenção foi a de identificar a diversidade social de tipos de linguagem dessas pessoas na afluência dos episódios que estabelecem o objeto de estudo desta dissertação. Em contrapartida, foram levadas em consideração expressões como “me contaram” ou “ouvi dizer”, nas análises, levando em conta que podem ser relevantes na reconstituição da memória radiofônica, no que se refere a preencher lacunas, conforme explica Halbwachs (2003):

[...] para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas lacunas, pode-se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância. (HALBWACHS, 2003, p. 71).

Um outro aspecto de grande relevância acerca da memória é a relação da lembrança com os lugares. As memórias, tanto a individual quanto a coletiva, têm como uma referência importante os lugares para que seja possível sua construção.

As memórias dos indivíduos, bem como a dos grupos, também podem se referenciar nos locais onde habitam ou visitam, e nas relações construídas com esses lugares.

Os locais são importantes referências nas memórias dos indivíduos e dos grupos, tendo em vista que experiências ocorridas neles podem acarretar mudanças em suas vidas e memórias. Na história de um determinado lugar, estão presentes os valores, tradições, cultura, costumes, dentre outros fatores fundamentais para a formação da comunidade e que permeiam a memória individual e coletiva da localidade, sendo assim fundamental para construção da história local, como aponta Bosi (1994, p. 55): “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” – a fim de ter elementos que possam constituir a história local e que vêm ao encontro do nosso objeto de pesquisa na reconstrução da história das rádios nos locais onde estão inseridas, já que memória e história local estão diretamente interligadas.

Porém, a história se refere a um entendimento e é lógica, discursiva e analítica, enquanto que a memória está baseada no imaginário, dessa maneira não se prendendo à sequência ou ao tempo, sendo assim seletiva e parcial. Entendemos, então, que ao estudarmos as histórias das rádios precisamos levar em conta tanto a história local como a memória de seus habitantes.

## CAPÍTULO 2 RÁDIO, CULTURA E SOCIEDADE

Para que seja possível entender o papel do rádio na sociedade e sua importância como transmissor e influenciador cultural, é necessário evoluir entendimentos sobre os conceitos de cultura, diversidade, globalização e cultura de massa, pensando o rádio como mediador cultural. Através das ondas do rádio, a cultura brasileira se propaga e constrói a história do País. O rádio se torna, nesse aspecto, agente cultural e agente da história social e política.

### 2.1. Cultura

O conceito de cultura vem sendo abordado em diversas áreas, especialmente na comunicação, na sociologia e na antropologia. Apesar da quantidade de obras sobre o tema, seria ingenuidade buscar definir *cultura*. Para Napolitano (2008):

O nosso olhar sobre a cultura não é algo chato e inerte, entendida apenas através de conceitos teóricos, pois isso pode isolar a cultura de uma realidade social mais ampla. Optamos então por uma perspectiva que procura enfatizar a cultura brasileira como viva, dinâmica, fugidia e inserida na realidade de todos nós, cidadãos à procura de uma identidade. Algo impossível de ser classificado fria e objetivamente na medida em que é o caleidoscópio do país, em si mesmo, contraditório, dinâmico e plural [...]. (NAPOLITANO, 2008, p. 7).

Assim, evoluiremos o texto deste capítulo com base na literatura, com o intuito de aprofundarmos entendimentos sobre as discussões existentes sobre o tema cultura, tão caro para a nossa pesquisa. Para Burke (2003, p. 43), “a teoria da cultura não foi inventada ontem. Pelo contrário, ela foi se desenvolvendo gradualmente a partir do modo como os indivíduos e grupos têm refletido sobre as mudanças culturais através dos séculos”.

A palavra cultura vem do latim *colere*, que pode ter diversos sentidos, tais como: cultivar, habitar, cultuar, cuidar, tratar bem, prosperar. Juntamente com a antropologia, no fim do século XIX e início do século XX surgiram alguns conceitos de cultura, que passa a ser entendida como o conjunto de valores, costumes, crenças e comportamentos dos quais os seres humanos participam, interpretam e transformam o universo onde vivem, como salienta Melo (1975):

O fenômeno cultural vem sendo tradicionalmente analisado, numa visão antropológica, como acervo de experiências, acúmulo de iniciativas que o homem desenvolve no sentido de transformar a natureza e aperfeiçoar a sociedade. (MELO, 1975, p. 109).

Nesse sentido, ao estudarmos a cultura percebemos que, como aponta Santos (1994, p. 8), “cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”. Realmente cultura é um conceito global. Na visão de Edgar Morin: “[...] uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções” (MORIN, 1967, p. 17 apud MELO, 1975, p. 109). Assim, entender o termo cultura requer entendimento a respeito das diversas formas de existência: comportamentos, crenças, valores, costumes, conhecimentos, hábitos.

Complementando a percepção de Morin, Santos diz que: “Cultura é uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro” (SANTOS, 1994, p. 7). Partindo desse princípio, a cultura pode ser considerada como algo relacionado à forma de viver de um grupo humano através dos tempos. Para Morin, pode existir mais de um tipo de cultura: “uma “cultura” que define, em relação à natureza, as qualidades propriamente humanas do ser biológico chamado homem; e, de outro lado, culturas particulares segundo as épocas e as sociedades” (MORIN, 2011, p. 5).

Por outro lado, Brandão e Duarte (1990) nos fazem pensar na dimensão cultural sobre os variados aspectos que constituem a evolução humana:

A cultura surge das relações que os homens travam entre si e com o meio em que vivem, em busca da própria sobrevivência. É um produto do trabalho do homem e de tal forma inerente à sua vida, que podemos afirmar que não existe ser humano sem cultura, bem como que todo ser humano é produto de sua cultura. Em outras palavras, o homem é produto e produtor da cultura. (BRANDÃO e DUARTE, 1990, p. 9).

Por esse ponto de vista, a cultura pode ser o resultado da inserção do ser humano em contextos ambientais e sociais, sendo a adaptação do homem aos diversos ambientes em que convive. Por intermédio da cultura, o ser humano pode modificar seu *habitat* ao vencer obstáculos e superar dificuldades.

A cultura pode estar também associada à educação e à sabedoria, podendo ser definida como algo aprendido e adquirido. Partindo desse ponto de vista, a cultura está relacionada ao nível educacional, sendo conferida àqueles julgados letrados. Assim, o termo cultura pode ser usado para discriminar aqueles que não tem conhecimento e, portanto, considerados sem cultura, contrariando a ideia de Brandão e Duarte citada anteriormente. De acordo com Santos (1994), cada realidade cultural possui sua própria racionalidade, e a compreensão desses aspectos racionais é de extrema importância na luta contra o preconceito.

Em outra perspectiva, a cultura pode ser conceituada como o conjunto de características comuns do comportamento humano, referindo-se à personalidade e à vida social do indivíduo, como conceitua Da Matta (1986):

Para nós, ‘cultura’ não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de ‘civilização’, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. (DA MATTÀ, 1986, p. 123).

A cultura possui aspectos tangíveis e intangíveis, que contribuem com a construção da realidade social daqueles que a integram, estabelecendo normas e valores. As normas básicas de comportamento, porém, são reguladas por uma variedade de regras, permitindo diferentes variações dentro de uma única cultura, sendo uma ferramenta para compreendermos as diferenças entre os homens e as sociedades. De acordo com Da Matta (1986, p. 126), “Essas diferenças seriam resultado das diversas configurações ou relações que as sociedades estabelecem no decorrer de suas histórias”.

Analizando sob esse ponto de vista, a cultura pode ser definida como os costumes de um determinado grupo ou localidade, baseando-se nas atividades, hábitos e situações cotidianas desses indivíduos. A sociedade está em permanente interação, onde cada cultura possui sua própria e única maneira de funcionar. Quando a sociedade é entendida em seus contextos particulares, podemos evitar a criação de estereótipos, prevenindo conflitos.

Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar

lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo. (LARAIA, 1986, p. 90).

Em pleno século XXI existe ainda o embate entre raças, credos e religiões, e esses conflitos geram a barbárie. Isso ilustra a questão: quando o homem observa o mundo apenas sob a ótica de sua cultura, considerando apenas seu ponto de vista como correto, ocasiona conflitos sociais, muitas vezes a partir de questões culturais, pois é no contato com culturas diversas e na descoberta de novos hábitos que as sociedades reafirmam ou modificam sua cultura original e, assim, reconstruem sua identidade permanentemente. O processo cultural, de acordo com Lévi-Strauss (2001), é função de uma coligação entre as culturas:

Esta coligação consiste em um pôr comum (consciente ou inconsciente, voluntário ou involuntário, intencional ou acidental, procurado ou obrigado) das possibilidades que cada cultura encontra no seu desenvolvimento histórico; finalmente admitimos que esta coligação era tanto mais fecunda quanto se estabelecia entre culturas mais diversificadas. (LÉVI-STRAUSS, 2000, p. 91).

Dessa maneira, os estudos sobre cultura podem contribuir para o combate e até mesmo a eliminação do preconceito, por colaborarem para o entendimento dos processos de transformação pelos quais as sociedades transitam, ajudando na reflexão da realidade social e auxiliando no processo de construção de identidades culturais.

Cultura, na concepção de Laraia (1986, p. 740), é: “uma lente através da qual o homem vê o mundo”. Para o autor (1986, p. 82), “nenhum indivíduo é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”, podendo ele conservar aspectos de sua cultura, assim como absorver outros tantos costumes culturais. Laraia define o conceito de cultura como sendo:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 1986, p. 68).

Laraia (1986) nos faz pensar sobre a preponderância da cultura sobre o ser humano. Em sua obra, autor deixa clara a magnitude da cultura sobre o homem, sendo o ser humano um produto do ambiente cultural no qual foi criado, sendo essa criação o resultado do esforço de uma sociedade.

Na percepção de Ulmann (1991), a cultura tem dois sentidos. O sentido mais amplo é que cultura define o *modus vivendi* que o ser humano desenvolveu e desenvolve em conjunto com a sociedade. O sentido mais restrito é que cultura significa o *modus vivendi* global de que um determinado povo participa. Assim, ele define cultura como sendo “a superação daquilo que é dado pela natureza. Logo, é aquilo que o homem transforma” (ULMANN, 1991, p. 84). O autor também afirma que “a cultura ao mesmo tempo liberta e restringe, promove e coíbe, desvencilha e impõe freios” (ULMANN, 1991, p. 89). Dessa forma, a cultura assume um papel libertador e transformador, porém, podendo também restringir.

Igualmente para Santos (1994), a cultura pode ter dois sentidos, mas diferentes da definição de Ulmann (1991). Na visão de Santos (1994), a cultura preocupa-se com os aspectos da realidade social, incluindo tudo o que caracteriza a existência social de um povo. A outra concepção refere-se aos conhecimentos, crenças e ideias de um povo, bem como a maneira com que eles existem na vida social. O autor ressalta que a cultura não é uma realidade estanque e diz: “se a cultura não mudasse, não haveria o que fazer senão aceitar como naturais as suas características e estariam justificadas, assim, as suas relações de poder” (SANTOS, 1994, p. 83).

Tabela 1 – Ideia principal na visão de cada autor sobre Cultura

AUTORES	CONCEITOS
MELO	Acervo de experiências, acúmulo de iniciativas que o homem desenvolve no sentido de transformar a natureza e aperfeiçoar a sociedade.
SANTOS	Diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.
MORIN	Constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções.
BARDÃO E DUARTE	Surge das relações que os homens travam entre si e com o meio em que vivem, em busca da própria sobrevivência.
DA MATTA	A maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa.
LARAIA	Uma lente através da qual o homem vê o mundo.
ULMANN	A superação daquilo que é dado pela natureza. Logo, é aquilo que o homem transforma.

## 2.2. Diversidade Cultural, Globalização e Cultura de Massa

A diversidade cultural não está presente apenas dentro de um país ou região, mas também interpaíses: essa é a diversidade intercultural a que Burke (2003) denomina de “hibridismo”. As diferenças entre as culturas fazem do mundo uma grande e poderosa área de diversidades. Para que possamos compreender melhor esses processos de diferenciação entre as diversas culturas, torna-se necessário um

conhecimento maior dos processos históricos, porque passaram povos, países, regiões e suas tradições, costumes, linguagens, fé, organização familiar, processos políticos, dentre outras características de um grupo. Segundo Brant: “Diversidade cultural, portanto, quer dizer que a cultura e suas diversas manifestações são um recurso imprescindível e perecível, não renovável, que permite a sobrevivência de um ‘ecossistema’” (BRANT, 2005, p. 84).

Tratar da diversidade cultural é entender inclusive a história da cultura, e podemos ampliar entendimentos a partir dos conceitos, ou seja, a diversidade dentro de uma sociedade, onde os indivíduos apresentam características culturais heterogêneas e que, através dessas, formam o que chamamos de identidade nacional, outro conceito que está inserido no contexto mundial de troca de serviços e bens culturais entre os diferentes países. Para Brandão e Duarte, “vamos encontrar diferentes manifestações culturais de indivíduo para indivíduo, ou de grupo para grupo dentro de uma mesma sociedade e entre sociedades diferentes” (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p. 9).

As sociedades são multiculturais, caracterizando uma pluralidade de identidades, evidenciando o diversificado mosaico cultural resultante das variadas trocas de experiências entre os povos. No que se refere à construção social com relação à cultura, é necessário entender que esse é um processo em constante mutação e dinâmico. Portanto, a diversidade cultural é um componente essencial da história dos diferentes povos, submetidos à enorme troca de perspectivas, envolvendo o constante processo de construção e reconstrução de suas identidades, e isso se efetiva, entre outros motivos, devido à mundialização da cultura. Para Melo, a cultura “trata-se, portanto, de um conceito global e globalizante, que eleva a um mesmo plano as noções de cultura e sociedade, por vezes confundindo-as [...]” (MELO, 1975, p. 109).

Ao pensarmos a globalização, não podemos caracterizá-la como um fenômeno unidimensional, mas sim como um processo de progressiva relação entre distintas sociedades em suas dinâmicas sociais no que se refere a economia, cultura e política. A ideia é de que cada povo seguirá falando sua própria língua, tendo seus próprios costumes, interações, etc., mesmo envolvido em relações e trocas com povos diferentes. Para Burke, “a globalização cultural envolve hibridização” (BURKE, 2003, p. 2); com isso, o autor quer dizer que existe uma tendência global para a mistura e hibridização, o que significa a abertura de novas oportunidades culturais,

sendo uma cooperação interinstitucional enfrentada pelas sociedades a partir do fortalecimento através das trocas culturais. Burke ainda completa dizendo: “a preocupação com este assunto é natural em um período como o nosso, marcado por encontros culturais cada vez mais frequentes e intensos” (BURKE, 2003, p. 2).

O entendimento de que as diferenças culturais estão se desfazendo ou se organizando de uma nova maneira vai de encontro ao reconhecimento da importância da diversidade cultural, identificando nos efeitos da globalização oportunidades e ameaças que não devem ser desprezadas. Para Burke, “o preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é característica de nossa época, inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais” (BURKE, 2003, p. 7). Na tentativa de unificar os mercados e, por conseguinte, padronizar hábitos de consumo, acelerando, dessa forma, a massificação em escala mundial, a globalização não apenas ameaça as diferenças culturais como também cria novos meios de comunicação mais ágeis, tornando possível o risco de uma uniformização cultural. Para Burke, “certamente não é por acidente que a atual era de globalização cultural, às vezes vista mais superficialmente como ‘americanização’, é também a era das reações nacionalistas ou étnicas” (BURKE, 2003, p. 7).

A perspectiva de uma nova era na comunicação entre os povos, contribuindo para a criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento dos processos de cultura, acabaram universalizando valores nacionais. No final do século XIX, a industrialização influiu sobre elementos da cultura erudita e popular, iniciando a indústria cultural, consistindo nas expressões culturais produzidas para atingir a maior parte da população, objetivando a geração de produtos para o consumo e dando origem à cultura de massa, com o propósito de formação de um mercado de consumidores atraídos pelos produtos oferecidos pela indústria cultural. Na visão de Melo, “a partir daí, podem ser analisados os focos culturais de naturezas diferentes que se encontram em dinâmica nas sociedades modernas, tais como, a religião, o Estado nacional, a tradição das humanidades, a tradição popular, os movimentos de massa, etc.” (MELO, 1975, p. 110). Como apontam Brandão e Duarte:

O incessante desenvolvimento da tecnologia, tornando-a cada vez mais sofisticada, principalmente nos meios de comunicação (fotografia, disco, cinema, rádio, televisão, etc.), passou a atingir um grande número de pessoas, dando origem à chamada ‘cultura de

massa'. Ao contrário das culturas erudita e popular, a cultura de massa não está ligada a nenhum grupo social específico, pois é transmitida de maneira industrializada, para um público generalizado, de diferentes camadas socioeconômicas. (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p. 11).

Segundo os autores, com a industrialização dos elementos da cultura, o produto cultural será apresentado de forma nova e diferente, e se utilizando dos meios de comunicação, lança produtos em grande escala, com o intuito de induzir o consumo desses produtos:

A cultura de massa, ao divulgar produtos culturais de diferentes origens (erudita e popular), possibilita o seu conhecimento por diferentes camadas sociais, criando também um campo estético próprio e atraente voltado para o consumo generalizado da sociedade. (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p. 12).

Em tempos de globalização, a questão do hibridismo ganha maior interesse, pois a circulação de ideias e de produtos culturais alcançam um nível nunca visto antes, trazendo à tona a questão de inter-relação entre a cultura nacional e a influência externa, oferecendo, assim, a oportunidade de uma cultura globalizada, evidenciando as diversidades e os pluralismos culturais. Como aborda Burke:

Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música. (BURKE, 2003, p. 23).

A globalização representa a atual dinâmica da sociedade moderna, que tem processos desempenhados em escala global. Para Bauman, a globalização divide opiniões, mas há um consenso de que a globalização é “o destino irremediável do mundo, um processo irreversível e que afeta a todos” (1999, p. 7). Sendo orientada pelo capitalismo, a globalização resulta em grandes desigualdades, uma vez que nem todos podem usufruir plenamente das vantagens oferecidas por ela. Por outro lado, o fluxo de informações torna-se extraterritorial, e é nesse momento que se dá o início dos encontros culturais e suas hibridações, favorecendo, assim, a interculturabilidade global e a reorganização da vida cultural para atender às demandas do consumo em massa. Para Melo, “quando a cultura de massas

aparece, e principia a se consolidar nas sociedades desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento, uma série de reflexões são feitas em torno dos seus efeitos" (1975, p. 114). Na visão de Morin (2011):

A cultura de massa integra e se integra ao mesmo tempo em uma realidade policultural; faz-se conter, controlar, censurar (pelo Estado, pela Igreja) e, simultaneamente tende a corroer, a desagregar as outras culturas. A esse título, ela não é absolutamente autônoma: ela pode embeber-se da cultura nacional, religiosa ou humanista, e por sua vez, ela embebe as culturas nacional, religiosa ou humanista. (MORIN, 2011, p. 6).

Canclini (1998) busca afastar-se de uma visão unidirecional da comunicação, que considera que os meios manipulam a recepção das mensagens, e questiona o alcance de seus efeitos. Fugindo também da visão de dominação dos consumidores pelos meios, Morin diz que "a cultura industrial tende a integrar bem demais em seus moldes as formas e os conteúdos do que se apropria" (2011, p. 45). Para o autor, a relação não é de determinação da produção sobre o consumo, e sim um processo util de consumo de produtos culturais, afirmando: "se tomamos um pouco de distância, constatamos que a cultura de massa não está em ruptura radical com as culturas anteriores" (MORIN, 2011, p. 47).

Assim, podemos entender que a cultura de massa constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens relativos à vida prática e à imaginária, acrescentando-se à cultura nacional, humanista e religiosa, e, ao mesmo tempo, entrando em concorrência com elas. Por um lado, a cultura de massa e a globalização propiciam uma mescla cultural; por outro, podem ser fenômenos com o intuito de excluir e padronizar, não respeitando a cultura nacional ou regional. Contudo, não se pode esquecer que os intercâmbios possibilitados pela globalização impulsionam o hibridismo cultural e a proliferação de novas culturas, conforme afirma Chartier:

A mídia moderna não impõe, como se acreditou apressadamente, um condicionamento homogeneizante, destruidor de uma identidade popular, que seria preciso buscar no mundo que perdemos. A vontade de inclusão de modelos culturais nunca anula o espaço próprio da sua recepção, do seu uso e da sua interpretação. (CHARTIER, 1995, p.186).

### 2.3. O Rádio como Agente Cultural

Ao estudar o rádio enquanto meio e veículo de massa, portanto, que interfere diretamente no cotidiano da sociedade, estudou-se como ocorrem esses processos. Essa incursão sobre o sentido e o poder dos meios está presente nas Teorias de Comunicação desde os anos 1920, com o surgimento do rádio como primeiro meio de massa. A partir daí, cultura e comunicação fazem parte de um campo único e, independentemente de existirem outros agentes transmissores e mediadores de cultura, é incontestável o poder que os meios exercem sobre um amplo número de indivíduos, particularmente o rádio, inclusive nos dias de hoje. Breton (1994, p. 123) aponta que os meios de comunicação “passaram a ser o único lugar onde estão as informações que hão de permitir descodificar os diferentes universos em que evoluímos”, evidenciando os meios de comunicação como orientadores dos indivíduos na sociedade. Através dos meios de comunicação é possível saber o que acontece no mundo, conhecer outras culturas e ficar ciente sobre o que existe dentro e fora de uma sociedade, contribuindo assim “para o alargamento da nossa experiência do mundo muito para além do espaço delimitado pelas fronteiras territoriais que nos rodeiam” (RODRIGUES, 1999, p. 23).

Na busca pela história das rádios, pudemos entender que a cultura compartilhada pelos indivíduos de um determinado local pode sofrer grande influência das cadeias mundiais de comunicação. A vida nas cidades tem sido alterada gradativamente pelas mudanças culturais provenientes de outras localidades, econômica e ou politicamente mais importantes, e essas mudanças certamente ocorrem em função do poder dos meios em projeção sob o público.

O rádio sempre serviu de expressão às diversas manifestações culturais de nosso País, especialmente através da informação, da música e do esporte. Entretanto, possibilitou outras frentes, como a política e a religiosa. Para Melo (1975, p.233), “o Rádio é, dentre os canais de comunicação coletiva, em nosso país, o que oferece mensagens culturais (informativas, educativas ou de lazer) com menor dispêndio econômico para o receptor”.

A penetração do rádio na primeira década de existência do meio no Brasil aconteceu lentamente, pois a legislação brasileira da época, não permitia a veiculação de anúncios e seu alcance era restrito, dificultando sua popularização. Entretanto, no início dos anos 1930, o rádio teve um expressivo crescimento e,

através do Decreto de Lei nº 21.111, de março de 1932, com a regulamentação da transmissão das propagandas comerciais pelo rádio, favoreceu ainda mais seu avanço. Daí em diante, com a redução do valor dos aparelhos receptores, tornando-os mais acessíveis à população em geral, o meio entrou definitivamente na casa dos brasileiros. Ainda nessa época, o rádio já demonstrava sua capacidade de mobilização política, sendo utilizado pelos políticos como veículo de propagação de ideologias, transformando-se em poderosas armas políticas e confirmado seu papel como agente participativo no cotidiano da sociedade brasileira. A caixa de madeira ocupava um lugar de destaque na sala de estar dos lares, pois, ao redor dele, família e amigos se reuniam a fim de apreciarem as notícias ou seus programas favoritos. As notícias nacionais e internacionais chegavam aos lares através de noticiários que marcaram época como, por exemplo, o *Seu Repórter Esso* ou simplesmente *Repórter Esso*, que foi um noticiário histórico e seguia os moldes da versão americana chamada *Your Esso Reporter*. Esse foi o primeiro noticiário inovador do radiojornalismo brasileiro, que não se limitava a transmitir as notícias retiradas dos jornais, revolucionando o radiojornalismo brasileiro. Após o dia de trabalho, a família também podia se entreter com os programas humorísticos ou ouvir uma boa música para relaxar. As radionovelas foram a coqueluche desde que entraram no ar, até o surgimento da televisão. Fora os programas de auditório, que atraíam inúmeras pessoas aos teatros das emissoras, com o intuito de conhecerem seus ídolos, que até então só habitavam suas imaginações. Segundo Calabre (2002, p. 102): “nessa relação diária de participação e interferência relativas, o rádio contribuía para o processo de alteração das práticas cotidianas e do crescimento de uma sociedade de consumo de massa”.

Preferido pelas grandes empresas multinacionais, o rádio foi um excelente veículo de divulgação de novas marcas e produtos, criando novos hábitos de consumo. Ao ponto, que os anos 1940, a participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira vai crescendo e ficando mais evidente, sendo associada, cada vez mais, à alegria e à distração das famílias, passando a ser presença quase obrigatória no dia a dia das pessoas. Alterando a rotina dos membros de uma sociedade, o rádio chega para interferir e reordenar o cotidiano da sociedade brasileira, tornando-se um veículo singular no processo de divulgação e de formação de um estilo de vida voltado às modernas práticas culturais. Práticas cotidianas passaram a ser modificadas com maior rapidez desde o surgimento do rádio, por

causa de sua incontestável penetração. Entre os anos 1920 e 1960, o rádio foi o principal veículo de comunicação de massa brasileiro, e ao longo de sua história cumpriu variados papéis e atendeu a diferentes interesses, adaptando-se às mudanças dos tempos, atingindo, assim, uma larga participação na construção da nossa sociedade. Com a viabilidade de levar o rádio para qualquer lugar e seu baixo custo, esse meio tornou-se o veículo mais popular do país.

A popularidade do rádio deu-se devido à relação construída com a sociedade, que participava ativamente da programação, expressando sua aceitação ou rejeição do que era irradiado. Esse processo de participação acontecia através de cartas e ou telefonemas, canais de comunicação disponíveis na época. Ao adotar um modelo comercial, o sucesso do rádio dependia da aprovação dos ouvintes para a sobrevivência das emissoras. Portanto, o rádio construiu uma sólida relação de confiabilidade com seu público.

Ainda nos dias de hoje, o rádio permanece sendo o veículo mais rápido e objetivo, e por levar entretenimento e informação aos ouvintes de forma informal e íntima, pode o rádio ser um poderoso formador de opinião, o que pode ser justificado por ser um aliado e se colocar a serviço dos interesses populares e, consequentemente, do processo cultural.

Os meios massivos de comunicação, principalmente os de fácil acesso e menos onerosos ao cidadão, são eficazes agentes de mudança nos hábitos, valores e costumes da população. A onipresença e a influência da mídia solidificam o papel de veiculador e gerador de perspectivas hegemônicas e exercem influência direta na cultura de um povo. Daí a importância de estudarmos a história do rádio, que de acordo com Santos: “A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas [...]” (1994, p. 7).

O interminável desenvolvimento tecnológico, principalmente nos meios de comunicação, veio a impactar um grande número de indivíduos, iniciando a chamada cultura de massa. Como apontam Brandão e Duarte: “ao contrário das culturas erudita e popular, a cultura de massa não está ligada a nenhum grupo social específico, pois é transmitida de maneira industrializada, para um público generalizado, de diferentes camadas socioeconômicas” (1990, p. 11). Dessa forma, temos a formação de um vasto mercado de consumidores atraídos pelos produtos da indústria cultural.

Dentre as mídias de massa, o rádio provavelmente tem um papel primordial na construção da cultura de um povo, visto que ele ainda é utilizado pela maioria das pessoas. Dizemos “ainda”, pois embora exista uma grande diversidade de meios e opções nos dias de hoje, o rádio continua tendo seu espaço por ser o veículo que melhor sintetiza o fundamento da experiência comunicativa devido a sua portabilidade, seu baixo custo, flexibilidade, agilidade e poder de alcance, além de permitir que o ouvinte desempenhe outras atividades simultaneamente.

Apesar da grande evolução tecnológica ocorrida nos últimos anos, o rádio permanece ocupando seu espaço com relação à cultura, informação e lazer dos cidadãos, devido à facilidade de penetração e à transmissão de informações em tempo real, fazendo com que o papel do radialista seja o de influenciador de opinião sobre os acontecimentos. Para Calabre (2002):

No campo específico da produção cultural, o rádio inovou, ao mesmo tempo em que absorveu e adaptou outras formas de arte já existentes. Estavam presentes no rádio, por exemplo, a música em seus diversos gêneros e o teatro – drama e comédia. O rádio tornou-se um excelente meio de divulgação de outras manifestações artísticas. (CALABRE, 2004, p. 10).

Inicialmente, acreditava-se que o processo de comunicação do rádio compreendia um único fluxo: do radialista comunicador ao ouvinte receptor. Contudo, o ouvinte, ao receber a informação pode se transformar em um agente de propagação de opinião. Entendendo-se dessa maneira, esse ouvinte pode ser um formador de opinião, baseando-se na informação recebida e disseminando-a a outros receptores. Isso significa que o ouvinte também pode ser um percursor de cultura. Como aponta Melo (1975):

O que se deduz é o seguinte: o processo da comunicação coletiva (mecânico, indireto, unilateral) não se basta a si mesmo. Depende, para sua eficácia, do processo da comunicação interpessoal. Pois o fenômeno comunicativo, com os seus efeitos culturais, está condicionado à dinâmica dos grupos dentro da sociedade. Aparentemente, os *mass media* atingem globalmente a sociedade; mas, na prática, o conteúdo das suas mensagens é refletido, digerido, analisado dentro dos grupos, vindo daí a adoção de opiniões e de atitudes. (MELO, 1975, p. 117).

Ao observarmos todas as transformações que vêm acontecendo ao longo do tempo, é possível perceber a importância que o rádio representa na sociedade, pois

os meios de comunicação são poderosos agentes sociais, tendo em vista que a comunicação e a cultura se interdependem, e embora tenham suas diferenças, ambas têm seu papel na construção e transformação social. Como um dos meios pioneiros, o rádio pode ser considerado ainda mais importante quando falamos de construção não somente cultural, mas também da história de uma sociedade.

Nesse contexto, o rádio pode contribuir de uma maneira bastante valiosa na construção cultural e social ao penetrar no cotidiano do ouvinte, estando profundamente presente e tendo espaço no dia a dia das pessoas desde sua invenção. De acordo com Napolitano no que se refere à importância do meio rádio: “Até o final dos anos 1950, ele era uma peça obrigatória em quase todos os lares, dos mais ricos aos mais pobres. Fenômeno de massa desde os anos 1930, base da expansão da rica cultura musical brasileira [...]” (2008, p. 13). Por sua vez, Calabre (2004) destaca que:

A curiosidade e o desejo das camadas populares de possuírem aparelhos de rádio cresciam, e, quando as famílias não podiam ter seus próprios rádios, lançavam mão de uma prática que se tornou corriqueira: a de ser um ‘rádio vizinho’. Era comum que famílias que tinham aparelhos de rádio os partilhassem com os vizinhos, permitindo que acompanhasssem parte da programação. (CALABRE, 2004, p. 25).

Além de levar informações aos ouvintes sobre acontecimentos, o meio radiofônico também se encarrega do entretenimento, e através dele o rádio pode se tornar um instrumento de influência na cultura local, possibilitando o conhecimento da cultura de outras regiões, suas músicas, costumes e valores, ampliando seus horizontes ao oferecer um mundo totalmente diferente aos ouvintes, sendo um agente a serviço da cultura de uma comunidade. Portanto, pode-se dizer que a cultura compartilhada pelos habitantes de um local, sofre influência dos processos hegemônicos dos meios de comunicação de massa, tendo participação na preservação das suas tradições culturais. Para Melo (1975):

Em todo o mecanismo de formação e evolução de uma cultura, a Comunicação desempenha papel fundamental. Como processo social básico que é, a Comunicação representa o próprio motor da configuração do simbolismo que marca o fenômeno cultural. (MELO, 1975, p. 111).

No entanto, é necessário que haja uma identificação do indivíduo com a comunidade onde vive. O sentimento de pertencimento do cidadão, baseia-se em compartilhar ideias, valores e crenças comuns aos membros da comunidade, isto é, fatores que proporcionam significado à vida da pessoa. Essa identificação pode vir da informação e da comunicação, como diz Melo (1975):

[...] o que proporciona de fato essa relação interdependente entre as várias culturas numa sociedade, sem desfigurá-las, é o fenômeno da *Comunicação*. Os grupos, as classes, as instituições não estão hermeticamente fechados; intercomunicam-se permanentemente. (MELO, 1975, p. 110).

O rádio se utiliza de uma abordagem específica em função de seu caráter efêmero, da possibilidade do desvio da atenção por parte do ouvinte e da eventualidade de uma mudança de canal a qualquer momento. No rádio, são utilizadas frases diretas e curtas, com uma linguagem simples e cotidiana para assegurar que a mensagem seja compreendida. Além disso, busca-se captar a atenção do ouvinte apresentando temas referentes ao dia a dia, com chamadas que estimulem o seu interesse. Segundo Calabre (2004):

O rádio foi o primeiro meio de comunicação a falar individualmente com as pessoas, cada ouvinte era tocado de forma particular, por mensagens que eram recebidas simultaneamente por milhões de pessoas. O novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significação aos acontecimentos. (CALABRE, 2004, p. 9).

Dessa maneira, o rádio atua como multiplicador, reproduzindo a informação à população e contribuindo para a cultura intelectual através da propagação de ideias que podem causar a revisão de crenças e valores; ele ainda contribui para o autoconhecimento e a conscientização, além de orientar o comportamento social, estabelecer modelos e padrões e divulgar informações e notícias, capacitando, dessa forma, o ouvinte a tomar decisões conscientes, preparando-o para o exercício da cidadania.

Para Ortiz (1991), os estudos sobre indústria cultural e cultura brasileira devem se atentar às condições sobre as quais estas se consolidaram, e afirma:

É necessário mostrar que a interpretação da esfera de bens eruditos e a dos bens de massa configura uma realidade particular que reorienta a relação entre a arte e a cultura popular de massa. Esse fenômeno pode ser observado com clareza quando nos debruçamos nos anos 40 e 50, momento em que se constitui uma sociedade moderna incipiente e que atividades vinculadas à cultura popular de massa são marcadas por uma aura que em princípio deveria pertencer à esfera erudita da cultura. (ORTIZ, 1991, p. 65).

As décadas de 1940 e 1950, anos em que obtivemos mais resultados em nossa pesquisa neste trabalho, é um período em que o rádio passa por um momento especial para observação dos fenômenos do consumo cultural massivo e da valorização do popular, apontados por Ortiz (1991). Foi uma época rica na formação de vários ídolos da música popular, fato inovador no cenário cultural brasileiro. Ortiz (1991) proporciona uma importante contribuição aos estudos culturais brasileiros nos anos 1940 e 1950, ao alertar os pesquisadores para o processo das manifestações culturais e de como o rádio foi essencial na consolidação desse processo. O rádio, na qualidade de meio de comunicação de massa, atinge a população brasileira de um modo geral, tornando-se um *locus* para a produção de sentido. Na visão de Calabre (2004):

O rádio criou modas, inovou estilos, inventou práticas cotidianas, estimulou novos tipos de sociabilidade. Ícone de modernidade até a década de 1950, ele cumpriu um destacado papel social tanto na vida privada como na vida pública, promovendo um processo de integração que suplantava os limites físicos e altos índices de analfabetismo do país. (CALABRE, 2004, p. 7).

## CAPÍTULO 3 AS RÁDIOS PAULISTAS

Este capítulo trará o que foi a “Época de Ouro” do rádio no Brasil, por ser o período em que o rádio teve seu maior crescimento, isto é, entre os anos de 1940 e 1960, e por se tratar do período em que mais encontramos resultados de emissoras que ainda não estavam na pesquisa que originou esta dissertação sobre as Rádios Pioneiras nos Anos 1920, 1930, 1940 e 1950 Brasil-Espanha, mencionada anteriormente neste trabalho. Portanto, época de grande relevância e em que o rádio teve seu maior desenvolvimento.

Posteriormente relataremos o resultado das pesquisas realizadas com as informações coletadas sobre a história e memória das rádios paulistanas, assim como a influência que elas exerceram na sociedade na época em que foram fundadas. Os resultados foram dispostos nos moldes do livro *O Rádio com Sotaque Paulista* (2014), do Professor Doutor Antonio Adami, tendo em vista que nosso objetivo é o de ampliar as pesquisas já existentes no livro. Segundo Adami (2014):

Algumas rádios fora da capital mantêm sua história, principalmente aquelas que fazem parcerias e não apenas são vendidas e assumidas por outra empresa, mas na maioria delas a história desaparece e somente encontramos vestígios com acesso às famílias fundadoras, onde um ou outro membro, por diletantismo, por vínculo familiar e, as vezes, observando a importância da preservação da memória da cidade, guarda informações e possibilita o acesso. Esta é uma questão séria, pois justamente com as rádios desaparece parte da história brasileira. (ADAMI, 2014, p. 42).

Podemos, então, perceber a relevância de nossa pesquisa, a fim de que possamos registrar o que ainda não está documentado, para eternizar não apenas a história do rádio, como a de nosso País.

### 3.1. A “Época de Ouro” do Rádio Brasileiro

O período que engloba de meados dos anos 1940 até o fim dos anos 1950 é considerado a época “áurea do rádio brasileiro” ou “Época de Ouro”. Essa é a fase em que o rádio passa de apenas informativo e elitista a atingir todas as camadas da sociedade e torna-se mais popular. É importante ressaltar que esse fenômeno está relacionado a um conjunto de fatores daquela época em que o rádio ganhou

*glamour*, formando uma espécie de *Hollywood* brasileira, quando ser locutor, cantor ou ator de uma grande emissora trazia fama para o artista e fazia com que ele ficasse famoso por todo o país.

Com o fim da II Guerra Mundial em 1945, ocorreu a retomada do crescimento da indústria e, consequentemente, dos bens de consumo. Produtos americanos e europeus começavam a chegar ao Brasil, bem como as novidades prometidas pelos fabricantes de rádio, proporcionando um acelerado crescimento no setor radiofônico como um todo, abrindo portas para que novas emissoras surgissem e para que outras já existentes começassem a operar em ondas curtas, significando que uma emissora podia possuir mais de uma estação de transmissão e até ter alcance nacional. De acordo com a tabela abaixo, fica fácil entender o motivo de os anos 1940 até o fim dos anos 1950 serem considerados como “A Época de Ouro do Rádio” no Brasil, já que um grande número de emissoras de rádio surgiram nesse período.

Tabela 2 – Emissoras de Rádio conforme o ano de Instalação

Ano	Nº de emissoras
1933	05
1934	15
1935	09
1936	08
1937	05
1938	-
1939	06
1940	10
1941	11
1942	07
1943	03
1944	08
1945	06
1946	26
1947	42
1948	49
1949	26
1950	47
1951	45
1952*	34
1953*	34
1954*	34
1955*	33
1956	44
1957	44
1958	11
1959	25

Fonte: Anuário Estatístico do IBGE, anos 1936 a 1960.

Na segunda metade da década de 1940, o meio rádio demonstrava seu potencial como divulgador de produtos e informação e, consequentemente, como formador de opinião. Totalmente inserido no cotidiano da sociedade, o rádio passa a estar cada vez mais presente na vida dos ouvintes, servindo para transmitir informação e notícias, alegrar as reuniões familiares, ser companhia para as mulheres – que em sua maioria, nessa época, ficavam em casa a maior parte do dia –, e acompanhar os jovens em seus passeios, dando-se, então, a efetiva popularização do rádio.

Com o intuito de elevar os índices de audiência, o rádio comercial brasileiro buscava transmitir uma programação que agradasse à maior parte dos ouvintes, o que significava uma programação mais popular, tornando a programação, que uma vez havia sido voltada para um público mais elitizado, na rádio de todos, vindo a ser a consolidação da indústria do entretenimento no Brasil. Foi em meio a esse clima de crescente popularização do rádio que surgiram os grandes ídolos da época. Também nesse período ocorreu o lançamento da *Revista do Rádio*, uma revista totalmente voltada às notícias radiofônicas.

A “Era do Rádio” ou “Época de Ouro” do meio rádio no Brasil se caracterizou como a era do espetáculo e das grandes produções radiofônicas, período em que surgiram os programas de auditório e os musicais, as radionovelas, os cantores e conjuntos exclusivos das estações e as orquestras. De acordo com Calabre (2004, p. 7), “lançado como uma novidade maravilhosa, o rádio transformou-se em parte integrante do cotidiano. Presença constante nos lares, converteu-se em um meio fundamental de informações e entretenimento”.

Embora o espetáculo predominasse na programação do rádio nessa época, o crescimento jornalístico acontece simultaneamente, quando a informação e a notícia passam a ter um viés mais jornalístico, com mais rapidez e imediatismo para transmitir, principalmente, as notícias da II Guerra Mundial.

O declínio dessa fase chamada de “Época de Ouro” acontece entre as décadas de 1950 e 1960, quando o rádio sofre o impacto do advento da televisão. O veículo passa por um declínio, porém, não se cumprem as previsões do desaparecimento do rádio, e hoje esses dois meios são de extrema importância, com papéis diferentes para a sociedade, mesmo dentre tantas outras mídias que podemos encontrar nos dias de hoje. Quando da chegada da televisão, o rádio teve que procurar novos caminhos para continuar na vida das pessoas, principalmente

nos momentos em que a televisão não pudesse se fazer presente, já que o rádio é muito mais versátil diante da possibilidade de levá-lo a qualquer lugar. Segundo Murce (1976):

Ocorreu o mesmo susto verificado quando diziam que o cinema falado ‘acabaria’ com o teatro. Já se pensara antes que o rádio se constituiria num ‘desastre’ para a imprensa. Nada disso! Cada um desses elementos de comunicação tem o seu lugar e seu público; a questão é saber situar-se devidamente. (MURCE, 1976, p. 82).

### 3.2. As Rádios Paulistas: Capital, Interior e Litoral

O início da radiodifusão no estado de São Paulo aconteceu através do padre Roberto Landell de Moura<sup>4</sup>, que, de acordo com Adami (2014, p.33), foi o verdadeiro predecessor de Marconi<sup>5</sup>. O padre desenvolveu suas pesquisas em São Paulo, onde fez as primeiras experiências radiofônicas do estado.

Segundo Adami (2014, p. 33), referindo-se ao padre: “Por suas experiências, muito à frente de seu tempo, é chamado de feiticeiro, louco e Padre renegado. Na verdade, é um grande cientista e constrói aparelhos de rádio, que expõe publicamente aqui na capital de São Paulo, em 1893”. Entretanto, a primeira emissora do estado surgiu em 1923, com a PRA-E, Sociedade Rádio Educadora Paulista, como relata Tavares (1999):

São Paulo, com sua pujança e com seu irredutível destino empreendedor, não poderia omitir-se, contribuindo historicamente para o advento da radiofonia brasileira: em 30 de novembro de 1923, nascia a Sociedade Rádio Educadora Paulista, sob o prefixo PRA-E. (TAVARES, 1999, p. 53).

Contudo, segundo o Anuário Estatístico do Brasil<sup>6</sup>, a instalação oficial foi em 1925, ano em que, de acordo com Adami (2014, p.46), “as transmissões passam a ser contínuas e a emissora adquire um caráter profissional. Ali nascem grandes artistas, técnicos e demais profissionais que entrariam para a história do rádio paulista”. Ainda sobre o rádio em São Paulo, Adami ressalta:

<sup>4</sup> Roberto Landell de Moura (Porto Alegre, 21 de janeiro de 1861 – Porto Alegre, 30 de junho de 1928) foi um padre católico, cientista e inventor brasileiro.

<sup>5</sup> Guglielmo Marconi (Bolonha, 25 de abril de 1874 – Roma, 20 de julho de 1937) foi um físico e inventor italiano. Inventor do primeiro sistema prático de telegrafia sem fios (TSF), em 1896.

<sup>6</sup> IBGE, Anuário Estatístico do Brasil 1937. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1937.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1937.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2018.

Naqueles anos da ‘São Paulo antiga’ de 1925, os interesses dos empresários de rádio ainda são basicamente culturais e sociais, bem pouco comerciais. Entretanto, já vislumbrando o potencial comercial do rádio, a Educadora é a primeira a transmitir diariamente as cotações da bolsa em diferentes momentos de pregão. (ADAMI, 2014, p. 46).

Para a realização da reconstrução da história do rádio, recorremos a diversos meios. Conforme descrito no capítulo 1 desta dissertação, a história oral foi bastante utilizada para que pudéssemos compor a história das emissoras. Através de entrevistas com pessoas relacionadas, direta ou indiretamente, às rádios, pudemos contar com relatos que enriqueceram muito nossa pesquisa. Existe a possibilidade de controvérsias consideradas normais em se tratando de memória, especialmente a memória ligada ao passado, como se estivessem “arquivadas”, porém influenciadas pelas vivências no presente. De acordo com Bosi, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (1994, p. 55). Nossa pesquisa, portanto, considerou que a memória dos entrevistados, seguindo o pensamento de Bosi, está relacionada com a vivência de cada um no presente. Como relata Adami (2014, p.36), “os estudos no campo da memória foram essenciais para nossa pesquisa, e acreditamos, um dos veios centrais de nosso trabalho”. Segundo Calabre (2003):

Ao trabalhar com conjuntos de depoimentos é importante que o pesquisador tente desvendar a lógica que ordenou a coleta dos mesmos. Não basta saber que foram coletados com o objetivo de servir de fonte para pesquisas futuras. É fundamental entender o processo da seleção dos depoentes e a metodologia utilizada pela pesquisa. Estas informações auxiliam na compreensão do conteúdo e do direcionamento do depoimento. (CALABRE, 2003, p. 06).

A seguir encontra-se o resultado das pesquisas realizadas sobre a história e memória das rádios paulistanas.

#### **1946 – Campos do Jordão / SP**

#### **ZYL-6 RÁDIO EMISSORA DE CAMPOS DO JORDÃO**

Fundada em 19 de junho de 1946 e inaugurada em 7 de setembro de 1947, a emissora era dirigida por Luiz Pereira da Silva Filho, José Pericles Alves, Hermínio

Martins da Silva e Hildebrando Macedo de Araújo. A rádio iniciou com o prefixo ZYL – 6, que depois foi substituído por ZYE – 270, e atualmente tem o prefixo ZYK – 571. A rádio Emissora de Campos do Jordão também é conhecida como “A emissora mais alta do Brasil” na faixa de 1.560 quilociclos.

Hélio Abel da Silva, conhecido no mundo do rádio como Hélio Silva, comunicador e radialista a mais de 50 anos na rádio de Campos do Jordão, homenageado em 2015 pela Câmara Municipal de Campos por seus 50 anos de trabalhos prestados à cidade, e hoje um dos dirigentes da emissora, relatou em entrevista diversas curiosidades sobre sua jornada como radialista, bem como sobre a emissora, que, segundo ele, é a mais importante da região, além de fornecer materiais de extrema importância para a compilação da história dessa emissora.

Ele conta a história da emissora dizendo: “Nossa rádio teve início em 46 com o sistema de alto-falantes, e alguém disse: Olha, isso aqui tem que ser transformado em uma rádio”. E continua: “ela começou de um jeito tão interessante. Ela foi seguindo os trâmites daquela época, até conseguir seu prefixo ZYL-6. O primeiro prefixo da rádio”. Após as primeiras experiências com alto-falantes, houve a ideia de fundar uma estação de rádio. Em 19 de junho de 1946, a emissora iniciou seus trabalhos em caráter experimental no Parque da Mantiqueira, com dois programas radiofônicos, contudo, só foi inaugurada em 7 de setembro do ano seguinte.

Hélio continua: “o rádio é um meio interessante, mágico e de muita criatividade e imaginação”. Segundo ele, imaginação que as pessoas criam sobre os comunicadores de rádio, pois elas têm um contato diário com esses comunicadores, mas não os veem, criando, assim, a imaginação de como eles são. E “quando a pessoa vem conhecer o comunicador, muitas vezes ela se surpreende, tem a imaginação de uma maneira, e depois é de outra, né?”.

Por seu envolvimento através da emissora nas questões do município e por sua preocupação em atender e ouvir a comunidade, tornou-se vereador duas vezes. Para ele, isso aconteceu “graças a um trabalho que desenvolvi nos meios de comunicação”.

Figura 1 – Radialista Hélio Silva



Fonte: Fotografia tirada pela autora desta dissertação durante entrevista com Hélio Silva, na sede atual da emissora.

Algumas citações de Hélio Silva sobre sua opinião a respeito do rádio, durante a entrevista cedida para a autora deste trabalho:

1. “Minha passagem pelo rádio, só me trouxe coisas boas.”
2. “O rádio é um veículo rápido, barato e de grande penetração.”
3. “Sempre achei difícil a televisão competir com o rádio. O rádio sempre vai ser imbatível.”
4. “O rádio tem uma penetração fantástica, e hoje tomou um rumo ainda maior através das redes sociais e da internet.”
5. “Cheguei à conclusão que Campos do Jordão, na radiodifusão, é uma história de amor e paixão. É fantástico!”

Figura 2 – Solenidade de inauguração da emissora



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em abril de 2017.

A solenidade de inauguração da Rádio Emissora de Campos do Jordão ZYL-6 aconteceu no auditório do Clube Mantiqueira, que ficava localizado no parque de mesmo nome, e foi o primeiro local de instalação da emissora. Na cerimônia, as instalações foram benzidas pelo Frei Francisco Freise, vigário da Paróquia de Santa Terezinha do Menino Jesus (Figura 2, acima). Nessa época, a rádio era gerenciada por Luiz Pereira da Silva filho.

Figura 3 – Primeira sede da emissora



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em abril de 2017.

A primeira sede da emissora (Figura 3) ficava na esquina da antiga avenida Dr. Januário Miráglia com a avenida Dr. Adhemar de Barros, em frente ao Mercado Municipal de Campos do Jordão.

Programação de 1949:

- Programas: Despertar da Montanha, Grandes Compositores, Divina Música e Pílulas para o Fígado – apresentados por Agripino Lopes de Moraes.
- Programa: Talentos Incógnitos – apresentado aos sábados por José Dias Chaves e Jayr Alencastro.
- Programas: Sabatina Antártica e Brincadeiras L-6 – apresentados aos domingos por Agripino Lopes de Moraes.
- Programa: A Hora da Lata – apresentado por D. Carvalho.
- Programa: A Volta ao Mundo – apresentado por Carlos Barreto ao piano.
- Programa: Esportividades – apresentado aos domingos por Renato Guimarães.
- Peça de Shakespeare<sup>7</sup>: “A Tempestade”<sup>8</sup> – radiofonizada por Agripino Lopes de Moraes.
- Peça: “O Verdadeiro Caminho” – homenageava os enfermos de Campos do Jordão, foi escrita e apresentada por Rosinha Mastrângelo.

Alguns cantores que se apresentavam na emissora na época da inauguração: Maria Alice Andreolli, Irmãs Michaelis, Leonor Rodrigues, Pedro e Daniel Cintra, Raimundo Silva, D. Carvalho, Afonso José Pereira, Pedro Advíncula e Antoninho Banhato. Cantores de grande expressão que se apresentaram na rádio por volta de 1947: Silvio Caldas<sup>9</sup>, Vicente Clementino, Lamartine Babo<sup>10</sup> e Nelson Gonçalves<sup>11</sup>.

<sup>7</sup> William Shakespeare (Stratford-upon-Avon, 1564 (batizado a 26 de abril) – Stratford-upon-Avon, 23 de abril de 1616) foi um poeta, dramaturgo e ator inglês.

<sup>8</sup> A Tempestade – Acredita-se ter sido a última peça escrita por Shakespeare. É uma história de vingança, de amor, de conspirações oportunistas e que contrapõe a figura disforme, selvagem, pesada dos instintos animais que habitam no homem.

<sup>9</sup> Sílvio Antônio Narciso de Figueiredo Caldas (Rio de Janeiro, 23 de maio de 1908 – Atibaia, 3 de fevereiro de 1998) foi um cantor e compositor brasileiro.

<sup>10</sup> Lamartine de Azeredo Babo (Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1904 – Rio de Janeiro, 16 de junho de 1963) foi um compositor popular brasileiro.

<sup>11</sup> Nélson Gonçalves (nome artístico de Antônio Gonçalves Sobral, Santana do Livramento, 21 de junho de 1919 – Rio de Janeiro, 18 de abril de 1998) foi um dos maiores cantores e compositores brasileiros de todos os tempos.

O conjunto musical da emissora era composto por: D. Carvalho, Antoninho Banhato, Afonso José Pereira e Pedro Advíncula. A emissora também apresentou, por volta de 1949, artistas como Genésio Arruda<sup>12</sup> e Paraguassu<sup>13</sup>.

Silvio Binciella Santa Clara, mais conhecido como Silvio Santa Clara, foi um dos primeiros locutores da emissora de Campos do Jordão, quando essa ainda estava em fase experimental. Silvio era um dos filhos de Bernardo Santa Clara, o primeiro proprietário da Padaria e Confeitaria Santa Clara, fundada em 1915, o estabelecimento comercial mais antigo de Campos do Jordão. Às vésperas de completar 100 anos, a padaria encerrou suas atividades, em decorrência da abertura de diversas novas padarias e supermercados na cidade.

Santa Clara iniciou sua carreira de locutor em 1938 com apenas 14 anos de idade, no serviço de alto-falante denominado “Rádio Clube de Campos do Jordão”, que pertencia ao jornalista Otávio Bittencourt e Benedito Vaz Dias, mais conhecido como Vazinho. Otávio e Vazinho também eram proprietários do Campos do Jordão Jornal.

Silvio Santa Clara disse que, no ano de 1938, a maioria da população não possuía em casa um aparelho de rádio, assim, acompanhava com interesse o trabalho do serviço de alto-falante. Os jogos da Copa do Mundo de Futebol do ano de 1938 foram todos retransmitidos e acompanhados pela população através desse serviço de alto-falante. (ROCHA<sup>14</sup>).

Em 1947, quando foi inaugurada a Rádio Emissora de Campos do Jordão, Silvio Santa Clara passou a integrar o quadro de funcionários da emissora como locutor. Na época, ele chefiava os locutores José Dias Chaves e Mário Fernandes. Leocádio Gomes dirigia a discoteca em que Ismael Furtado e Waldir de Souza trabalhavam.

---

<sup>12</sup> Genésio Soares de Arruda Júnior (Campinas, 28 de maio de 1898 – Campinas, 3 de outubro de 1967) foi um cantor, compositor, radialista cineasta e produtor de cinema brasileiro.

<sup>13</sup> Roque Ricciardi (São Paulo, 25 de maio de 1890 – São Paulo, 5 de janeiro de 1976), mais conhecido pelo pseudônimo Paraguassu, foi um cantor e compositor brasileiro.

<sup>14</sup> Edmundo Ferreira da Rocha. Disponível em: <[http://www.camposdojordaocultura.com.br/fotografias-semana\\_det2.asp?idfoto=208](http://www.camposdojordaocultura.com.br/fotografias-semana_det2.asp?idfoto=208)>. Acesso em: 16 maio 2018.

Figura 4 – Locutor Silvio Binciella Santa Clara



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em abril de 2017.

José Dias Chaves ocupou um lugar de destaque como locutor da Emissora de Campos do Jordão durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, à frente dos microfones da emissora. Diariamente, José Dias Chaves apresentava com sua voz marcante e firme o programa *O Despertar da Montanha*, especialmente criado para homenagear a cidade de Campos do Jordão, abordando as montanhas, a vegetação, a população e a vida da cidade.

O nome do programa foi baseado na música de mesmo nome *O Despertar da Montanha*, de 1919, de autoria de Eduardo Souto<sup>15</sup>, com a qual se tornou mundialmente conhecido.

A programação da rádio iniciava as 7 horas com a execução da orquestra tocando *O Despertar da Manhã*, seguida de poesias, poemas e mensagens proferidas por José Dias Chaves. Como reflete Rocha<sup>16</sup> sobre *O Despertar da Manhã*: “Durante muitos anos, o dia em nossa cidade parecia começar depois da execução do nosso hino matinal”.

<sup>15</sup> Eduardo Souto (São Vicente, 14 de abril de 1882 – Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1942) foi um pianista, compositor e maestro brasileiro.

<sup>16</sup> Edmundo Ferreira da Rocha. Disponível em: <[http://www.camposdojordaocultura.com.br/ver-cronicas.asp?Id\\_cronica=92](http://www.camposdojordaocultura.com.br/ver-cronicas.asp?Id_cronica=92)>. Acesso em: 16 maio 2018.

Figura 5 – Locutor José Dias Chaves



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em abril de 2017.

A família Menezes, que era original de Aracajú no estado de Sergipe, residiu em Campos do Jordão nas décadas de 1940 e 1950. Os três filhos, Nairson, Naércio e Francisco, foram esportistas que se destacaram na cidade. Nairson Menezes se destacou também como locutor esportivo da emissora de Campos do Jordão e transmitia programas através da antena que ficava localizada no morro acima do estádio de futebol. Seus programas conquistaram liderança de audiência.

Mais tarde, Nairson se mudou para a cidade de São Paulo e foi locutor em grandes emissoras da capital paulista, dentre elas a Rádio Bandeirantes. Depois, tornou-se também apresentador de televisão em São Paulo e em Salvador (BA) na década de 1960. Nairson Menezes mobilizou a população de Sergipe para a instalação de uma emissora, quando grupos de empresários resolveram investir na ideia, e surgiram, assim, os primeiros acionistas da TV Sergipe.

Figura 6 – Locutor Nairson Menezes



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em abril de 2017.

A foto abaixo é da equipe da Rádio Emissora de Campos do Jordão, transmitindo uma tarde esportiva de Campos do Jordão em 1964.

Figura 7 – Equipe da Rádio Emissora de Campos do Jordão



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em abril de 2017.

A Figura 8 é de uma peça comercial publicada no jornal *A Cidade* em 25 de dezembro de 1955 e 1º de janeiro de 1956, na sessão em que o comércio de Campos do Jordão desejava Boas Festas aos seus clientes, amigos e para a população da cidade em geral.

Figura 8 – Peça comercial publicada no jornal *A Cidade*



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em abril de 2017.

Hoje em dia, a Emissora de Campos do Jordão é dirigida pelo jornalista e radialista Hélio Silva, que forneceu o material para esta dissertação. Ela opera através de antena e transmissor com potência de 5.000 watts, instalados na Rodovia Floriano Rodrigues Pinto. Os estúdios estão instalados atualmente no prédio Pátio Duieux, na avenida Doutor Januário Miráglia nº 650. A rádio pode ser ouvida em aproximadamente 15 cidades da região, sendo alguns municípios do estado de São Paulo e também do estado de Minas Gerais.

#### 1946 – Olímpia / SP

#### ZYB-8 RÁDIO DIFUSORA DE OLÍMPIA

Fundada em 27 de agosto de 1946 e dirigida por José Carlos Seno e Afonso Miessa, a Rádio Difusora de Olímpia iniciou suas transmissões com o prefixo ZYB – 8, mas logo passou para ZYG – 8, em ondas médias (OM), primeiramente em 1.600 kHz e agora em 1.490 kHz. O nome Rádio Difusora de Olímpia foi o primeiro nome da emissora, que permanece até hoje, apesar das mudanças na direção da rádio.

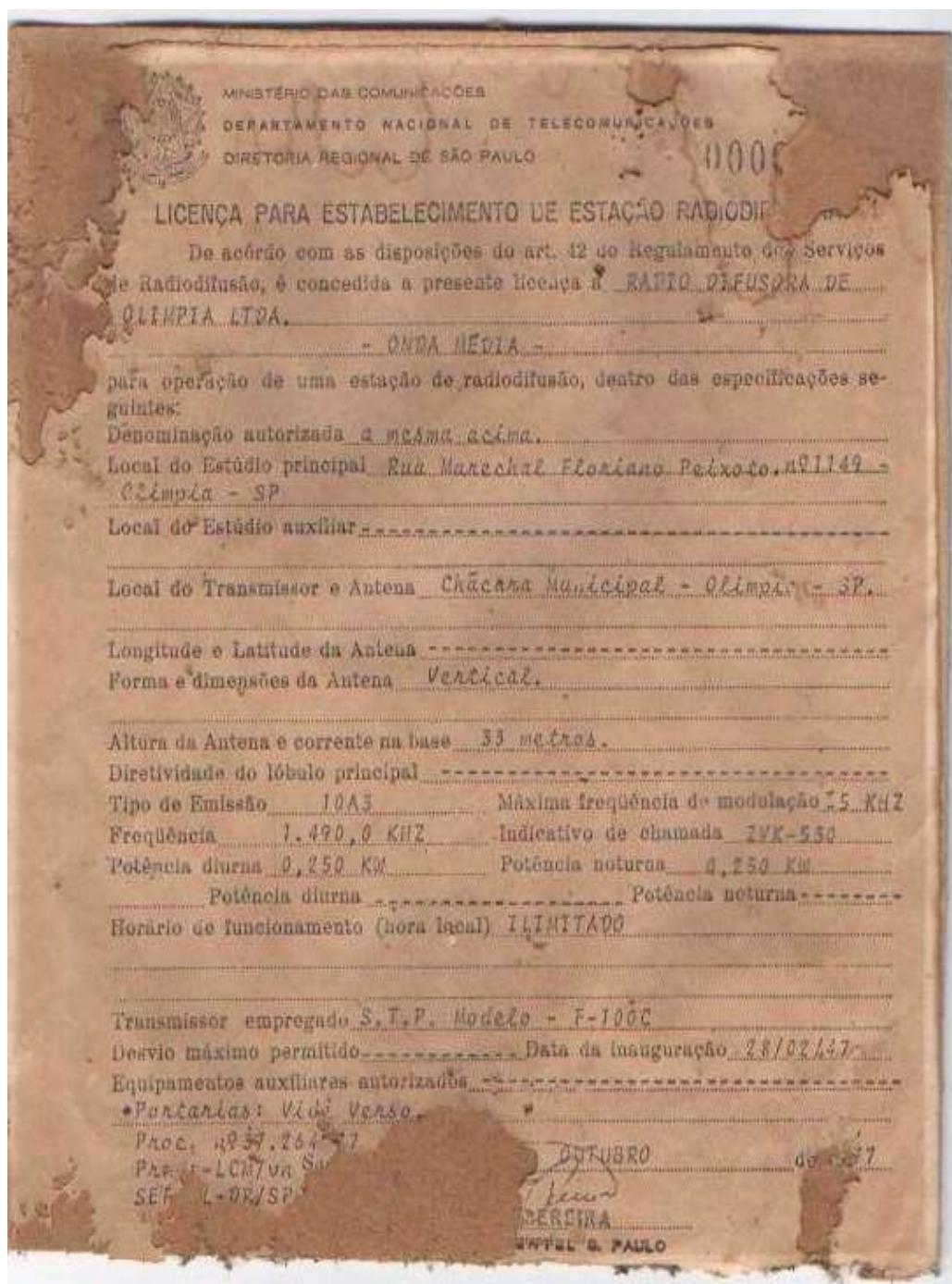
Para o progresso deste trabalho, pudemos contar com relatos de José Seno Filho, filho de um dos fundadores, que com pesar notificamos, aqui, seu falecimento durante as entrevistas. Seu filho, Pedro Henrique Ruiz Seno, neto do fundador, passou a ser o contato para a continuação das pesquisas e, por fim, a esposa de José Seno Filho, Patrícia Ângela Ruiz Seno, que também colaborou em entrevista para o melhor desenvolvimento desta dissertação.

José Seno Filho revelou que a emissora não pertence mais à família Seno, mas que foi, e continua sendo, a coisa mais importante para sua família. Sua mãe, Edmeé de Souza Pereira Seno, também falecida durante as entrevistas, fez um álbum com recortes de tudo o que era publicado nos jornais da época da inauguração e durante o período em que seu marido, José Seno, esteve no comando da emissora. Alguns desses recortes estão neste trabalho.

Pedro Henrique Ruiz Seno diz que sua avó Edmeé ficou muito feliz em poder contribuir para nossa pesquisa, pois, para ela, falar sobre a rádio trouxe boas lembranças de tempos muito felizes.

Patrícia Ângela Ruiz Seno conta que a rádio foi inaugurada no dia 27 de agosto, por ser o aniversário de Edmeé, esposa de José Seno. Foi uma data de muita festividade e alegria.

Figura 9 – Licença para Estabelecimento de Estação Radiofônica



. Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em março de 2017.

Antes de ir para Olímpia, José Carlos Seno era auxiliar de direção técnica da PRJ-8 Rádio Barretos, quando foi convidado para ser o diretor técnico da ZYB-8 Rádio Difusora de Olímpia, conforme noticiado no jornal *A Semana* da cidade de Barretos, em 15 de novembro de 1945 (Figura 10). Segundo o jornal, “[...] José Carlos Seno é incontestavelmente um moço inteligente, esforçado e de

inquebrantável força de vontade, e tem vencido em todos os seus empreendimentos". E o jornal completa em outra parte da mesma notícia:

[...] José Carlos Seno é hoje vitorioso. Simples, modesto e vivo, tem sido na PRJ-\* um relevante fator do seu progresso e, se Barretos perde um excelente amigo, Olímpia fica de parabéns com o retorno à sua vida social-artística de quem já a serviu por longo tempo. Não poderiam ter sido mais felizes os organizadores da Rádio de Olímpia com a escolha. (PELO RÁDIO, *A Semana*, 15 nov. 1945).

Figura 10 – Publicação no jornal *A Semana* (15 nov. 1945)



Fonte: Imagem do acervo da família Seno.

Conforme o jornal *Voz do Povo* (Figura 11) da cidade de Olímpia, em publicação de 22 de dezembro de 1945 sobre a chegada da emissora à cidade: “Olímpia será dotada de uma possante Estação Rádio Transmissora que levará a todos os recantos da nossa pátria a mensagem do adiantamento e da cultura do povo deste privilegiado rincão paulista”. E continua:

É inegável que nossa terra atravessa uma fase de prosperidade jamais atingida antes e é inegável também que se ressentia de uma iniciativa dessa natureza. Cidade culta, adiantada, progressista e moderna. Olímpia tinha necessidade premente de uma Rádio Emissora que se incumbisse de levar à outras terras a sua voz de progresso e de prosperidade, um veículo, em fim, que contasse aos nossos irmãos brasileiros, que também aqui se trabalha e se produz para o bem da gleba comum. (A VOZ..., *Voz do Povo*, 22 dez. 1945).

Figura 11 – Publicação no jornal *Voz do Povo* (22 dez. 1945)

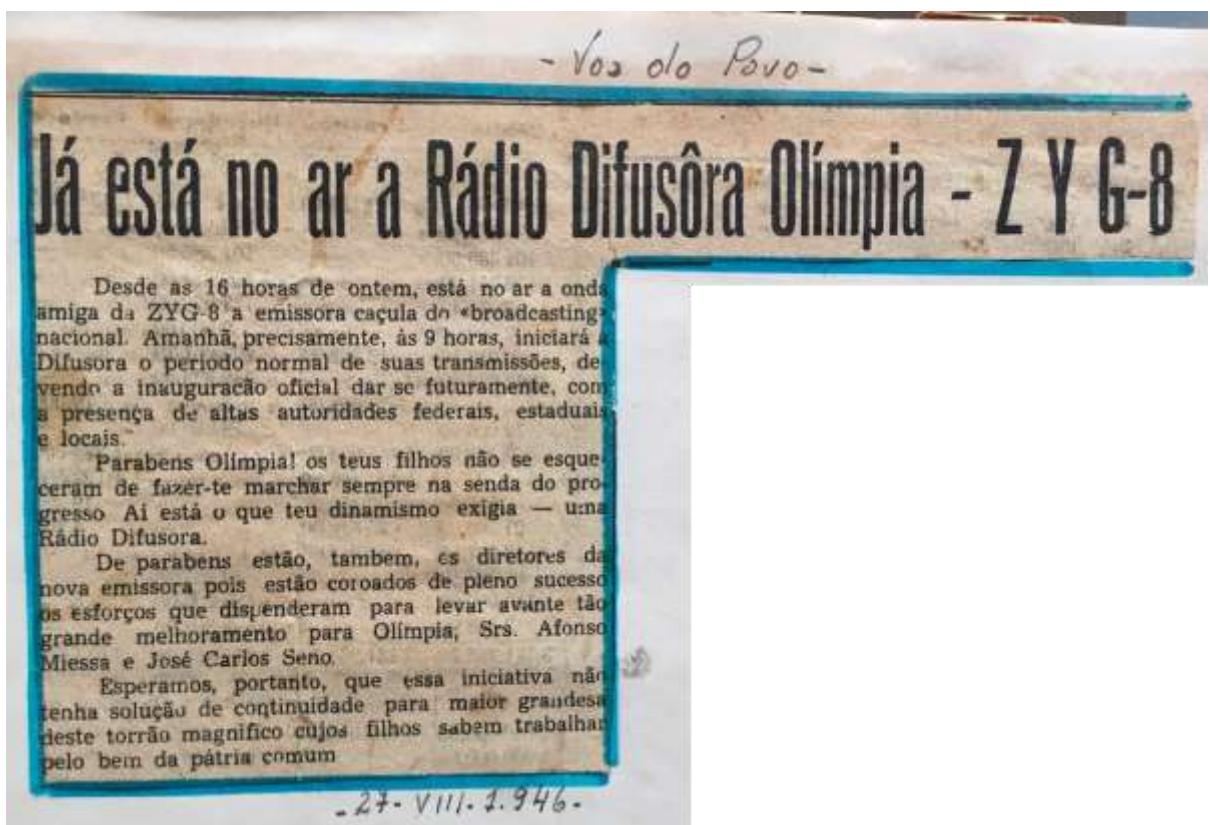


Fonte: Imagem do acervo da família Seno.

Com relação à inauguração da emissora, como retrata o jornal *Voz do Povo* (Figura 12), na cerimônia oficial estariam presentes autoridades federais, estaduais e locais, tendo em conta a grande importância da abertura da primeira emissora da cidade de Olímpia para a radiodifusão. E diz:

Parabéns Olímpia! Os teus filhos não se esqueceram de fazer-te marchar sempre na senda do progresso. Aí está o que teu dinamismo exigia – uma Rádio Difusora. De parabéns estão, também os diretores da nova emissora pois estão coroados de pleno sucesso os esforços que dispenderam para levar avante tão grande melhoramento para Olímpia, Srs. Afonso Miessa e José Carlos Seno. (JÁ ESTÁ..., *Voz do Povo*, 27 ago. 1946).

Figura 12 – Publicação no jornal *Voz do Povo* (27 ago. 1946)



Fonte: Imagem do acervo da família Seno.

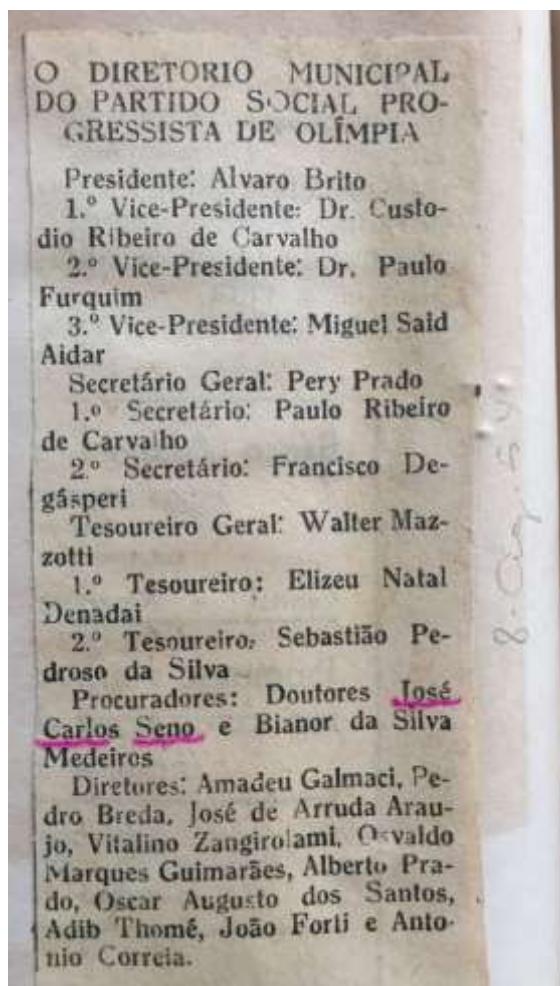
Um dos fundadores e diretor da emissora na época da inauguração, José Carlos Seno, fazia parte da política local (conforme Figuras 13 e 14). Isso demonstra o envolvimento dos personagens das rádios com a sociedade em que a emissora estava inserida.

Figura 13 – Fundador da Rádio Difusora de Olímpia



Fonte: Imagem do acervo da família Seno, retirada do jornal *Voz do Povo*, publicação de 8 nov. 1947.

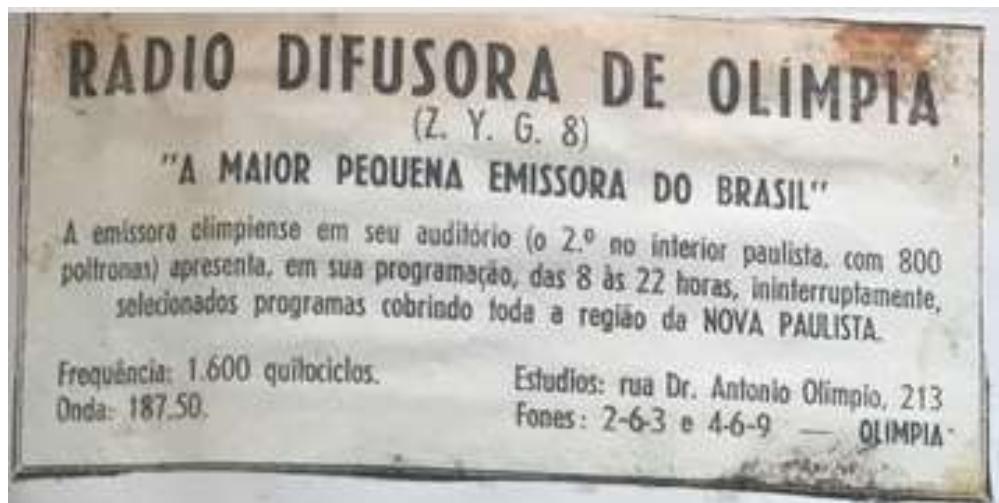
Figura 14 – Publicação no jornal *Voz do Povo* (8 ago. 1954)



Fonte: Imagem do acervo da família Seno.

José Seno Filho diz que Difusora de Olímpia, também conhecida como “A Maior Pequena Emissora do Brasil” (Figura 15), cujo auditório foi o segundo no interior do estado de São Paulo, com capacidade para 800 pessoas. Muitos cantores famosos visitavam a cidade para se apresentar na rádio e também nos famosos programas de auditório da época.

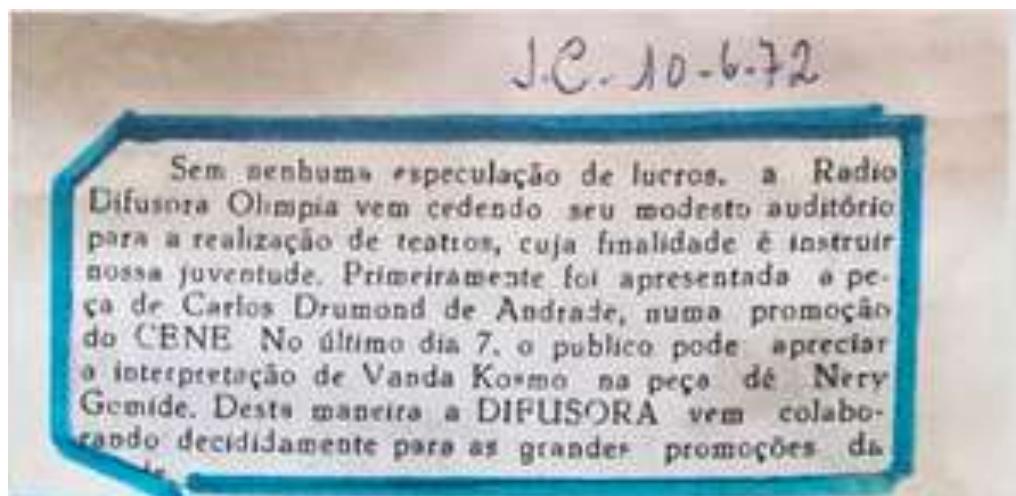
Figura 15 – Publicação no jornal *Correio Paulistano* (13 nov. 1958)



Fonte: Imagem do acervo da família Seno.

De acordo com José Seno Filho, e conforme o recorte abaixo, a Difusora se preocupava com a população da cidade, tanto que cedia seu auditório para a realização de teatros para instrução de jovens olimpienses. Peças de grandes escritores, como Carlos Drummond de Andrade, eram apresentadas aos jovens, sem fins lucrativos para a emissora.

Figura 16 – Publicação no jornal *Cidade da Cidade* (10 jun. 1972)



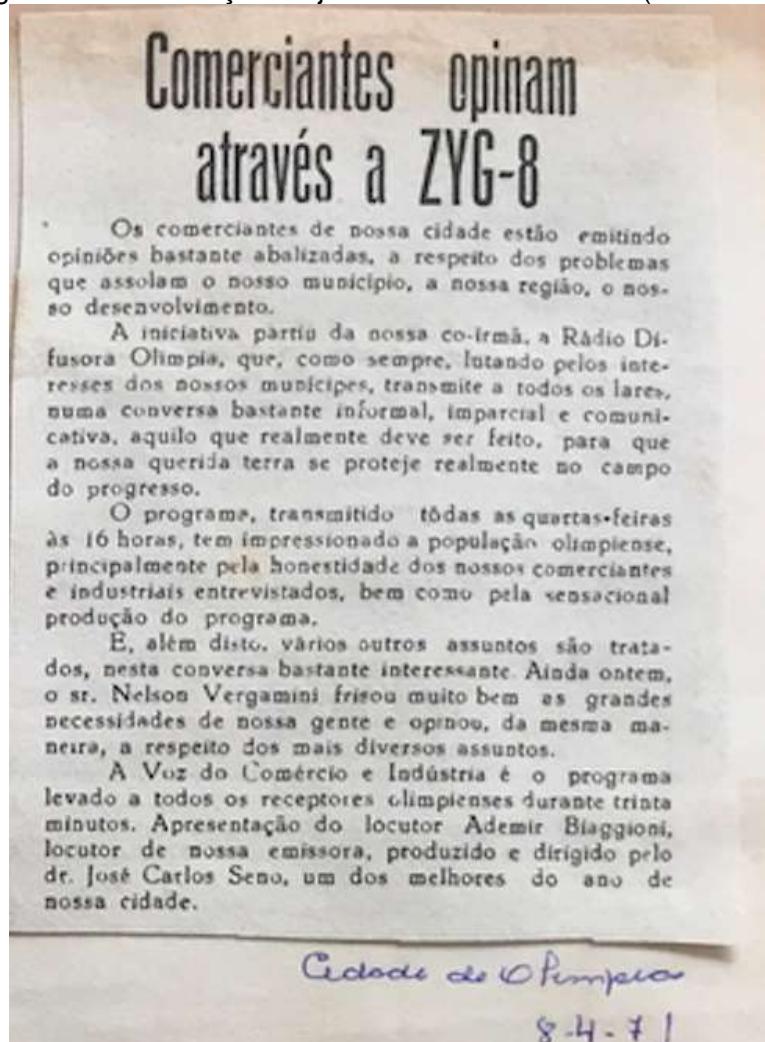
Fonte: Imagem do acervo da família Seno.

Tudo o que acontecia na cidade passava pela rádio, segundo José Seno Filho: eventos, eleições, inaugurações, etc. Inclusive a emissora era uma espécie de

porta-voz do povo, deixando que a população utilizasse a emissora para emitir opiniões a respeito dos problemas ocorridos na cidade. Conforme reportagem do jornal *Cidade de Olímpia* (Figura 17), publicada em 8 de abril de 1971:

Os comerciantes de nossa cidade estão emitindo opiniões bastante abalizadas, a respeito dos problemas que assolam o nosso município, a nossa região, o nosso desenvolvimento. A iniciativa partiu da nossa coirmã, a Rádio Difusora Olímpia, que, como sempre, lutando pelos interesses dos nossos municípios, transmite a todos os lares, numa conversa bastante informal, imparcial e comunicativa, aquilo que realmente deve ser feito, para que nossa querida terra se projete realmente no campo do progresso. (COMERCIANTES..., *Cidade de Olímpia*, 8 abr. 1971).

Figura 17 – Publicação no jornal *Cidade da Cidade* (8 abr. 1971)



Fonte: Imagem do acervo da família Seno.

José Seno Filho, contou uma curiosidade sobre o sócio de seu pai na emissora, também um dos fundadores da rádio: Afonso Miessa é pai de Paulo Afonso Miessa, mais conhecido como Paulo Goulart<sup>17</sup>, um dos grandes atores da televisão brasileira. Paulo Afonso Miessa, ou Paulo Goulart, nasceu em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Quando ele completou 5 anos de idade, a família se mudou para a cidade de Olímpia, também no interior do estado. Seu primeiro trabalho foi como radialista e operador de som na ZYG-8 – Rádio Difusora de Olímpia. Paulo Goulart fez parte de um grupo de cantores chamado Quarteto Tupã. Seu sobrenome artístico, Goulart, foi em homenagem ao tio Airton Miessa, irmão de seu pai, conhecido no mundo do rádio como Tito Goulart<sup>18</sup>.

Figura 18 – Afonso Miessa, fundador da Rádio Difusora de Olímpia



Fonte: Imagem do acervo da família Seno, retirada do jornal *Voz do Povo*, publicação de 17 ago. 1947.

Segundo José Seno Filho, a programação da época incluía: Música Caipira; Música Popular Brasileira; Música Estrangeira; Música Fina; Novelas; Notícias Locais, Nacionais e Internacionais; Esportes. Conforme Figura 19, a programação

<sup>17</sup> Paulo Goulart, nome artístico de Paulo Afonso Miessa (Ribeirão Preto, 9 de janeiro de 1933 – São Paulo, 13 de março de 2014) foi um ator, dramaturgo, diretor e escritor brasileiro. Considerado um dos maiores talentos do teatro brasileiro.

<sup>18</sup> Informações disponíveis em: <<http://saudecompalavras.com/celebridades/descubra-se-voce-e-capaz/>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

era transmitida em dois períodos: 1º Período de Transmissões, das 9 às 13 horas; 2º Período, das 15 às 22 horas.

Figura 19 – Publicação no jornal *Voz do Povo* (29 jun. 1946)



Fonte: Imagem do acervo da família Seno.

A emissora também transmitia os programas conforme publicados no jornal de 1947, *Voz do Povo*, da cidade de Olímpia (Figura 20): Olimpíadas Sonoras; Comando G-8; Calouros de José Carlos; Ondas Literárias; O Esporte em Marcha; Informativo G-8; Comentário sobre a Marcha dos Acontecimentos; Angelus;

Romance e Melodia; Nostalgias; Salve América; Bom Dia Brasil; Rádio Teatro do Eter; Programa Infantil.

Figura 20 – Publicação no jornal *Voz do Povo* (22 fev. 1947)

**ALÔ, ALÔ BRASIL!...**  
**Aqui fala Olímpia, pela voz da sua RÁDIO-EMISSORA!**

Ao comemorar o seu 10º aniversário de funcionamento, a **Z-Y-G-S**, pelos seus diretores e funcionários, congratula-se vivamente com os habitantes da vasta e rica zona servida pela sua onda amiga, possante e programada.

Durante 10 horas por dia, a **Rádio Difusora Olímpia** leva aos seus ouvintes, através do seu microfone 100% eficiente, programas selecionados.

As seguintes firmas e estabelecimentos tiveram e continuam tendo os seus produtos anunciamados ao microfone de **Z-Y-G-S**:

Partido Trabalhista Brasileiro - Partido Social Progressista - Partido Social Democrático - Comissão Olímpia - Zilda Brasil - Artistas: Joaquim - Joaquim Lohmeyer - Domingos Andrade - Joaquim O. P. Maluf - Marin Trouw - Décio da Silva Cardoso - Mauro Dantas - Henrique Sampaio - Ivo Aladar - Irineu Petti - Francisco Degni - Mário Justino Ferreira - Leda Pugl - Horácio Ribeiro - Alcides Sampaio - Napoleão Nogueira - Hild & Cia - Antônio Segismundo - Irineu Petti - José Góes - Magali Maluf & Cia - Henrique Ferreira - José Dado - Décio Caminada - Vespasiano - Lembado São João - Oliveira & Borges - Oliveira & Cia - Fábrica de Móveis Dantas - Edmundo Antônio de Oliveira - Tropení & Cia - Egílio Góes - Domingos Pacheco - José Dutra da Fátima Lima - Fidel Brasil - Forte & Cia - Vítor Acácio Lida - Leônidas Espírito - Irineu Petti - Casa Permanecente - Casa Orlando - Gabinete de Bento Petti - Antônio Sampaio Braga - Benedito Marques - Góes & Júlio - José Sá - Antônio Moreira - David de Oliveira & Cia - Sílvio & Décio - César de Campos - Eugênio Veiga - Augusto Waldrich - Teófilo Braga - Klabin & Maroni - David Brasil - Dr. Luiz Vitorino Cruz Marinho - Henrique & Coelho - Ernesto Mauá - Paulo Ferreira - Domingos de Souza - Alexandre Maluf - Pádua Cassel - Irineu Pacheco - Mário Moreira - Leda - Irineu Pacheco Longhi - Mariano & Braga - Casarão São & Cia - Lino Chaves Góes - José Trindade - Domingos Sávio - Alcides Sampaio - Joaquim de Oliveira - Dr. Geraldo de Melo Carvalho - Dr. Ruy Lopes Ferreira - Cláudio Linsenreis e Marques - João Dantas - Jorge Dantas & Irineu - Pacheco Lida - Matilde Braga - Alberto Pinto - Pacheco Góes - Perné & Martínez - José Costa - Eletric Mecânica - Góes & Lida - Francisco Longhi - Irineu Dado - Hugo Longhi - Décio Ferreira - Pacheco Linsenreis & José Costa - Antônio Ferreira - Mário Júlio - Lourenço Pacheli - Joaquim Longhi - Emissora Botafogo Astanguer - Esquadrão Propaganda - Henrique - Antônio Ferreira - Mário Júlio - Partido Comunista do Brasil - Irineu & Lida - Líder do Brasil Lida - J. Walter Thompson Company do Brasil - Alvaro - Companhia Gaseif Industrial.

**Entre outras más, a Rádio Difusora Olímpia apresenta e apresenta os seguintes programas:**

**Otimizadas Sessões:** - Comédias G-S - Calouros de José Carlos - Ondas Literárias - O Exporto em Marcha - Informativo G-S - Comentário sobre a Marcha dos Acontecimentos - Angústia - Romance e Melodia - Nostalgias - Salve América - Bom dia, Brasil! - Rádio Teatro do Eter - Programa Infantil.

**Iniciativas coroadas de pleno êxito:** - Invenção de prêmios literários - direcionado ao leitor dos romances, livros de poesia de autores, reportagens políticas de autores e anotações particulares, apontado das eleções etc.

**Localidades atingidas pela onda de Z-Y-G-S:**

Barras - Rio Pardo - Catanduva - Ribeirão Preto - Mairi - Areal do Turvo - Belo Horizonte - Taubaté - Nova Granada - Guaraci - São João - Cajá - Tatuí - Praia Grande - (Estado de Minas Gerais) - Minas Verde - Altinópolis entre outras.

**Quadro de Funcionários:**

**Assistente Técnico:** José Bento - **Locutor:** Mário Novais - Arlindo Godart - Mário Sodré - Arlindo Correia - **Secretaria:** Mário Novais - Arlindo Correia - **Controlador de Som:** José Alvaro Maroni - Armando Góes - José Dutra - Mário Alvaro Toledo - **Secretaria:** José Sávio - José de Mello - **Dirigentes Comerciais:** Alfonso Mário - **Dirigentes Técnicas:** José Carlos Sávio - **Artistas:** Réginaldo G-S - José Sávio - José de Mello - Irineu Petti - José Marques - Júlio Alves - José Marques - Domingos - Juca - Bathista - Décio Brasil - Hugo Longhi - Henrique - Alcides Sampaio - Henrique Sampaio - Domingos Soárez e vários outros.

**As novas suas magníficas atrações - a programação da rádio é cada vez mais atraente - a Rádio Difusora Olímpia conquistou o seu lugar definitivo entre as rádios, tanto a rádio profissional, como também as que são encaradas pelos ouvintes e curiosos em geral.**

**As rádios principais existentes no Brasil possuem a programação de 1.400 horas, só a Rádio Difusora Olímpia, dada de 1.527 horas, Ponto 20.**

**As rádios principais existentes no Brasil possuem a programação de 1.400 horas, só a Rádio Difusora Olímpia, dada de 1.527 horas, Ponto 20.**

**As rádios principais existentes no Brasil possuem a programação de 1.400 horas, só a Rádio Difusora Olímpia, dada de 1.527 horas, Ponto 20.**

Fonte: Imagem do acervo da família Seno.

Atualmente, a Difusora faz parte da Rede Bandeirantes de Rádio, podendo hoje proporcionar à população da cidade as principais notícias nacionais e internacionais com maior qualidade, além de uma programação esportiva mais abrangente. A equipe de jornalismo local tem seu foco no jornalismo comunitário, sendo digno de seu slogan: *A Rádio do Povo!*

**1947 – Amparo / SP****ZYK – 504 RÁDIO DIFUSORA DE AMPARO**

Fundada em 8 de janeiro de 1947 e dirigida por José Carlos de Camargo Campos, a emissora está até hoje em poder da família Campos, hoje dirigida pela filha de seu fundador, Maria Lucia Campos. Seu prefixo é ZYK -504 e sua frequência 1.580 kHz. A emissora sempre participou ativamente nas áreas de política e social da cidade.

Sendo a primeira e considerada a mais ouvida da região conhecida como Circuito das Águas, a rádio tem uma cobertura que abrange as cidades de Pedreira, Lindoia, Águas de Lindoia, Jaguariúna, Campinas, Serra Negra, Morungaba, Itatiba, Monte Alegre do Sul, Itapira, Tuiuti, Bragança Paulista, Pinhalzinho, Santo Antônio de Posse, Socorro, entre outras cidades.

Após inúmeros contatos sem sucesso com a emissora, percebe-se que os responsáveis não têm interesse na publicação de mais informações, além das que estão disponíveis em locais públicos. Diante disso, não foi possível uma pesquisa mais completa sobre a Rádio Difusora de Amparo.

**1947 – São João da Boa Vista****ZYJ – 6 RÁDIO DIFUSORA DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA**

Fundada em 20 de fevereiro de 1947 e dirigida na época por Leopoldino Bueno, fundador e gerente comercial. Foi a primeira emissora de rádio da cidade de São João da Boa Vista e era uma rádio totalmente familiar, em que todos os membros da família participavam do trabalho. Segundo Rodrigues (2002, p. 39), “a Família Bueno foi a grande responsável pela chegada da ZYJ-6 Rádio Difusora em São João da Boa Vista, interior paulista”.

A rádio operava com 100 watts de potência, a menor potência possível em uma rádio na época. Porém, como existiam poucas emissoras naquele tempo no País, sua programação era difundida por vários estados.

As informações aqui contidas nos foram transmitidas através de contato com a emissora, que além de transmitir informações básicas a respeito de sua história, indicou o livro *Peixe Seco: A História da Rádio Piratininga*, escrito por Kelly Priscila Rodrigues, que conta a história da rádio, além de seu papel na sociedade.

O fundador, Leopoldino, cuidava da parte administrativa da emissora, e as outras tarefas eram exercidas por seus filhos. O filho mais velho, Leopoldino Bueno Filho, mais conhecido como Dino, era engenheiro eletrônico e responsável por toda a estrutura técnica da rádio. Por sua persistência, a rádio foi a segunda emissora do Brasil a ter um transmissor portátil.

Figura 21 – Leopoldino Bueno e sua esposa, Hortênia Bueno



Fonte: RODRIGUES, 2002, p.38.

A filha Maria Adeonice Bueno, mais conhecida como Dona Carminha, foi a primeira locutora da rádio e da cidade. Seu apelido lhe foi dado por ter sido batizada no dia de Nossa Senhora do Carmo, e assim passou a ser chamada desde então. Ela ouvia os programas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro e se espelhava em suas apresentadoras.

Vicente Bueno, o filho caçula, era locutor e iniciou sua carreira como radialista da emissora aos 17 anos de idade, e também cuidava da área comercial e da contabilidade. Além disso, Vicente elaborava roteiros para a programação e participava de programas de calouros, infantis e de rádio teatro. Ele também era locutor de jogos de futebol e transmitia a apuração das eleições. Sua voz foi ouvida pelos cidadãos sanjoanenses até 1951, ano em que a emissora foi vendida.

Figura 22 – Vicente Bueno



Fonte: RODRIGUES, 2002, p. 38.

Para que a inauguração fosse possível, a família levou parte dos funcionários da rádio de São José do Rio Pardo, que também era da família, para apresentar os programas festivos que se estenderam por todo o dia da inauguração.

A primeira sede da rádio ficava na praça Armando Sales de Oliveira nº 102. Posteriormente, a emissora foi instalada na praça da Catedral nº 22, nas dependências do Teatro Municipal, e atualmente sua sede fica na rua Floriano Peixoto nº 64.

A radiodifusão iniciou na cidade com um serviço de alto-falantes, pertencentes a Antonio David Monsenhor, instalados no centro da cidade, um na antiga praça da Matriz e o outro na praça Joaquim José. Na época, os alto-falantes operavam das 10h00 às 12h00, das 14h00 às 16h00 e das 18h00 às 22h00.

Por intermédio dos alto-falantes, a população podia ouvir músicas, anúncios do comércio local ou notícias dos fatos que ocorriam na cidade naquela época, transmitidos pelos pioneiros da radiodifusão na cidade: Fábio Silveira, Rogério Posi, Creuci Pereira de Oliveira e Sebastião Dalarmo.

Já com a inauguração da Rádio Difusora, a primeira transmissão foi feita por Vicente Bueno, filho mais novo do fundador Leopoldino Bueno, que foi comunicar ao Ministério da Viação e Obras Públicas que a mais nova rádio da cidade estava

iniciando suas operações, a fim de que o Rio de Janeiro analisasse se a emissora estava de acordo com os padrões exigidos pela lei.

O principal objetivo da emissora, na época, era transmitir os acontecimentos que se passavam na sociedade em geral e no município.

No início, além da família Bueno, a ZYJ-6 tinha três funcionários efetivos e diversos voluntários, que transmitiam para a cidade de São João da Boa Vista todas as informações e entretenimento da região.

Segundo Rodrigues, “[...] a Difusora dos anos 50 fazia parte da vida das pessoas, com uma participação social mais modesta, mas de muita profundezas de amizade, de amor [...]” (RODRIGUES, 2004, p. 47).

Sobre a programação da emissora, o primeiro programa de grande repercussão foi “A Hora da Amizade”. Era um programa com o intuito de interagir com a população e cumprir um papel social. Naquela época, era costume demonstrar amizade oferecendo uma música através do rádio, especialmente em datas especiais como aniversários. Para tanto, a emissora cobrava três cruzeiros. A princípio, o programa teria uma hora de duração por dia, porém, devido ao sucesso, durava o dia inteiro. Ao final do dia, a pessoa que tivesse recebido o maior número de músicas oferecidas recebia em sua casa o conjunto musical de Marcelo Aguiar, “Marcelo e seu Regional”. Até os dias de hoje, na programação da emissora é comum oferecer músicas para felicitar um amigo aniversariante.

Em 1949, outro destaque da programação era o programa “No Mundo Infantil”, comandado por Fábio Noronha e Ito Amorim e com a participação de muitos calouros. O programa era apresentado aos domingos das 10 às 12 horas. Quando nomes de sucesso do rádio visitavam a cidade, apresentavam-se no programa. Luiz Gonzaga<sup>19</sup>, Carmélia Alves<sup>20</sup> e João Dias<sup>21</sup> marcaram presença.

Os anos 1950 ficaram conhecidos como os “Anos Dourados” do rádio. Nesse período, podemos destacar que a emissora tinha uma programação mais eclética. Entre os programas que foram ao ar durante os anos 1950, destacaram-se: “Qual é a Música”, “Ouça O Que Quiser”, “Terra sempre Terra”, “A saudade também é

<sup>19</sup> Luiz Gonzaga do Nascimento (Exu, 13 de dezembro de 1912 – Recife, 2 de agosto de 1989) foi um compositor e cantor brasileiro.

<sup>20</sup> Carmélia Alves Curvello (Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1923 – Rio de Janeiro, 3 de novembro de 2012) foi uma cantora brasileira. Nomeada por Luiz Gonzaga a “Rainha do Baião”, fez sucesso na década de 1950 com “Sabiá na gaiola”.

<sup>21</sup> João Dias Rodrigues Filho ou simplesmente João Dias (Campinas, 12 de outubro de 1927 – Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1996) foi um cantor brasileiro.

Jovem", "A velha guarda ainda não tem vez" e "Desfile de Ouro", todos apresentados por Fábio Silveira. Além de outros programas como: "Telefone pedindo Bis", "Repórter Telerádio" e "Campeãs da Semana", por Basílio Bisi; "O Sábado é Nosso" e "Suave é a Noite", com Fábio Noronha. E também os programas: "Show de Bola" com Edélcio Decanini e Equipe de Poços, "Programa Soninha Star" com Sônia Carvalho, "Sinfonia Sertaneja" apresentado por Julio Araújo, entre outros.

Já na área jornalística os programas eram "São João é o Destaque" e "Jornal das Seis", apresentados por Antônio Luiz Magalhães e "Jornal da Manhã", narrado por Telma Sales. Porém, o programa "Rotativa no Ar" teve maior destaque e está no ar até os dias de hoje. O noticiário leva aos ouvintes os acontecimentos regionais, nacionais e internacionais.

As radionovelas e os programas de auditório, bem como os humorísticos, marcaram a época denominada de "Fase de Ouro" da radiodifusão sanjoanense. Um programa que fez bastante sucesso com os ouvintes foi o Show de Calouros, um programa copiado do apresentado por Ary Barroso<sup>22</sup>.

O rádio-teatro era uma adaptação de letras de músicas transformadas em novelas. Os ouvintes adoravam e ficavam curiosos para conhecer artistas por de trás dos microfones. A primeira peça que foi ao ar foi dirigida por Roberto Balestrin e se chamava "Direito de Ser Feliz". O elenco era composto de mais de dez locutores, incluindo Dino, Carminha e Vicente Bueno.

Grandes nomes como os de Luiz Gonzaga<sup>23</sup>, Francisco Alves<sup>24</sup> e Vicente Celestino<sup>25</sup> se apresentaram na rádio.

Nos primeiros anos da década de 1950, possuía a Rádio Piratininga o grupo "Típica de Tangos" composto por: Nenê Farnetani, no acordeão; sua esposa Bartira Lourenço Farnetani, no piano; Emílio Caslini, Veldo Westim, José "Zezinho" de Andrade Neto e Acácio Mendes, no violino, além de Alfredo Cervidio no contrabaixo. (MARCONDES, 2013, p. 293).

<sup>22</sup> Ary Evangelista Barroso (Ubá, Minas Gerais, 7 de novembro de 1903 – Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1964) foi um compositor brasileiro de música popular.

<sup>23</sup> Luiz Gonzaga do Nascimento (Exu, 13 de dezembro de 1912 – Recife, 2 de agosto de 1989) foi um compositor e cantor brasileiro.

<sup>24</sup> Francisco de Moraes Alves, mais conhecido por Francisco Alves, Chico Alves ou Chico Viola (Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1898 – Pindamonhangaba, 27 de setembro de 1952), foi um dos mais populares cantores do Brasil na primeira metade do século XX, considerado por muitos o maior do país.

<sup>25</sup> Antônio Vicente Filipe Celestino (Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1894 — São Paulo, 23 de agosto de 1968) foi um dos mais importantes cantores brasileiros do século XX.

Figura 23 – Nenê e Bartira<sup>26</sup>



Lindolfo "Nenê" Farnetani e sua esposa Bartira Gomes Farnetani - Acervo Família Farnetani.

Segundo Marcondes, “No Mundo da música, São João da Boa Vista sempre esteve intensamente ativa” (MARCONDES, 2013, p. 289).

A família Bueno levou a radiodifusão para cidades do interior de São Paulo que ainda não possuíam esse serviço. Dessa maneira, a família tinha diversas emissoras em cidades como Batatais, São José do Rio Pardo e Lucélia, entre outras. A intenção era manter as rádios funcionando por um determinado tempo e depois vendê-las. Sendo isso que aconteceu com a de São João da Boa Vista por volta de 1952.

Em 1951, a família começou a pensar em vender a emissora quando Vicente Bueno se casou em 1950 e, por diversas razões, encerrou sua carreira na radiodifusão um ano depois. Leopoldino Bueno já com idade avançada e não podia mais dirigir a emissora, o filho mais velho, Dino, havia se mudado para Campinas e a filha se tornou professora. Tais acontecimentos levaram a família a vender a difusora.

Inicialmente, o doutor Oliveira Neto e os professores Nascipe Atala Murr e Francisco A. Martins adquiriram a rádio, porém não tiveram sucesso. Posteriormente, a emissora foi adquirida pela Rede Piratinha e passou a se

<sup>26</sup> Disponível em: <[https://issuu.com/arteeculturasjbvista/docs/arte\\_e\\_cultura\\_parte\\_3](https://issuu.com/arteeculturasjbvista/docs/arte_e_cultura_parte_3)>. Acesso em: 23 abr. 2018.

chamar Rádio Piratininga. A rede Piratininga é uma das maiores redes de rádio do estado de São Paulo.

A emissora recebeu o nome de Rádio Piratininga em homenagem à cidade de Piratininga. *Piratininga* é o nome de uma aldeia guaianá, que significa “peixe seco” em tupi.

#### **1947 – Garça / SP**

#### **ZYL – 3 RÁDIO CLUBE DE GARÇA**

Fundada em 21 de junho de 1947, por iniciativa de Manoel Ferreira Moisés, Luiz Aranha e Flávio Carneiro de Mendonça. Sua primeira sede ficava localizada na rua Heitor Penteado, 173 e transmitia na frequência de 1.600 KHz.

Figura 24 – Primeira sede da Rádio Clube de Garça



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em novembro de 2018.

Ronaldo Sossolete, mais conhecido como Sosso, é hoje locutor da emissora e foi quem contribuiu com as informações contidas nesta dissertação. De acordo com dados fornecidos por Sosso (2018), como é conhecido, a cerimônia de inauguração da ZYL-3 Rádio Clube de Garça teve inicio às 20 horas do dia 21 de junho, um sábado, e contou com a presença da elite garcense. No dia seguinte, a emissora ofereceu ao público um show no antigo Cine Garça, com o famoso locutor Blota

Junior<sup>27</sup> e com apresentações de Serrinha, Rielinho e Caboclinho, dentre outros. Além do show oferecido pela emissora para a festa de inauguração, aconteceram partidas de futebol, voleibol e basquete entre personalidades do rádio paulistano e garcense. Na cerimônia, o padre Antônio Magliano deu sua bênção à emissora. “Aproveitando a época de ouro do rádio, a emissora garcense logo consolidou sua audiência na região. Muitos contribuíram para seu desenvolvimento” (2017)<sup>28</sup>.

Figura 25 – Trio Serrinha, Rielinho e Caboclinho<sup>29</sup>



Em 8 de julho do mesmo ano (1947) aconteceu o início da programação oficial da emissora, com destaque para atrações de programas de auditório e programas da rádio como: A Hora do Guri, Luar do Sertão, Caravana dos Ritmos, Angu de Caroço, As Desventuras de Dona Dindinha, Grande Teatro L-3, Antigamente e Era Assim, Viagens ao Redor do Mundo, Joias Musicais, Brincadeiras de Auditórios, Rapsódia do Riso e Rádio Baile. Segundo o Jornal Comarca de Garça (2017)<sup>30</sup>: “Era o rádio presente nas noites das famílias garcenses, seja assistindo aos programas ao vivo no auditório, ou no aconchego de seus lares”.

<sup>27</sup> José Blota Jr., conhecido como Blota Jr., (Ribeirão Bonito, 3 de março de 1920 – São Paulo, 22 de dezembro de 1999) foi um polímata brasileiro, tendo atuado como advogado, locutor, apresentador, político, empresário, jornalista, roteirista e produtor de rádio e televisão.

<sup>28</sup> **Rádio Centro Oeste AM completa 70 anos de história.** Matéria publicada no jornal *Comarca de Garça* de 21 jun. 2017. Fornecida à autora por Ronaldo Sossolete, locutor da Rádio Centro Oeste.

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iSlIBDWOVL4>>. Acesso em: 7 nov. 2018

<sup>30</sup> **Rádio Centro Oeste AM completa 70 anos de história.** Matéria publicada no jornal *Comarca de Garça* de 21 jun. 2017. Fornecida à autora por Ronaldo Sossolete, locutor da Rádio Centro Oeste.

Figura 26 – Programa de auditório “A Hora do Guri”



Fonte: imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em novembro de 2018.

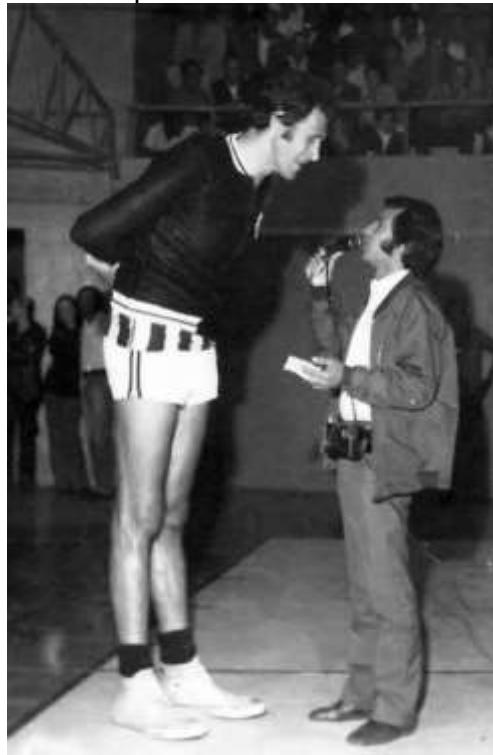
Segundo Sosso (2018), Nilson Bastos Bento foi um dos primeiros e um dos mais importantes locutores da Rádio Clube de Garça. Nilson iniciou sua carreira aos 12 anos no serviço de alto-falantes “A Voz de Garça”, e aos 15 anos foi trabalhar como locutor na Rádio Clube de Garça. Nilson atuou como locutor, apresentador de radiojornal e repórter até assumir a gerência da rádio em 1968; e dois anos após assumir a gerência, tornou-se sócio da emissora. “Nilson sente orgulho pelo que fez dentro de uma emissora pequena, em uma cidade pequena, até revelar grandes e importantes nomes para o rádio” (2017)<sup>31</sup>.

A carreira do Nilson começou bem cedo: com apenas 12 anos ele já era locutor no serviço de alto-falantes A Voz de Garça, na antiga estação rodoviária. Aos 15 anos foi convidado por Antônio Constantino Neto e Badú Barros para trabalhar na Rádio Clube de Garça. Com 16 anos, em 1963, foi levado por Moacir Teixeira Pitta e Wilson Mattos para a Rádio Clube de Marília, na época uma emissora referência no rádio interiorano. Só que dois anos depois retornava à Rádio Clube de Garça. (2017)<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> **Rádio Centro Oeste AM completa 70 anos de história.** Matéria publicada no Jornal Comarca de Garça de 21 jun. 2017. Fornecida à autora por Ronaldo Sossolete, locutor da Rádio Centro Oeste.

<sup>32</sup> **Rádio Centro Oeste AM completa 70 anos de história.** Matéria publicada no Jornal Comarca de Garça de 21 jun. 2017. Fornecida à autora por Ronaldo Sossolete, locutor da Rádio Centro Oeste.

Figura 27 – Nilson Bastos Bento entrevistando Emil Rached<sup>33</sup> na inauguração do Ginásio de Esportes Wilson Martini



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em novembro de 2018.

Figura 28 – Concurso de Violeiros da Rádio Clube de Garça



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em novembro de 2018.

<sup>33</sup> Emil Assad Rached, também conhecido como O Gigante (Vera Cruz, 20 de junho de 1943 – Campinas, 15 de outubro de 2009) foi um dos mais altos jogadores do basquete brasileiro, com 2,20 metros.

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a rádio adquiriu novos equipamentos, aumentando sua potência de 250 para 1.000 watts, além de passar por uma reformulação em que modernos estúdios foram instalados em um prédio localizado à rua Prefeito Salviano Pereira Andrade, 20, onde permanece até os dias de hoje. Com o objetivo de ampliar seu alcance e melhorar a qualidade do som, a rádio hoje opera em 670 khz, passando a ser ouvida em toda a região Centro-Oeste do estado de São Paulo. Atualmente a emissora se chama Rádio Centro Oeste e é dirigida por Patrícia Marangão. Seu pai, Antônio Marangão, assumiu a direção da emissora em 1989, dando início à história da família Marangão na radiodifusão. Depois, Andréia Marangão, filha de Antônio, assumiu o comando da rádio e por fim, sua irmã Patrícia Marangão assumiu a direção em 1991 e é responsável pela emissora até hoje. “A empresária confessa que não pensava nem ouvia rádio antes de assumir a Centro Oeste, mas depois que começou, se apaixonou e acompanha rádio por todos locais onde quer que vá” (2017)<sup>34</sup>.

Nessas sete décadas, a rádio assumiu seu papel principal de informar, divertir e emocionar os ouvintes, e também cumpriu papel preponderante no desenvolvimento do município e formação de inúmeros profissionais que hoje se destacam nos grandes meios de comunicação do país (2017)<sup>35</sup>.

### **1947 – Valparaíso / SP**

#### **ZYP – 3 RÁDIO VALPARAÍSO**

Fundada em 23 de dezembro de 1947, pelo dr. Ulysses Newton Ferreira, em caráter experimental e em definitivo no dia 25 de dezembro do mesmo ano, no local denominado Ponto Azul, na rua Juca de Castro, 442, na cidade de Valparaíso, interior do estado de São Paulo.

---

<sup>34</sup> **Rádio Centro Oeste AM completa 70 anos de história.** Matéria publicada no Jornal Comarca de Garça de 21 jun. 2017. Fornecida à autora por Ronaldo Sossolete, locutor da Rádio Centro Oeste.

<sup>35</sup> **Rádio Centro Oeste AM completa 70 anos de história.** Matéria publicada no Jornal Comarca de Garça de 21 jun. 2017. Fornecida à autora por Ronaldo Sossolete, locutor da Rádio Centro Oeste.

Figura 29 – Ulisses Newton Ferreira, fundador do grupo Emissoras Coligadas<sup>36</sup>



O primeiro locutor da Rádio Valparaíso foi Milton Villar. Ele fez a locução do primeiro programa da emissora no dia de Natal, 25 de dezembro do 1947.

Segundo Elaine Simone Rampazo, dirigente da Rádio Guarujá, em entrevista à autora desta dissertação, o dr. Ulysses – que era dono de diversas emissoras no interior do estado de São Paulo, grupo que tinha o nome de Emissoras Coligadas –, após uma lei que limitava o número de emissoras por proprietário, teria falado para seu pai, Orivaldo Rampazo, que era gerente da Rádio Guarujá e havia comprado a emissora: “Eu não sei como, mas você vai ter que comprar a Rádio Valparaíso, se vira!”. E, de acordo com ela, seu pai respondeu: “Mas doutor, ainda estou terminando de pagar para o senhor a Rádio Guarujá. Eu não tenho como comprar a Rádio Valparaíso!”, e Dr. Ulysses disse: “Se vira! Ela vai ter que se pagar”. Foi quando Orivaldo Rampazo chamou o seu irmão Jovenir Rampazo, que na época trabalhava em um banco, para dirigir a emissora em Valparaíso.

<sup>36</sup> Disponível em: <[http://emissorascolligadas.com.br/?page\\_id=392](http://emissorascolligadas.com.br/?page_id=392)>. Acesso em: 17 out. 2018.

Figura 30 – Jovanir Rampazzo



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em outubro de 2018.

Daí foi quando meu pai tirou meu tio do banco, meu tio trabalhava em banco na época era Bradesco, eu acho, Bamerindos, não sei. Daí meu pai tirou meu tio de lá e levou para tomar conta da Rádio Valparaíso. Jovenir Rampazo, meu tio, começou a cuidar de lá. (RAMPAZO, 2018<sup>37</sup>).

Figura 31 – Auditório da Rádio Valparaíso



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em outubro de 2018.

<sup>37</sup> Depoimento de Elaine Simone Rampazo em entrevista à autora desta dissertação em 24 de agosto de 2018, na sede atual da emissora.

Posteriormente, José Alves comprou a emissora, e é ele quem dirige a Rádio Valparaíso até os dias de hoje, em sede própria na rua Tenente Adolfo Padilha, 157. Conforme José Alves<sup>38</sup> (2018) relembra: “além da programação Sertaneja, havia também programas de auditório, realizado todas as tardes de domingo”. Quanto à programação, ele nos conta que era principalmente sertaneja e com programas de auditório aos domingos. Os animadores sertanejos eram: Zequinha, Tio Belo e Zé da Roça; e os da programação jovem: José Marques, José Domingues e Ari José Soares. Com relação à interação da cidade com o rádio anticamente, José Alves diz: “Havia e ainda há uma paixão muito grande pelo rádio, pois trata-se de um veículo que jamais envelhece, aproximando as pessoas e diminuindo distâncias”.

Figura 32 – Repórter Valdecy de Araújo Lima



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em outubro de 2018.

### **1948 – Ourinhos / SP**

### **ZYS – 7 RÁDIO CLUBE DE OURINHOS**

Fundada em 20 de novembro de 1948 por Celestino Bório Júnior, Domingos Camerlingo Caló e Antônio Luiz Ferreira. Sua primeira sede ficava localizada na rua Antônio Prado nº 58, em frente ao hotel Comercial, e “a torre da emissora foi

<sup>38</sup> Depoimento de José Alves à autora desta dissertação em 18 de outubro de 2018.

instalada ‘nos altos da Vila Sandano’, tendo cinquenta metros de altura” (1948)<sup>39</sup>. A emissora também era conhecida como a “Rainha do Vale do Paranapanema”.

A iniciativa deveu-se a três moradores da cidade: Celestino Bório Junior, que ficou à frente da emissora, e dois jovens políticos locais que mais tarde seriam eleitos prefeitos: Antônio Luiz Ferreira [Gestão: 1960 a 1963] e Domingos Camerlingo Caló [Gestão: 1952 a 1955 e Gestão: 22/11/1968 a 31/01/1969]. Instalada, inicialmente, nesse prédio que vemos na foto, ocupou mais tarde outro na rua São Paulo. Seus programas de auditório eram animadíssimos (2008).<sup>40</sup>

Figura 33 – Inauguração oficial da ZYS – 7 RÁDIO CLUBE DE OURINHOS no salão do Grêmio Recreativo de Ourinhos



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em novembro de 2018.

A inauguração da rádio aconteceu as 8 horas da manhã de 20 de novembro de 1948. No mesmo dia, às 20 horas, no salão de Grêmio Recreativo de Ourinhos, foi feita a cerimônia inaugural, com o show de artistas da própria ZYS-7 e das rádios de Jacarezinho e Avaré, seguido do baile “abrilhantado pelo Regional ZYS-7, comandado pelo popular Chiquinho” (1948)<sup>41</sup>.

<sup>39</sup> Semanário *A Voz do Povo*, de 3 de abril de 1948 – Fonte: acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em novembro de 2018.

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://ourinhos.blogspot.com/2008/03/rdio-clube-de-ourinhos-ltda-rainha-do.html>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

<sup>41</sup> Semanário *A Voz do Povo*, de 3 de abril de 1948. Fonte: acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em novembro de 2018.

Inaugura-se hoje a nossa estação radiodifusora Rádio Clube de Ourinhos Ltda., com o prefixo ZYS-7, cognominada Rainha do Vale do Paranapanema, e sem dúvida a emissora do coração do nosso povo. Rendemos aqui nosso preito de admiração aos devotados e dignos ourinheses srs. Domingos Camerlingo Caló, Antônio Luiz Ferreira e Celestino Bório Júnior, que são os realizadores do empreendimento. (DEL RIOS, 2015, p. 266).

Odilson Camargo Mendes Filho (2018), atual diretor geral da emissora, contribuiu com informações valiosas, que foram de extrema importância para a evolução deste trabalho. Segundo ele, na época da inauguração, a programação tinha o Rádio Teatro e o Programa de Calouros. E completa dizendo que a emissora na sociedade “tinha grande influência e formadora de opinião”. Tinha também o noticiário “Gillete-Press”, cujas notícias eram retiradas do jornal *Folha de S.Paulo*, e o Clube Infantil era um programa que ia ao ar aos domingos. Ele conta que a emissora continua sob direção da família de Ulysses Newton Ferreira, sob o comando atualmente de sua filha Luciana Newton Ferreira, proprietários das Emissoras Coligadas.

Figura 34 – Primeira sede da ZYS – 7 RÁDIO CLUBE DE OURINHOS<sup>42</sup>



O primeiro locutor da emissora foi Jairo Teixeira Diniz, sob o pseudônimo de Norton Cunha. Jairo nasceu em Santos, litoral de São Paulo, e se mudou com a família para Ourinhos em 1935, após terem vivido em Presidente Prudente. Em 1936, Jairo ingressou na Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná. Em 1948, Jairo, na ocasião já conhecido como Norton Cunho, iniciou como locutor na ZYS – 7 Rádio Clube de Ourinhos. Porém, sua carreira como locutor teria iniciado antes de ele entrar na emissora, quando sua voz era ouvida através do serviço de alto-falantes chamado Rádio Audição Pública, que funcionava na cidade das 19 às 22 horas. “Desde 1935, quando ainda não havia rádio, Jairo ecoava sua voz no serviço de alto-falantes que ficava no Bar Central e depois no Café Paulista, em frente à praça Melo Peixoto”<sup>43</sup>. Na Rádio Clube de Ourinhos, Norton também apresentava o Programa de Calouros e do Clube Infantil.

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://ourinhos.blogspot.com/2013/04/o-segundo-aniversario-da-zys7-radio.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/prefeituradeourinhos/posts/jairo-diniz-o-norton-cunha-primeiro-locutor-da-radio-clube-de-ourinhos-69-anos/204039543430320/>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

Figura 35 – Locutor Norton Cunha<sup>44</sup>



Quando eu cheguei de Presidente Prudente, em 1935, José da Cruz Thomé tinha um alto-falante no Bar Central, em frente à praça Melo Peixoto. Em 1936 o Eudóxio Xavier Lemes trouxe o seu serviço de alto-falante de Jacarezinho para cá. Tinha o sobradinho da Casa Paris (atualmente um terreno vazio acima da agência do Bradesco), onde ele botou as cornetas; o estúdio era embaixo. Chamava-se 'Rádio Audição Pública' e funcionava das 19 às 22 horas. Quando fechava o alto-falante, a praça despovoava. (CUNHA)<sup>45</sup>.

Na festa de comemoração do primeiro aniversário da ZYS – 7 Rádio Clube de Ourinhos, houve um banquete no Clube Atlético Ourinhense e um show de Luiz Gonzaga no Cine Ourinhos.

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/prefeituradeourinhos/photos/jairo-diniz-o-norton-cunha-primeiro-locutor-da-radio-clube-de-ourinhos-69-anos/204039543430320/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

<sup>45</sup>Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/debate/1256/regiao/regiao07.htm?fbclid=IwAR02IYuTV7WVuMEbZPyJMHcflarHTDB4KYYJX1NpFGWAuHJvuOQf1r72E3c>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

Figura 36 – Comemoração do primeiro aniversário da ZYS – 7 RÁDIO CLUBE DE OURINHOS



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em novembro de 2018.

## 1949 – Adamantina / SP

### ZYK – 538 RÁDIO BRASIL DE ADAMANTINA

Fundada em 18 de dezembro de 1948 em caráter experimental, antes mesmo de a cidade se tornar emancipada político-administrativamente, o que veio a ocorrer em 1º de abril de 1949, mesmo ano em que a emissora iniciou suas transmissões oficialmente em 30 de setembro. E foi nessa data que aconteceu a grande solenidade, com a presença de autoridades da cidade e do estado de São Paulo, em sua sede no prédio construído na avenida Santo Antônio: o proprietário José Correa Pedroso Júnior aciona o transmissor da Rádio Brasil de Adamantina, na frequência de 1.510 KHz.

Fabricio Bonassa, atualmente dirigente da emissora e filho de Jonas Bonassa, mais conhecido como Sabiá, um dos mais conhecidos radialistas da emissora, forneceu todas as informações contidas neste trabalho sobre a Rádio Brasil de Adamantina.

Figura 37 – Mesa de Áudio de 1949



Primeira mesa de áudio do rádio  
Adamantinense – 1949  
SUPER SOM

Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em abril de 2017.

Segundo Bonassa (2017), no ano de 1945, a região denominada de Alta Paulista<sup>46</sup> era lentamente explorada e chegavam os primeiros pioneiros com a

<sup>46</sup> Alta Paulista é uma antiga região ferroviária do estado de São Paulo colonizada em maior escala a partir da primeira metade do século XX. Algumas cidades da região são: Garça, Marília, Tupã, Parapuã, Rinópolis, Osvaldo Cruz, Inúbia Paulista, Lucélia, Adamantina, Pacaembu, Dracena, Panorama.

intenção de criar novos municípios no interior paulista. Nessa época, os irmãos José, Abel e Sinézio Pedroso criaram a Rede de Emissoras Brasil, com sede em Campinas, e posteriormente abriram filiais em cidades do interior do estado, como Tupi Paulista, Dracena e Adamantina.

Com limitado conhecimento na área jornalística, os sócios das Emissoras Brasil decidem desmembrar a sociedade após alguns anos de rede. Um dos irmãos e então deputado federal José Correa Pedroso Junior fica encarregado da direção das emissoras. Pedroso Junior, como era conhecido, instalou uma antena em Adamantina, quando a cidade ainda tinha poucos habitantes. Conforme ressalta Bonassa (2017), apesar dos inúmeros obstáculos enfrentados por ele, o baixo número de anunciantes, além do elevado custo com a manutenção, Pedroso Junior decide investir na evolução da rádio adamantinense.

Com uma equipe de aproximadamente dez funcionários, a emissora inicia o processo de conquista de seu espaço no município. E, em 1953, Newton Barreto, um importante personagem da história da Rádio Brasil, surge para possibilitar que, em 1955, José Mário Toffoli, considerado o maior repórter da Rádio Brasil de Adamantina, se juntasse à equipe da rádio.

José Mário iniciou na emissora em 1955, dando algumas notícias de esporte. Em 1956, passou a redigir notícias e também a divulgá-las. Por muitos anos foi redator, locutor, repórter e comentarista esportivo, além de apresentar os programas Voz da Cidade, Radar dos Esportes e Ronda Brasil, dentre outros.

Figura 38 – Locutor, repórter e Comentarista José Mário Toffoli

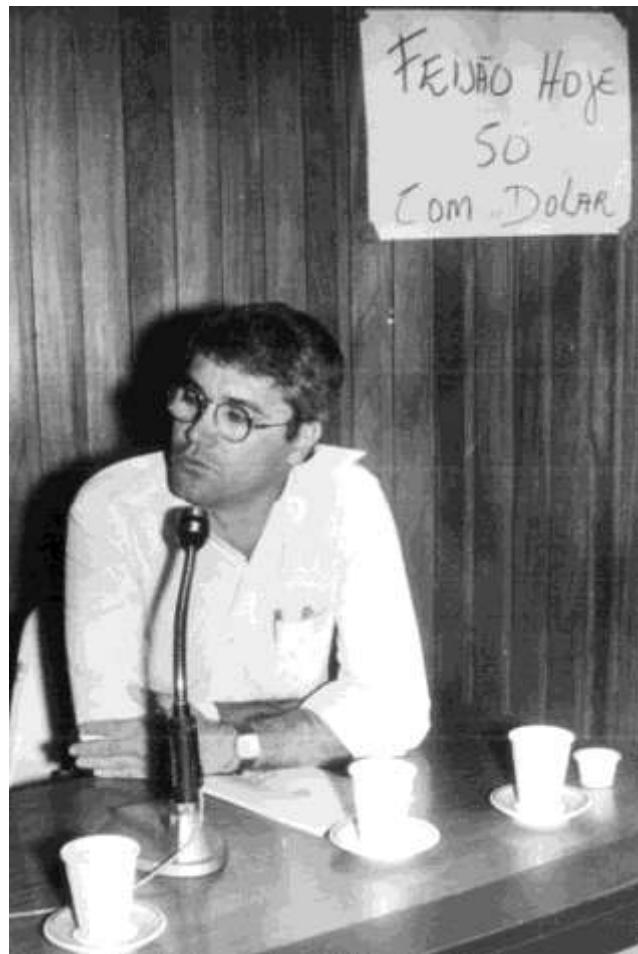


Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em maio de 2018.

Em 1959, o radialista Fauser Antonio dos Santos assume a gerência da emissora e adota uma diferente postura jornalística, considerada mais jovem e com ótimo trabalho de cobertura de eventos locais. Foi a época em que a emissora ficou conhecida como a rádio das reportagens. Ele também foi responsável por supervisionar a construção do novo prédio que seria a nova sede da rádio, inaugurada em 30 de setembro de 1963, na alameda Armando Salles de Oliveira nº 575, onde permanece até os dias de hoje.

Como relata Bonassa (2017), outro grande personagem da rádio dos anos 1960 até os dias de hoje é seu pai, o radialista Jonas Bonassa, mais conhecido como “Sabiá”, nome artístico adotado por ele, tido como sendo um dos melhores comunicadores sertanejos do oeste paulista e um dos melhores do Brasil. Ele é famoso por misturar seriedade com humor e por levar todas as manhãs informação e entretenimento para milhares de ouvintes adamantinenses.

Figura 39 – Locutor Jonas Bonassa (Sabiá)



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em maio de 2018.

Jonas Bonassa iniciou na emissora em 1967, com apenas 16 anos de idade. Ele era marceneiro e, quando surgiu um teste para entrar na Rádio Brasil, não perdeu tempo, candidatou-se e conseguiu a vaga. Quando ele chegou na emissora, eram apenas 25 anunciantes e muitos funcionários trabalhavam sem receber. Inclusive José Mário, Nilton Barreto e Carlos Neves não recebiam para trabalhar. Em apenas um ano no quadro de funcionários da emissora, Bonassa conquistou por volta de 300 anunciantes e tornou a rádio viável comercialmente. Recebeu, assim, diversos parabéns de Pedroso Junior, como o maior vendedor da rádio.

No fim da década de 1970, Jonas Bonassa virou sócio majoritário da rádio juntamente com Fauser Santos e José Mário Toffoli, época em que grupos poderosos tinham interesse em adquirir a emissora. Pedroso Junior não tinha mais interesse em ficar em Adamantina e resolveu premiar os três pelo bom trabalho que exerciam da rádio, vendendo-a a eles.

Em 1990, eles adquiriram a 93FM e a Rádio Jóia, e criaram o então Grupo Jóia de Comunicação com as três emissoras. Mais tarde, fariam parte desse grupo a Rádio Cultura de Jales e a Rádio 102FM de Garça.

A Rádio Brasil de Adamantina também teve seu programa de auditório. Bonassa liderou o programa Sabiá Show que trouxe os melhores voleiros da região para se apresentar no auditório da emissora que chegou a receber 700 espectadores.

José Mário, Fauser Antonio e Jonas Bonassa, contribuíram para a expansão e o sucesso da Rádio Brasil de Adamantina, mesmo dispondendo de poucos equipamentos e escassez de funcionários. Eles conquistaram para a rádio a admiração, o respeito e o reconhecimento perante os ouvintes.

A rádio foi um meio muito importante para o desenvolvimento da cidade. Tudo que acontecia na cidade era transmitido pela emissora. Inicialmente, a emissora tinha uma programação com músicas locais e noticiários. Após alguns anos, começou a promover programas de auditório, com o intuito de proporcionar entretenimento ao público do interior, nos moldes dos programas das rádios de grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. O programa contava com a participação dos mais importantes voleiros da região e tinha a distribuição de brindes como atrativo.

Hoje em dia, a emissora é dirigida por Fabrício Bonassa, um dos cinco filhos de Jonas Bonassa. Em contínua busca por qualidade, em 10 de maio de 2016,

Fabrício conquistou a autorização para a migração da rádio de AM (amplitude modulada) para FM (frequência modulada). E, dessa maneira, a Rádio Brasil de Adamantina encerra um longo capítulo de sua história, passando a operar em 92,5 MHz em 30 de setembro de 2016.

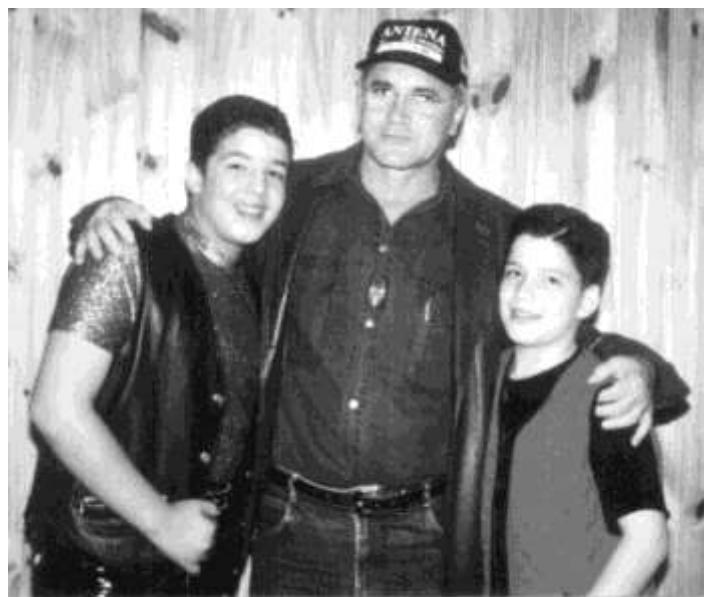
Figura 40 – Jonas Bonassa (Sabiá) com a dupla Rio Negro e Solimões<sup>47</sup>



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em maio de 2018.

<sup>47</sup> Dupla sertaneja formada por José Divino Neves, o Rionegro (nascido em 22 de fevereiro de 1965, em Claraval) e Luiz Felizardo, o Solimões (nascido em 12 de abril de 1962, Claraval).

Figura 41 – Jonas Bonassa (Sabiá) com a dupla Luiz Henrique e Fernando<sup>48</sup>



Fonte: Imagem do acervo da emissora.

**1949 – Guarujá / SP**

**ZYK – 590 RÁDIO GUARUJÁ PAULISTA**

Fundada em 22 de janeiro de 1949, pelo doutor Ulysses Newton Ferreira e dirigida por Domingos de Souza. A rádio iniciou suas transmissões em uma área doada por Manoel Domingos Cravo. Segundo Stonoga (1994), em 1969 Orivaldo Rampazo, que era jornalista, foi convidado para assumir a gerência da Rádio Guarujá. Permaneceu nessa função por cinco anos, até se tornar proprietário da emissora.

<sup>48</sup> Luiz Henrique e Fernando, irmãos da cidade de Adamantina, interior de São Paulo, iniciaram precocemente sua trajetória na música, ainda na infância, incentivados pelos pais e amigos.

Figura 42 – Ulyses Newton



Fonte: Imagem cedida para a autora, durante entrevista com Elaine Simone na sede atual da emissora.

Elaine Simone Rampazo Oliveira, filha de Orivaldo Rampazo, foi locutora da emissora e hoje é dirigente, forneceu, em entrevista, informações sobre sua trajetória na emissora, bem como a história da Rádio Guarujá Paulista.

Figura 43 – Elaine Simone Rampazo Oliveira



Fonte: Fotografia tirada pela autora desta dissertação, durante entrevista com Elaine Simone na sede atual da emissora.

Em 1945, a cidade de Guarujá, no litoral paulista, havia conquistado sua autonomia administrativa de Santos havia dez anos. Nessa época, em que ainda havia grande instabilidade política na cidade, lideranças locais iniciavam articulações para que o Guarujá se firmasse como cidade emancipada, e foi cogitada a ideia de ter sua própria emissora de rádio, um veículo ágil de transmissão de informação e prestação de serviço à população da cidade.

Paulo Machado de Carvalho, então proprietário da Rádio Record, habitualmente visitava o Guarujá para seu veraneio. Com a presença frequente desse empreendedor da comunicação, formou-se um grupo liderado por Domingos de Souza, que apresentou a proposta de fundação da Rádio Guarujá Paulista.

Após a resolução das questões burocráticas e administrativas para a abertura da emissora, constatou-se um contratempo: o local para a instalação da rádio. Manoel Domingos Cravo, um dos integrantes do grupo, possuía um terreno localizado em uma área que hoje está localizado o bairro de Santa Rosa, e cedeu uma parte desse terreno para a instalação do transmissor e da antena.

O loteamento da área no bairro de Santa Rosa só foi aprovado 13 anos após a instalação do transmissor da rádio. Anteriormente à aprovação, o local era desabitado e não possuía infraestrutura. Ainda assim, a emissora se estabeleceu a despeito das dificuldades impostas pela falta de urbanização. A estrutura da rádio foi construída zelando pela área do entorno, promovendo, assim, a chegada de outros pioneiros e consequentemente desenvolvendo a ocupação que resultou no progresso da região.

Em 18 de fevereiro de 1969, Orivaldo Rampazo foi nomeado gerente da Rádio Guarujá Paulista pelas Emissoras Coligadas de Ulyses Newton. Rampazo chegou com a esposa Maria da Conceição Rovani Rampazo e os quatro filhos do casal. Em 1974, Rampazo adquiriu a emissora, e o então prefeito da cidade Domingos de Souza tinha 1% de participação nas ações da rádio.

Figura 44 – Orivaldo Rampazo



Fonte: Imagem cedida para a autora, durante entrevista com Elaine Simone na sede atual da emissora.

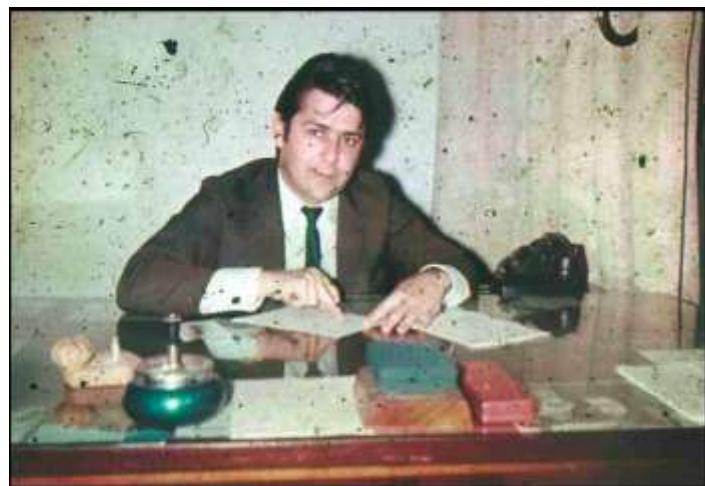
A Rádio Guarujá Paulista também tem instalações comerciais em Santos, município vizinho, onde opera em frequência modulada (FM). As operações da emissora em FM se iniciaram na década de 1970 nos estúdios instalados na praça da República, no centro da cidade de Santos, sendo a primeira concessão da cidade, em 101,7 MHz. Anteriormente à Lei das Telecomunicações de 1997, a legislação determinava que para cada 100 mil habitantes, a cidade teria direito a uma concessão FM. Portanto, Santos ficou sendo a sede FM da emissora.

No fim de 1987, houve um acordo entre uma emissora de Osasco, na região metropolitana de São Paulo, que possuía a frequência 104,5, e a Rádio Guarujá Paulista, com frequência 101,7 MHz. Com a troca das frequências entre as emissoras, ambas aumentaram suas potências. Com esse acordo, a Rádio Guarujá Paulista ficou mais próxima do *dial* das emissoras com quem disputava audiência, como a Cultura (106,7 MHz) e a Tribuna (105,5 MHz), vindo a ser a primeira colocada em audiência na Baixada Santista.

Orivaldo Rampazzo é uma pessoa de grande importância para a história não somente da Rádio Guarujá, mas também da história do município de Guarujá. Ele participou ativamente dos interesses do povo da cidade. Foi um dos fundadores da Vasa do Menor de Guarujá. Foi candidato a vereador, sendo um dos mais votados,

mas acabou não se elegendo. A Rádio Guarujá participou de momentos históricos muito importantes para o município (políticos, sociais, esportivos) e, portanto, além do valor comercial, possui um valor inestimável para a população.

Figura 45 – Orivaldo Rampazo



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em abril de 2017.

Figura 46 – Cartaz do Programa *O Sofrimento de Um Povo*, de Oswaldo Eduardo<sup>49</sup>



Figura 47 – Orivaldo Rampazo (ao centro) com seus filhos Evandro e Tuca (à esquerda e à direita, respectivamente)<sup>50</sup>



<sup>49</sup> Publicado no jornal santista *A Tribuna*, em 30 de julho de 1950, p.12 Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0067r.htm>>. Acesso em: 31 maio 2017.

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://tiradentesguaru.wordpress.com/tag/orivaldo-rampazo/>>. Acesso em: 23 maio 2018.

**1950 – Bariri / SP****ZYZ – 8 RÁDIO CULTURA DE BARIRI**

Fundada em 7 de setembro de 1950 e dirigida, na época, por Orlando Belluzzo, Constantino Galízia, Antonio Galízia, Pedro Galízia, Alécio Ricoboni e Dário Foloni. De 1950 até 1952, a emissora tinha sua sede na parte alta do Cine Carlos. Em 1953, os proprietários da emissora adquiriram o edifício onde funcionava o Automóvel Club, e a emissora permanece no mesmo local até os dias de hoje.

Figura 48 – Os fundadores da Rádio Cultura de Bariri com suas famílias



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em maio de 2018.

Em 1980, Orlando Belluzzo assume sozinho a direção da rádio, após a saída dos demais sócios, já com prefixo ZYK-553 e 250 watts de potência. Quando de seu falecimento, a direção passou para seu filho Orlando Belluzzo Filho, tendo sua irmã Cecília Belluzzo Navega como sócia.

Figura 49 – Orlando Belluzzo



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em maio de 2018.

Orlando Belluzzo Filho, que hoje é locutor da emissora dirigida por seu filho Orlando Belluzzo Neto, relata em entrevista à autora desta dissertação que participou da inauguração da emissora em que seu pai era um dos dirigentes: “Na época da inauguração eu tinha 14 anos. Eu nasci em 36 e ela [a emissora] é de 50. Inclusive, eu trabalhei na inauguração. Quatorze anos naquele tempo já trabalhava. Era diferente de hoje em dia”<sup>51</sup>.

A emissora é uma rádio familiar, que continua na família Beluzzo até os dias de hoje, passando de pai para filho, sendo dirigida inicialmente por um dos fundadores Orlando Belluzzo Neto, passando para seu filho Orlando Belluzzo Filho e hoje sendo dirigida por seu neto, Orlando Belluzzo Neto, que investiu na atualização e modernização dos equipamentos.

<sup>51</sup> Entrevista cedida à autora desta dissertação em 25 de julho de 2017.

Figura 50 – Orlando Belluzzo Filho (à esquerda)



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em maio de 2018.

Orlando Belluzzo Filho diz que a programação da época da inauguração era principalmente musical, com músicas que ele chama de “sertanejo de raiz”. A dupla sertaneja Leônicio e Leonel nasceu na roça e iniciou sua carreira em Bariri, no início dos anos 1950. Os irmãos nasceram em Itajaú, no interior paulista, e cresceram ajudando os pais no plantio de café. Passaram a infância e a adolescência nas cidades de Arealva, Itapuí e Bariri. Os irmãos, que se apresentavam na rádio, foram incentivados a seguirem sua carreira artística na capital paulista. Em São Paulo, a dupla conheceu Tonico & Tinoco<sup>52</sup>. Inclusive, o nome artístico da dupla “Leônicio e Leonel” foi sugestão de Tonico. O repertório da dupla inclui toadas, modas de viola, cateretês, pagodes e outros ritmos.

<sup>52</sup> Tonico & Tinoco foi uma dupla caipira brasileira, considerada a mais importante da história da música brasileira e a de maior referência. Ambos entraram na lista dos “maiores músicos recordistas de vendas da história mundial”.

Figura 51 – Leônio e Leonel<sup>53</sup>

Orlando relata, também, que a emissora tinha um auditório que virou um cinema, funcionando até hoje. No auditório, as pessoas da cidade iam para conhecer pessoalmente seus ídolos do rádio.

Figura 52 – Auditório da Rádio Cultura de Bariri



Fonte: Imagem do acervo da emissora. Material gentilmente enviado à autora em maio de 2018.

Quanto à importância da rádio ele afirma: “para você ter uma ideia, a rádio aqui em Bariri foi uma das pioneiras na região Centro-Oeste. Quando foi inaugurada em 1950, só havia emissoras em Jaú e Bauru. Foi uma das primeiras a começar a

<sup>53</sup> Disponível em: <[https://www.recantocaipira.com.br/duplas/leoncio\\_leonel/leoncio\\_leonel.html](https://www.recantocaipira.com.br/duplas/leoncio_leonel/leoncio_leonel.html)>. Acesso em: 25 maio 2018.

funcionar". Por causa de seu pioneirismo, a emissora passou a ser uma das mais importantes da região, e com uma ampla reestruturação, investimentos em equipamentos e com novas instalações, a emissora passou a atingir os municípios de sua região num raio de 100 quilômetros. A Rádio Cultura de Bariri possui atualmente transmissões AM e FM e pretende migrar a rádio AM para FM, assim possuirão duas emissoras FM.

#### **1950 – Brotas / SP**

#### **ZYR – 74 RÁDIO BROTENSE**

Fundada em 20 de outubro de 1950 e dirigida, na época, por José Pinheiro Piva, José Lucente e Antônio Perinotto. Em 1973, com a possibilidade de a rádio fechar e sua outorga ser levada para a cidade de São Carlos, a família Atalla compra a emissora para mantê-la funcionando na cidade de Brotas. Nesse período, a emissora tinha outro prefixo ZYK-567 em 1.560 quilohertz.

Alexandre Oliveira, locutor e atual dirigente da emissora, forneceu em entrevista as informações que colaboraram para a evolução desta dissertação. Ele diz: "Eu tenho um casamento com a Rádio Brotense de idas e voltas", referindo-se ao fato de já ter saído e voltado a trabalhar na emissora, e ainda afirma que "tem coisas bastante curiosas sobre a história da rádio".

Figura 53 – Locutor Alexandre Oliveira



Fonte: Fotografia tirada pela autora desta dissertação, durante entrevista com Alexandre na sede atual da emissora.

No início, a rádio começava seus trabalhos às 8 horas da manhã, fechava para o almoço e finalizava suas atividades por volta das 19 horas. Seu primeiro local de instalação foi no centro da cidade, bem em frente à praça central de Brotas, depois que a família Atalla comprou a emissora, que se mudou para o prédio do Cine São José, onde é hoje o cinema e de propriedade do cantor Daniel, da antiga dupla João Paulo e Daniel. Quando ele comprou o prédio cinema para reformá-lo, a rádio foi obrigada a mudar de local novamente, instalando-se no endereço onde está até hoje, av. Professor Jesuíno nº 352, também no centro da cidade.

Daniel, registrado como José Daniel Camillo, nasceu em Brotas e iniciou no mundo da música por causa de seu pai, José Sebastião Camilo, que tocava viola. Aos 5 anos, Daniel já cantava e fazia alguns acordes no violão. Quando começou a se apresentar em Brotas, o cantor participava de festivais e cantava na rádio. Daniel, e João Paulo, que cantava em dupla com seu irmão Nerinho, antes de formarem a famosa dupla sertaneja João Paulo e Daniel, apresentavam-se na emissora no Programa de Auditório do Compadre Tico. Segundo Alexandre Oliveira, foram nessas apresentações que o pai de Daniel, José Camilo, sugeriu que os dois formassem a dupla, e assim o fizeram. Alexandre diz que “o primeiro LP a gente tem guardado”, e continua: “o Daniel mora aqui na cidade, no centro perto do cinema que foi reformado inteirinho por ele. Cinema que era da rádio e ele comprou”.

Figura 54 – Dupla João Paulo & Daniel<sup>54</sup>

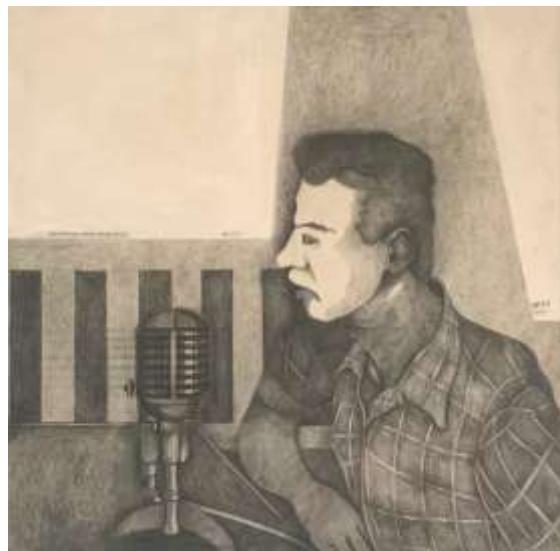


Segundo Alexandre Oliveira, um dos programas de maior audiência antigamente era o “Peça e Ofereça”, programa em que os ouvintes ligavam e ofereciam uma música a alguém. Conforme conta Alexandre, esse programa era apresentado por um gago chamado Nim Lenci. “Na hora que ele fazia o programa, ele não gaguejava nenhuma palavra”. E continua: “Pra você ter uma ideia, pra pessoa pedir uma música para ser tocada e oferecer, tinha gente que chegava a pagar dinheiro para poder colocar na rádio”.

---

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://45rotacoes.com.br/index.php/2016/05/03/joao-paulo-daniel-nelore-valente-1996/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

Figura 55 – Locutor Nim Lenci



Fonte: Fotografia tirada do quarto exposto na Rádio Brotense pela autora desta dissertação, durante entrevista com Alexandre Oliveira na sede atual da emissora.

Sobre a programação, Alexandre conta que ela sempre foi voltada para a música sertaneja e que havia um programa de música clássica todos os dias, das 18 às 19 horas. Ele diz que a equipe de esportes de antigamente, formada por Mario Zuck e Ricardo Veronese, foi a primeira a fazer transmissão de futebol na cidade, e conta:

Tinha o campo do CAB [*Clube Atlético Brotense*], que ficava longe do estúdio da emissora da rádio. Teve um jogo que eles foram lá transmitir, que eles tiveram que puxar o cabo da rádio até o campo lá embaixo, pra poder transmitir o jogo. Eles puxaram o cabo e foram pulando as casas, até chegar no campo de futebol. (OLIVEIRA, 2018)<sup>55</sup>.

No dia 23 de junho 2017, a Rádio Brotense assinou a outorga para virar FM. Até o final do ano, a emissora sairá do AM 1.180 KHz e passará para FM em 102,5 mHz, mudando mais um pouco a história da emissora e da cidade. Para Oliveira (2018), a principal maneira de ficar sabendo das informações da cidade é através da rádio. “Alguns jornais já pararam de circular na cidade, então, o meio de comunicação mesmo para as pessoas ficarem sabendo o que acontece na cidade é o rádio”. Para ele, o rádio é o principal meio local, pois a televisão é regional. E ele conclui: “Como a extensão territorial de Brotas é muito grande, só o rádio chega”.

---

<sup>55</sup> Alexander Oliveira, locutor da Rádio Brotense, em entrevista à autora desta dissertação.

## 1952 – Dois Córregos / SP

### ZYR – 54 RÁDIO CULTURA REGIONAL

Fundada em 1952 e dirigida pela família Simonettis, a rádio foi inaugurada em 22 de junho do mesmo ano, sob o prefixo ZYR-54, com 110 watts de potência e frequência de 680kHz. Após instalarem a Rádio Clube em Bauru em 1934, a família trouxe a radiodifusão para Dois Córregos.

Marcio Américo Mageste, jornalista responsável e atual gerente da emissora, forneceu, através de entrevista, as informações sobre a história da Rádio Cultura Regional.

Figura 56 – Marcio Américo Mageste



Fonte: Fotografia tirada pela autora desta dissertação, durante entrevista com Marcio na sede atual da emissora.

Nos anos 1940, quando a cidade ainda não sonhava com uma rádio, José Calissi, proprietário do Bar XV, localizado no centro da cidade e considerado o mais importante da época, colocou em funcionamento um serviço de alto-falantes nomeado Rádio Clube Comercial.

O estúdio ficava no mezanino do bar do Zé Calissi, como era chamado. Os alto-falantes eram pendurados nos postes da empresa Cia. Independência de Eletricidade (Cia. Local), em diferentes pontos, de onde o som era distribuído para toda a cidade.

A qualquer hora do dia, os falecimentos eram anunciados através dos microfones, como se fosse uma edição extraordinária. Toda a população saia às portas ou janelas para tomar conhecimento do acontecido.

Em 22 de junho de 1952, a família Simonettis, que havia residido na cidade de Bauru e lá era proprietária da PRG-8 – Bauru Rádio Clube, inaugurou a Rádio Cultura de Dois Córregos, com João Simonettis e seus filhos Leônidas e Rafael, além de Pedro Alcântara Worms e Horácio Alves Cunha. A primeira sede da emissora funcionava na avenida Dom Pedro I, prédio da Associação Atlética Mocoembu.

A Rádio Cultura revelou muitos locutores. Segundo Marcio Mageste (2018), um dos mais famosos é Carlos Nascimento (TV Globo – São Paulo e Rio de Janeiro), conforme ele relata:

Ele começou aqui e teve a trajetória dele escrita na Rádio Cultura. Inclusive, o pessoal mais antigo conta que Carlos Nascimento vinha na rádio e o pessoal dizia: ‘Vai pra casa menino! Não vem encher o saco aqui!’. Pela persistência dele, ele acabou entrando no meio. (MAGESTE, 2018).

Dentre outros grandes nomes estão José Maria Bernardo, professor de química e radialista (Rádio Novo Som – Barra Bonita), Luiz Carlos Bonzani (Rádio Canoa Grande – Igaraçu do Tietê) Laerte Maziero, Antenor Zago e Jairo Alves Lima (emissoras de Jaú) e Paulo Roberto Monteiro (Rádio Bandeirantes – São Paulo). Marcio Mageste (2018) diz que “praticamente todos os grandes nomes da região passaram por aqui”.

As sementes plantadas nesses 60 anos são regadas com dedicação, zelo, amor à profissão e, em consequência natural, à audiência e ao carinho do público ouvinte. Assim caminha a Rádio Cultura com suas nuances, novidades e tecnologias. O sucesso não é por acaso. A insistência e o poder de acreditar na arte da comunicação permitiram revelar pessoas ilustres durante a sua trajetória como Carlos Nascimento, Clineu Alves de Lima, Paulo Roberto Monteiro, José Maria Bernardo, Luiz Carlos Bonzanini, Antenor Zago, Laerte Maziero, Jairo Alves de Lima, Flávio Barbosa, Pedro Arnaldo Fornaciali, Denílson Mônaco, Salvador Moreira da Costa, Wilson Garbelini e Dulcinéia Bussacarini. (O VELHO..., O Democrático, 2012)<sup>56</sup>).

---

<sup>56</sup> JORNAL O Democrático. **O velho e encantador completa 60 anos.** Disponível em: <<http://jornalodemocratico.blogspot.com.br/2012/06/o-velho-e-encantador-completa-60-anos.html>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

Marcio Mageste (2018) relata que ouve do pessoal mais antigo as diferenças de hoje em dia. “Hoje os funcionários são registrados, têm salário. A maioria deles, no passado, começou a trabalhar em troca de entrada do cinema. Então, praticamente não tinha salário” (MAGESTE, 2018). Ele diz que, como a emissora divulgava os filmes, os funcionários da emissora podiam entrar de graça no cinema.

A emissora foi uma das primeiras da região, tendo então grande importância para os cidadãos. Segundo Lima (s.d.):

A Rádio Cultura teve influência decisiva na vida de muitos jovens dois-correguenses, desinibindo-os e projetando-os. Para qualquer menino ou jovem, militar nos quadros era um grande orgulho. Afinal, emissora de rádio não era qualquer cidade que possuía. (LIMA, s.d., p. 83).<sup>57</sup>

Todos os grandes acontecimentos eram transmitidos, e as pessoas confiavam nas informações que eram ouvidas através de seus aparelhos. De acordo com Lima (s.d.), os integrantes da rádio tinham o mesmo destaque que, na atualidade, têm os que atuam na televisão. Dessa maneira, exercia uma grande influência na população que a escutava. De acordo com Marcio Mageste (2018), no passado os artistas vinham na cidade com o circo.

Eles vinham na cidade e faziam espetáculo com o circo. Não tinha um cantor solo que vinha fazer apenas um evento, um show. Ele vinha com o circo e automaticamente ele passa pela rádio. No rádio, o cara se apresentava ao vivo. Tocava viola, violão. (MAGESTE, 2018).

---

<sup>57</sup> Citação literária retirada do livro *Folhas Secas*, de Clineu Alves de Lima, que conta a história da cidade de Dois Córregos – SP e que não tem data de publicação ou editora.

Figura 57 – Atual sede da Rádio Cultura Regional



Fonte: Fotografia tirada pela autora desta dissertação, durante entrevista com Marcio Mageste na sede atual da emissora.

### 1952 – Tambaú / SP

#### ZYR – 70 SOCIEDADE RÁDIO TAMBAÚ

Fundada em 22 de novembro de 1952 pelo professor José Vicente Sales, com frequência de 1.440 kHz e potência de 0,1kv, no dia de Santa Cecília, padroeira da música e dos músicos. A emissora foi inaugurada com a benção do padre Donizette Tavares de Lima<sup>58</sup>.

As primeiras transmissões foram feitas através de uma antena instalada no quintal da casa de Vicente Sales, e chamava a atenção de todos por sua simplicidade.

José Vicente Sales nasceu em Pedregulho, no estado de São Paulo, e mudou-se para Tambaú em 1947. Foi professor no Grupo Escolar Doutor Alfredo Guedes antes de iniciar seus esforços para levar a radiodifusão para a cidade de Tambaú, fundando a primeira emissora de rádio da cidade em 1950 e inaugurando-a em 1952.

<sup>58</sup> Padre Donizetti Tavares de Lima (Santa Rita de Cássia, atual Cássia, 3 de janeiro de 1882 – Tambaú, 16 de junho de 1961) foi um padre católico brasileiro.

A cidade de Tambaú era bem pequena, com apenas oito mil habitantes, e já surpreendia por transmitir a radiodifusão para cidades como Franca, Ribeirão Preto, Araras, entre outras. Naquela época, ter uma emissora de radiodifusão era um privilégio dos grandes centros.

A emissora teve papel fundamental em seus primórdios, transmitindo a cobertura jornalística na época das grandes romarias e divulgando a figura do padre Donizetti, que era amigo pessoal de Vicente Sales. O diretor da rádio foi o primeiro radialista a entrevistar o vigário. A partir daí, o movimento de romarias da cidade se difundiram e são transmitidas até os dias de hoje em diversas emissoras do País.

A primeira equipe de funcionários da emissora contava com<sup>59</sup> Joelmir Beting, profissional de grande contribuição para o jornalismo brasileiro. Outros nomes de destaque dessa época na história da emissora foram: Sébas Sundfeld<sup>60</sup>, Rui Silva Vasconcellos, Lannoy Dorin<sup>61</sup>, Silvio Faria, dentre outros.

Joelmir Beting tem uma história muito interessante, segundo sua irmã Juracilde Beting (2012)<sup>62</sup>: Joelmir era gago e tinha dificuldades para falar, quando foi com a mãe e a irmã ver o padre Donizette Tavares de Lima, que era famoso por seus milagres. Ele abençoou Joelmir Beting dizendo que ele não seria mais gago e que seria famoso. De acordo com Juracilde (2012), “a gente saiu da casa do padre cedo e, quando chegou à tarde, a gente observou que ele começou a falar correntemente. Ele nem percebeu e já falava tudo desenvolto, e nunca mais parou de falar”. Com 19 anos saiu de Tambaú rumo a São Paulo, estimulado pelo padre de Tambaú, e passou a chamar o padre de seu “guru espiritual”.

---

<sup>59</sup> Joelmir José Beting (Tambaú, 21 de dezembro de 1936 – São Paulo, 29 de novembro de 2012) foi um jornalista e sociólogo brasileiro.

<sup>60</sup> Sebastião Alico Sundfeld, (Pirassununga-SP, 5 de julho de 1924 – Tambaú, 27 de julho de 2015) era poeta, orador, palestrante, musicista, com presença em jornais e revistas.

<sup>61</sup> Lannoy Dorin, nascido em Tambaú/SP em 14 de março de 1934, é mestre em Psicologia pela USP, autor de mais de 20 livros do gênero.

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2012/11/ele-seguiu-carreira-apos-um-milagre-diz-irma-do-jornalista-joelmir-beting.html>>. Acesso em: 24 maio 2018.

Figura 58 – Joelmir Beting<sup>63</sup>



Silvio Faria foi um dos grandes nomes na locução da emissora. Ele era responsável, nos anos 1960, pelas transmissões esportivas e por programas diários da rádio. Silvio Faria também transmitiu ao vivo, em 17 de junho de 1961, a missa do funeral do padre Donizette Tavares de Lima. Por ser uma transmissão tão importante e considerada histórica para a cidade de Tambaú, ela pôde ser escutada na abertura do espetáculo teatral intitulado de “Donizette, Pe.”, produzido em 2011 pela ACQA (Associação Cultural Quintal das Artes).

---

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://cincomeiasete.blogspot.com.br/2012/11/jornalista-joelmir-beting-morre-aos-75.html>>. Acesso em: 24 maio 2018.

Figura 59 – Locutor Silvio Faria<sup>64</sup>



O professor José Vicente Sales ficou 26 anos à frente da direção da emissora e prestou muitos serviços importantes à comunidade da pequena Tambaú, colaborando nas conquistas de benefícios para a cidade, como a Cooperativa de Consumo Popular e o Ipê Tênis Clube. Importantes decisões políticas e administrativas também passavam pelo crivo da rádio, ajudando a escrever a história local.

No final dos anos 1970, a rádio foi vendida para a Diocese de São João da Boa Vista, em que os responsáveis na época eram o bispo dom Tomaz Vaquero e o padre Edison Ercílio Franco.

Atualmente, a emissora pertence à Fundação Padre Donizetti e é dirigida pelo padre Carlos Eduardo Dobies, com frequência de 1.550 kHz e prefixo ZYK-528, com 1.000 watts de potência.

#### **1955 – Santa Barbara do Oeste / SP**

#### **ZYR – 91 RÁDIO BRASIL AM**

Fundada em 18 de setembro 1955 e dirigida por José Naidelice, juntamente com o grupo Pedroso, pertencente aos irmãos Pedroso de Campinas. Rafael Augusto Costalonga, que hoje trabalha na emissora no departamento de TI, foi quem forneceu muitas das informações contidas neste trabalho sobre a Rádio Brasil

---

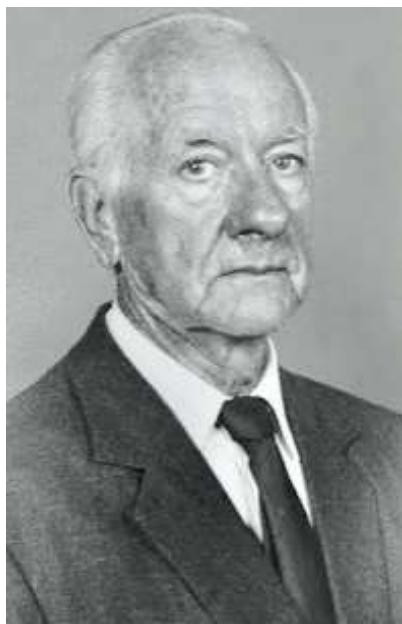
<sup>64</sup> Disponível em: <[https://touch.facebook.com/paginacatilim/?\\_\\_tn\\_\\_=%7E-R](https://touch.facebook.com/paginacatilim/?__tn__=%7E-R)>. Acesso em: 24 maio 2018.

AM. Segundo Costalonga (2018), um grupo de barbarenses deu inicio, em 1955, a uma campanha de construção de uma emissora de rádio, contudo, sem muito sucesso, pois faltava ajuda financeira. A necessidade de Santa Bárbara d'Oeste ter uma rádio era nítida, e a cidade comemorou seu primeiro prefixo, ZYR-91, com a presença de autoridades, políticos e membros da sociedade.

De acordo com a jornalista Graça Camargo<sup>65</sup>, uma das pioneiras do interior paulista, a emissora possui tradição absoluta no rádio brasileiro, tornando-se motivo de orgulho para os barbarenses, pois a história do município está interligada à da emissora, com seu *slogan* que bate com essa descrição: “A sua tradição ninguém supera”.

O fundador, José Naidelice, era jornalista e escritor, e foi o primeiro membro da comissão fiscal da academia do círculo literário. Um nome importante não para a história da Rádio Brasil, mas também para a história da cidade.

Figura 60 – José Naidelice<sup>66</sup>



Os irmãos Pedroso, José, Abel e Sinézio, que fundaram a Rádio Brasil de Santa Bárbara d'Oeste junto com José Naidelice, fundaram também um dos maiores

<sup>65</sup> Graça Camargo – jornalista (MTB 23.957) em Santa Barbara do Oeste interior de São Paulo desde 1982 e também trabalhou como secretária municipal de Cultura em Santa Bárbara d'Oeste.

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://lionsclubesbo-centro.blogspot.com.br/p/galeria-dos-presidentes.html>>. Acesso em: 26 maio 2018.

grupos da radiofonia do interior do estado de São Paulo, a Rede de Emissoras Brasil. Eles inauguraram primeiramente em Campinas, nos anos 1950, a Rádio Brasil de Campinas. Posteriormente, eles fundaram as rádios Brasil: de Dracena, de Adamantina, de Tupi Paulista, de Santa Bárbara d'Oeste, de Santo Anastácio, entre outras. A Rádio Brasil foi marcada pela inovação, com transmissão de eventos internacionais como o programa Miss Universo e lutas de boxe.

A informação à população, na ocasião da inauguração da emissora, época em que a cidade tinha por volta de 25 mil habitantes, era limitada ao serviço de alto-falantes, que funcionava no centro de Santa Barbara.

[...] na história da praça Cel. Luiz Alves, o papel de transmissão de informações: o serviço de rádio difusão prestado pelo Alto Falante 9 de Julho esteve presente durante três décadas, de 1949 a 1979, por meio do qual eram divulgadas as notícias para a comunidade local. (LINARDI, 2001, p. 60).

Figura 61 – Alto-falantes no centro de Santa Bárbara d'Oeste



Fonte: LINARDI, 2001, p. 63.

Segundo Linardi (2001), “os equipamentos urbanos existentes na praça eram disputados para inúmeras utilizações, mas sempre manifestando a grande vitalidade da vida social da cidade”.

De acordo com publicação no portal da Fundação Romi<sup>67</sup>:

Em 29 de maio de 1955, o Jornal D'Oeste anunciava a chegada da Rádio Brasil, ligada à Brasil de Campinas. Anunciava, também, que a torre de transmissão já estava instalada, na Chácara Sartori, hoje, Centro Social Urbano. Em 18 de setembro, o mesmo jornal anunciava a inauguração, nesse dia, da rádio e da torre de transmissão.

Segundo Costalonga (2018), os principais programas da emissora na época de sua fundação eram: "Bate Papo", "Quando fala o coração" e "Reminiscências". Ainda de acordo com Costalonga (2018), faziam parte do grupo de locutores da rádio: Tércio Rodrigues, Túlio Fracassi, Reynaldo Aquino Santos, Marcio e Marcelo Rangel e, Waldyr Abrahão e José Sydnei, que ainda fazem parte do departamento esportivo da Rádio Brasil.

A primeira sede da Rádio Brasil foi instalada em um imóvel cedido pela família de Ricardo Fracassi e ficava localizada na rua XV de Novembro nº385, na Chácara Sartori, onde José Naildelice, Tércio Rodrigues, Márcio Rangel, Loja Maçônica e Rotary Club participaram ativamente da instalação da emissora nesse imóvel.

Figura 62 – Primeira Sede da Rádio Brasil<sup>68</sup>



<sup>67</sup> Disponível em: <<http://fundacaoromi.org.br/fundacao/index.php?pag=padrao&op=cedoc&id=1110&op2=not>>. Acesso em: 26 maio 2018.

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://fundacaoromi.org.br/fundacao/index.php?pag=padrao&op=cedoc&id=1581&op2=not>>. Acesso em: 26 maio 2018.

Segundo publicado no portal da Fundação Romi<sup>69</sup>:

De autor desconhecido, esta foto retrata a Rua XV de Novembro, nos anos de 1950, numa possível carreata pois, nesse tempo, eram poucos os carros circulando por uma rua, simultaneamente. Podemos destacar, à esquerda, a Igreja Presbiteriana que, nesse tempo, tinha a torre mais baixa, sendo reformada e aumentada, anos depois. Destacamos à direta, na segunda casa, a placa que indicava que, ali, funcionava a recém inaugurada Rádio Brasil.

A emissora ajudou muito no progresso da cidade, realizando diversas campanhas. Entre elas, a campanha para alavancar verba para o Departamento de Água de Santa Bárbara que tinha deficiência no abastecimento; campanha para aumentar o número de eleitores no município; campanha para o Hospital Santa Bárbara, entre outras. Outra iniciativa que demonstrava o envolvimento da emissora com a sociedade era, de acordo com Costalonga (2018), o programa “O Prefeito e o Povo”, que visava informar a comunidade, assuntos de interesse da população através da palavra do então prefeito em exercício, Dirceu Dias Carneiro. E também teve, como salienta Costalonga (2018), o programa “Orientação Fiscal e Trabalhista”, que tinha como objetivo esclarecer questões de ordem trabalhista e patronal.

---

<sup>69</sup> Disponível em: ><http://fundacaoromi.org.br/fundacao/index.php?pag=padrao&op=cedoc&id=1581&op2=not>. Acesso em: 26 maio 2018.

Figura 63 – Funcionários da rádio com o material arrecadado em uma das campanhas promovidas pela emissora em 1959<sup>70</sup>



A rádio veio preencher uma lacuna em Santa Bárbara, conforme relata Naidelice:

Naquele tempo, há 60 anos, não tinha emissora para dar cobertura na cidade. O meu objetivo de assumir a direção da rádio era pelo fato de ouvir a opinião do povo. A opinião pública pesou nessa decisão. Desde aquela época, a rádio vem se dedicando nas coberturas dos eventos esportivos, culturais, religiosos, sociais, políticos e tantos outros. Fizemos questão de infiltrar na cidade uma emissora totalmente independente, principalmente na política, ressaltou Naidelice. (SBN, 2015).<sup>71</sup>

Nos anos 1960, o radialista Natale Giacomini, um grande apaixonado por rádio e com experiência no setor, assumiu a Rádio Brasil e mudou totalmente a programação, bem como foi responsável por uma modernização dos equipamentos, possibilitando o maior alcance da rádio. Giacomini dirigiu a emissora por 30 anos.

Tendo chegado ao rádio barbarensse no final da década de 1960, Natale Giacomini deixou sua marca forte nos esportes de Santa Bárbara empunhando por algumas décadas o microfone da Rádio Brasil. Embora também tivesse sido um apresentador de programação musical – a partir de 1970 ele comandou na Brasil o ‘Super-Show Copa 70’, no horário especial de almoço – foi como

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://fundacaoromi.org.br/fundacao/index.php?pag=padrao&op=cedoc&id=202&op2=not>>. Acesso em: 26 maio 2018.

<sup>71</sup> Disponível em: <<http://onz.sbnnoticias.com.br/noticia/a-radio-numero-um-de-santa-barbara-d-oeste-completa-60-anos/134596>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

narrador esportivo que Natale Giacomini ganhou evidência maior entre os barbarenses, sempre cobrindo basicamente o futebol, principalmente a trajetória do União Agrícola Barbarense. (BELLANI, 2008, p. 48).

Com a paixão de Giacomini pelo esporte, mais especificamente o futebol, a emissora começou a transmitir jogos, como retrata a Fundação Romi<sup>72</sup>:

Figura 64 – Cabine de rádio na arquibancada do antigo campo do Internacional "Ferro Velho"<sup>73</sup>



Falando dos velhos tempos de nosso esporte e das primeiras transmissões feitas pela ZYR-91, Rádio Brasil de Santa Bárbara d'Oeste, nos anos de 1960, retratamos, nesta foto, a simples cabine de rádio, na arquibancada de madeira do antigo campo do Internacional 'Ferro Velho', que ficava no início da rua Santa Bárbara. Com o microfone, o locutor Itagiba de Campos, ladeado por Benedito Lopes 'Benão' e Roberto de Moraes Sarmento. Atrás, José Silva e José Roberto de Campos. Destacamos, ainda, à direita, Zaqueu Mantovani e, provavelmente, Edgard Giacobbe. Em primeiro plano, com as mãos no alambrado, Paulo Torricelli, à esquerda Sargento Neves e à direita Antonio Bellani, entre outros. Foto da coleção do saudoso José Aparecido Rocha 'Belacosa'.

Em janeiro de 2002, Paulo César D'Elboux assumiu a direção da emissora. Paulo César é profissional da área da comunicação, tanto no rádio quanto na área acadêmica, deu um novo impulso à rádio. Quando criança, ele frequentava com seu

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://fundacaoromi.org.br/fundacao/index.php?pag=padrao&op=cedoc&id=812&op2=not>>. Acesso em: 26 maio 2018.

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://fundacaoromi.org.br/fundacao/index.php?pag=padrao&op=cedoc&id=812&op2=not>>. Acesso em: 26 maio 2018.

pai, o cururueiro Edgard D'Elboux que teve um programa na Rádio Brasil, os programas de auditório da emissora, localizado na rua Santa Bárbara. Quando Edgar D'Elboux faleceu e Natale Giacomini quis mudar de ramo, o filho de Edgar decidiu comprar a emissora.

Figura 65 – Cururu no auditório da Rádio Brasil em 1959



Fonte: D'ELBOUX, 2010, p. 32.

Já no final da década de 50 foi aberta uma nova porta de divulgação para os cururueiros, inclusive de toda região. Fundada em 1955, a Rádio Brasil (AM 690) dava oportunidade para os cururueiros se apresentarem. O programa era muito prestigiado e após alguns anos passou a ser apresentado no auditório do Nossa Clube, com capacidade para um pouco mais de cem pessoas e sempre estava lotado. (D'ELBOUX, 2010, p. 31).

Paulo César D'Elboux, que ainda dirige a Rádio Brasil, acredita que o foco de uma rádio AM é o jornalismo, o esporte e o entretenimento. Ele alterou a programação para que essa prioridade ficasse concentrada no horário das 7 às 19 horas. Além disso, ele investiu muito para que a emissora tivesse os 90% da audiência da região que tem hoje em dia. Para D'Elboux (2010), “a cultura é a alma manifestada através da música, da arte, da dança, da poesia e tudo mais que ela representa”.

## 1956 – Casa Branca / SP

### ZYR – 204 RÁDIO DIFUSORA DE CASA BRANCA

Fundada em 17 de novembro de 1956 e inaugurada em 8 de dezembro do mesmo ano, a Rádio Difusora de Casa Branca foi instalada e dirigida pelo radialista Vicente Salles. Emissora de ondas médias em frequência de 1.580 KHz, prefixo ZYR canal 204.

A difusora foi a primeira rádio da cidade, e sua inauguração contou com a presença do cantor Nelson Gonçalves<sup>74</sup>, um dos grandes nomes da música romântica brasileira, que foi até Casa Branca para se apresentar no baile promovido pela Casa Branca. Nesse dia, a programação foi especial: além de Nelson Gonçalves, houve show com artistas de cidades da região e uma sessão solene com autoridades. Também estiveram presentes na festa locutores da rádio ZYD-6 de São José do Rio Pardo e da ZYR-70 de Tambaú.

A primeira sede da difusora ficava na praça Barão de Mogi Guaçu, no prédio da Associação Casabranquense de Cultura Física e Esporte (ACCPE), onde funcionavam os estúdios e os programas de auditório – e hoje é um colégio.

Nessa época, a programação era ao vivo, com o repertório de duplas sertanejas, conjuntos musicais e apresentações de piano ou violão, além de orquestras. Para preencher o espaço de funcionamento da rádio, existiam somente discos de 78 rotações, chamados de gravadores de rolo. Dessa maneira, o trabalho de quem trabalhava nessa área era muito difícil.

Nos primórdios da difusora, o quadro de funcionários era composto por: Vicente Salles (direção); Maria Elisa Xavier, Altair Ferreira, Ary Chagas, Nelson de La Corte e Mário Mesquita (locutores); Sérgio Fernandes (animador); Juracy Barbosa e Yone Ferrioli (sonoplastas); Sebastião de Souza (serviços técnicos). Outros nomes que fizeram parte da história da emissora foram: Carlos Dias e seu irmão Adolfo Carlos, Sergio Sillos, Célio Zanetti, Celso Luiz Antonialli, José Guilherme Fernandes, Osvaldo Andrade, Wanderley Ribeiro, Francisco Caselli Menezes, Carlos Eduardo Ballys, Antonio Cláudio Miguel, Carmo Aga, Paulo Sérgio Saran, entre outros.

---

<sup>74</sup> Antônio Gonçalves Sobral (Santana do Livramento, 21 de junho de 1919 – Rio de Janeiro, 18 de abril de 1998) foi um dos maiores cantores e compositores brasileiros de todos os tempos.

Figura 66 – Cartaz da Inauguração da Rádio Difusora

Fonte: Acervo Museu Histórico<sup>75</sup>.

Posteriormente, Vicente Salles, radialista e primeiro proprietário da emissora, vendeu a rádio para os padres Estigmatinos<sup>76</sup> Augusto Casagrande e Humberto

<sup>75</sup> Disponível em: <<http://jornalcasabranca.com.br/index.php/13-direto-da-redacao/53-radio-difusora-58-anos-de-historia-e-servico>>. Acesso em: 23 maio 2018.

Sesso, que transferiram a difusora para o Salão São José, localizado na praça Matriz. O Salão funcionava como teatro, cinema e atividades religiosas. Quando a emissora se mudou para lá, o espaço passou a ser utilizado para os programas de auditório.

Na década de 1960, a emissora foi transferida novamente, agora para salas localizadas no Santuário Nossa Senhora do Desterro. Porém, nos anos 1980, nova transferência ocorreu, voltando a emissora novamente para o centro da cidade e, logo depois, vendida novamente. O novo proprietário e então deputado federal Natal Gale fez grandes melhorias como o aumento da potência de 250 para 1.000 watts, a nova frequência de 720 kHz no prefixo ZYK-575, além de nova mudança para os estúdios na rua Luiz Pizza nº 12.

Nos anos 1990, a emissora foi novamente vendida, agora para a Diocese de São João da Boa Vista, e retornou para o Santuário Nossa Senhora do Desterro, tornando-se referência na região por ter um estúdio totalmente digital.

Um grande nome para a história da difusora foi Geraldo Meirelles, o Marechal da Música Sertaneja. Geraldo Meirelles<sup>76</sup> tem uma história importante e vasta na música caipira. Ele fez seu nome no rádio paulistano e depois foi para a TV com o programa Canta Viola, nos anos 1960. Ele ajudou a revelar diversas grandes duplas sertanejas como Chitãozinho e Xororó, Zezé de Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, Luciano e Tião e Pardinho.

Como produtor e apresentador de programas sertanejos, ele teve seu espaço nas emissoras de TV Tupi, Record, Cultura e Bandeirantes em seus 30 anos de TV. Porém, a alcunha “Marechal” teve origem quando ele ainda estava no rádio. Na difusora, Marechal apresentava o programa Canta Viola, mesmo nome do programa apresentado por ele na Rede Record.

---

<sup>76</sup> A Congregação dos Sagrados Estigmas de Nossa Senhor Jesus Cristo (CSS) é uma congregação religiosa fundada em 4 de novembro de 1816, por São Gaspar Bertoni, na cidade de Verona, no norte da Itália.

<sup>77</sup> Geraldo Meirelles: radialista, compositor e apresentador de música sertaneja. Nasceu em 24 de fevereiro de 1926 em Casa Branca (SP) e faleceu em 5 de julho de 2013 em Casa Branca SP.

Figura 67 – Geraldo Meirelles: O Marechal da Música Sertaneja<sup>78</sup>



Hoje pertencendo à Fundação Padre Donizetti da Diocese de São João da Boa Vista, a emissora ainda opera no AM 720 kHz, porém toda a programação é transmitida também pela internet com som 100% digital. Desde que foi adquirida pelos padres Augusto Casagrande e Humberto Sesso, a emissora tem como principal objetivo levar a palavra de Deus pelas ondas do rádio. Atualmente como integrante da Rede Católica de Rádio, o foco continua sendo o de aproximar as pessoas de Jesus Cristo.

A emissora está em processo de migração para FM (frequência modulada), e seus estúdios já estão preparados para a mudança.

---

<sup>78</sup> Disponível em: <[https://www.recantocaipira.com.br/duplas/geraldo\\_meirelles/geraldo\\_meirelles.html](https://www.recantocaipira.com.br/duplas/geraldo_meirelles/geraldo_meirelles.html)>. Acesso em: 24 maio 2018.

### 3.3. Tabela de Resultados

Tabela 3 – Resultado das Emissoras de Rádio fundadas entre os anos 1920 e 1950, que não estavam na pesquisa que deu origem a esta dissertação

EMISSORA	FUNDADA	PRIMEIRO PREFIXO	PREFIXO ATUAL	MESMO DONO	RETRANSMISSORA	MIGRAÇÃO FM
Emissora de Campos do Jordão	19/jun/46	ZYL-6	ZYK-571	Não	Geradora	Sim
Difusora de Olímpia	27/ago/46	ZYB-8	ZYK-530	Não	Sim - Bandeirantes	Sim
Difusora de Amparo	08/jan/47	ZYK-504	ZYK-504	Sim	Geradora	Sim
Difusora de São João da Bo Vista	19/fev/47	ZYJ-6	ZYK-970	Não	Sim - Transamerica	Sim
Rádio Clube de Garça	21/jun/47	ZYL-3	ZYK-585	Não	Geradora	Sim
Rádio Valparaíso	23/dez/47	ZYP-3	ZYW-712	Não	Geradora	Sim
Rádio Clube de Ourinhos	20/nov/48	ZYS-7	ZYK-622	Sim	Geradora	Sim
Rádio Brasil de Adamantina	18/dez/48	ZYK-538	ZYW-724	Não	Geradora	Sim
Rádio Guarujá Paulista	22/jan/49	ZYK-590	ZYK-590	Sim	Geradora	Sim
Rádio Cultura de Bariri	07/set/50	ZYZ-8	ZYK-574	Sim	Geradora	Sim
Rádio Brotense	20/out/50	ZYR-74	ZYR-74	Não	Sim - Bandeirantes	Sim
Rádio Cultura Regional	22/jun/52	ZYR-54	ZYK-579	Não	Geradora	Sim
Sociedade Rádio Tambaú	22/nov/52	ZYR-70	ZYK-520	Não	Geradora	Sim
Rádio Brasil de Santa Barbara do Oeste	18/set/55	ZYR-91	ZYK-646	Não	Geradora	Sim
Rádio Difusora de Casa Branca	08/dez/56	ZYR-204	ZYK-575	Não	Geradora	Sim

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate e a preservação da história e memória do rádio em nosso País assumem grande importância na medida em que muito da história das emissoras está diretamente ligada ao desenvolvimento das comunidades devido ao seu poder de penetração e influência, além de disseminar as mais diversificadas manifestações culturais. Registrar sua história é poder eternizar a história da comunidade regional. Tudo que é transmitido pelas ondas do rádio pode influenciar o repertório cultural do povo de uma região. Assim sendo, a programação das emissoras de rádio pode refletir as peculiaridades culturais da região onde está inserida.

Percebe-se a relevância de registrar a história e a memória do rádio, pois além de ser um patrimônio documental, é também um patrimônio histórico e cultural. Sendo assim, é um legado para as comunidades de hoje, bem como para as futuras gerações. Buscar fontes ligadas à evolução do rádio regional é um compromisso com a evolução e conquistas da sociedade, bem como a oportunidade de registrar o patrimônio histórico do rádio, até então não totalmente documentado.

Verificou-se, nesta pesquisa, que o rádio como meio de comunicação realmente teve e continua tendo um papel primordial na vida das pessoas, contribuindo direta e indiretamente no que diz respeito a cultura, entretenimento, esporte, notícias, política, dentre outros aspectos sociais. Os radialistas, em algumas das rádios analisadas, tiveram grande importância não somente na história das rádios em que trabalharam, mas também na história das cidades em que as rádios estavam inseridas e em suas populações, transmitindo e participando ativamente dos eventos e acontecimentos locais.

Ao discorrer no primeiro capítulo sobre os diferentes tipos de memória, ficou clara sua importância na reconstrução da história das rádios do estado de São Paulo, pois através de depoimentos de memórias dos profissionais de rádio, e de pessoas relacionadas direta ou indiretamente às emissoras, informações significativas contribuíram para um maior conhecimento da história das emissoras e para a evolução deste trabalho. Tais relatos, conhecidos como *história oral*, trouxeram perspectivas variadas à historiografia, desencadeadas por meio das histórias vividas ou contadas, dando vida ao veículo rádio e permitindo a reconstituição da memória radiofônica por meio de relatos. As narrativas orais são consideradas narrativas da vida e da história, são relatos de memórias contados por

quem viveu ou testemunhou momentos que marcaram suas vidas, reforçando e completando informações. Sendo assim, através de relatos, foi possível tecer parte da história radiofônica aqui enfocada.

No segundo capítulo, percebe-se que o conceito de cultura é muito complicado de ser definido, e que essa dificuldade não se dá pela falta de definições, mas pelo excesso. Compreendemos que há uma discrepância em torno da temática. Porém, as ideias e conceitos se interligam de alguma maneira e formam conexões entre si. Alguns autores acreditam que o ser humano necessita da cultura para a sua subsistência; já para outros, os recursos culturais são frequentemente regras que moldam determinados indivíduos e comunidades. Simultaneamente, na visão de outros autores, a cultura tem a ideia de significância, sugerindo que cultura seja uma estrutura social que dá significado a nossa existência. Todavia, refletir as distintas interpretações de autores sobre a temática cultura é extremamente relevante a fim de melhor usufruirmos de suas ideias em pesquisas e estudos e, sobretudo, para compreendermos melhor a nossa sociedade, e consequentemente o papel que o rádio tem na relação entre cultura e sociedade como transmissor e influenciador cultural. Desde a chegada do meio radiofônico ao Brasil, rádio e cultura caminham juntos, já que o veículo sempre serviu de expressão às manifestações culturais de nosso povo através de informação, música, esporte, política e religião. A popularidade do meio rádio deu-se principalmente devido à relação construída com a sociedade, que participava ativamente de sua programação.

Até os dias de hoje, o rádio permanece sendo um poderoso formador de opinião, devido à sua rapidez e objetividade, e por levar informação e entretenimento de maneira informal e íntima aos ouvintes, sendo ele um aliado ao se colocar a serviço dos interesses populares. O meio radiofônico, por ser de fácil acesso e menos oneroso, pode ser um agente eficaz nas mudanças de hábitos, valores e costumes da população. Apesar da grande evolução tecnológica que vem ocorrendo, o rádio continua tendo seu espaço, devido à facilidade de penetração e à transmissão de informações em tempo real. Nesse contexto, o rádio pode contribuir para a construção cultural e social ao penetrar no cotidiano do ouvinte, reproduzindo informações e contribuindo para a cultura intelectual através da propagação de ideias que possam causar uma revisão de crenças e valores.

Os anos 1940 e 1950 foram chamados de a “Época de Ouro” do rádio brasileiro. Época em que o meio rádio se torna mais popular ao atingir todas as

camadas da sociedade brasileira, e um grande número de emissoras surge no país, passando a ser parte ativa da vida da população. Esse período se caracterizou como a “era dos espetáculos”, e foi quando surgiram os programas de auditório, que aproximaram ainda mais o público das emissoras por proporcionar, além de entretenimento, o contato das pessoas com seus ídolos, que até então só eram conhecidos por suas vozes através do rádio. Também nessa fase houve um grande crescimento jornalístico, quando a notícia e a informação chegam com mais rapidez e imediatismo. O declínio da “Época de Ouro” do rádio acontece entre os anos 1950 e 1960 com o advento da televisão. Contudo, contrariando as previsões, o rádio não desaparece e continua tendo um papel importante dentre os meios de comunicação e na sociedade.

No terceiro capítulo, foram relatados os resultados da pesquisa que visava a encontrar emissoras de rádio fundadas dos anos 1920 até os anos 1950, que não estivessem na pesquisa que deu origem a este trabalho. Enquanto na busca por emissoras de rádios mais antigas, a fim de analisar sua história e seu papel nas localidades onde se estabelecem, verificou-se a dificuldade em encontrá-las, tendo em vista que muitas delas já fecharam ou mudaram de nome, ou até mesmo de proprietários e, portanto, registros podem ter se perdido com o passar dos anos, dificultando, dessa forma, a busca por informações. Outro empecilho foi de ordem documental e teórica: notou-se um descaso por parte do poder público com relação à história do rádio, tornando-se difícil encontrar documentos referentes à fundação das emissoras. Portanto, fez-se necessária a utilização de outro tipo de fonte para que lacunas na história das emissoras fossem preenchidas. Para tanto, recorreu-se à história oral, além da documental, a fim de recuperar parte da história através de relatos de pessoas que contribuíram para esta pesquisa. Entretanto, das quinze emissoras pesquisadas neste trabalho, três não tiveram interesse em fornecer mais informações, além das que já são públicas, dificultando, assim, a pesquisa e limitando a quantidade de informações que pudessem viabilizar o resgate de suas histórias.

Desde seu advento em nosso País, o rádio sempre foi um meio presente na vida das pessoas, quer dentro de casa, no ambiente profissional ou em eventos sociais. O rádio acompanha episódios da história e, assim sendo, apresenta-se como um meio de comunicação com participação ativa na construção social. Portanto, reconstruir parte de sua história é poder aprofundar entendimentos desse

meio como patrimônio material e imaterial de cultura, bem como poder eternizar a história da comunidade regional.

## REFERÊNCIAS

- ADAMI, Antonio. **O Rádio com Sotaque Paulista, Pauliceia Radiofônica**. São Paulo: Ed. Mérito, 2014.
- \_\_\_\_\_. A Rádio Record de Paulo Machado de Carvalho: Uma Nova Linguagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004. Porto Alegre: Intercom, 2004.
- \_\_\_\_\_. Literatura adaptada em Rádio e Televisão: da Palavra a Imagem e Som. In: BALOGH, Anna Maria et al. (orgs). **Mídia, Cultura, Comunicação**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002, p. 157-165.
- \_\_\_\_\_, MICHELETTI, Bruno. **Osvaldo Moles**: a genialidade no rádio paulista. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013.
- \_\_\_\_\_; OLIVEIRA, M. P.; BOLL, A. Proposição para o Uso da Metodologia da História Oral na Pesquisa em Comunicação. In: 7<sup>a</sup> CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLK COMUNICAÇÃO, 2004, Lageado: 7<sup>a</sup> FOLKCOM, 2004.
- ALBERTI, V., FERNANDES, TM., e FERREIRA, MM. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- ALENCAR, Mauro. **A Memória Coletiva e a Memória Histórica**. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r2/ccientifica\\_01.pdf](http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r2/ccientifica_01.pdf)>. Acesso em: 1º de ago. 2017.
- ALENCAR, Mauro. **Futebol e Novela na Memória do Povo**. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP14ALENCAR.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP14ALENCAR.pdf)>. Acesso em: 4 out. 2017.
- ANTUNES, Luciana. **A Memória das Rádios em São Paulo**. São Paulo: Alcar, 2017.
- BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. **Narrativas Orais**: Performance e Memória. Manaus, 2011. Disponível em: <<http://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2340/1/Dissertação%20-%20Joaquim%20Onésimo%20Ferreira%20Barbosa.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BELLANI, João José. **Santa Bárbara d'Oeste em um século de ESPORTES**. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP Editora, 2008.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o**

espírito. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

BRANDÃO, A.C; DUARTE, M. F. **Movimentos Culturais de Juventude**. São Paulo: Ed. Moderna, 1990.

BRANT, Leonardo. **Diversidade Cultural – globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

BRETON, Philippe. **A Utopia da Comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio – Memória e História**. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.379.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

\_\_\_\_\_ **A Era do Rádio**: Descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_ **No Tempo do Rádio**: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil. 1923 – 1960. Disponível em: <[http://www.carosouvintes.org.br/blog/wp-content/uploads/Tese\\_Lia\\_Calabre.pdf](http://www.carosouvintes.org.br/blog/wp-content/uploads/Tese_Lia_Calabre.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2018.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8, n.16, 1995.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DA MATTA, Roberto. **O Que Faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEL RIOS, Jefferson. **Ourinhos**: memórias de uma cidade paulista. Cornélio Procópio: UENP, 2015.

DELGADO, L. A.N. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

D'ELBOUX, Paulo César. **A História do Cururu em Santa Bárbara**. Santa Bárbara d'Oeste: PMSBO, 2010.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Doravante, 2007.

FERRARETO, L.A.; KLOCKNER, L. **E o Rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

GOMES, Adriano Lopes; RODRIGUES, Edivânia Duarte. **Rádio e Memória**: As narrativas orais na reconstituição da história da Rádio Poti. Natal: UFRN, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

ITTC – Information & Telecommunication Technology Center. **History of the Radio**. Disponível em <<http://www.ittc.ku.edu/%7Ejstiles/622/handouts/History%20of%20Radio.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

JORNAL O Democrático. **O velho e encantador completa 60 anos**. Disponível em: <<http://jornalodemocratico.blogspot.com.br/2012/06/o-velho-e-encantador-completa-60-anos.html>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

KLÖCKNER, Luciano, PRATA, Nair org. **Mídia Sonora em 4 dimensões**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2011. (Volume II).

LARAIA, Roque Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. Lisboa: Presença, 2000.

LIMA, Clineu Alves. **Folhas Secas**. Dois Córregos: [S.n.], [s.d.].

LINARDI, Maria Cecilia Nogueira. **Memória Urbana**: uma análise espacial da praça central de Santa Bárbara d'Oeste, SP. Piracicaba: Unimep, 2001.

MARCONDES, Maria Célia de Campos. **Arte e Cultura em São João da Boa Vista**. (Parte 3). Disponível em: <[https://issuu.com/arteeculturasjbvista/docs/arte\\_e\\_cultura\\_parte\\_3](https://issuu.com/arteeculturasjbvista/docs/arte_e_cultura_parte_3)>. Acesso em: 13 abr. 2017.

MELO, José Marques. **Comunicação Social Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Editora Vozes: 1975.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2011.

MURCE, Renato. **Bastidores do Rádio**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira**: utopia e massificação (1950 – 1980). São Paulo: Contexto, 2008.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

- ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil.** São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura:** a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Editoria Presença, 1999.
- RODRIGUES, Kelly Priscila. **Peixe Seco:** A História da Rádio Piratininga. São João da Boa Vista: [s.n.], 2004.
- SANTOS, José Luiz. **O Que É Cultura.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- SARMENTO. **História do Rádio.** Disponível em <<http://www.sarmento.eng.br/Historia.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2017.
- SBN. **A rádio número um de Santa Barbara d'Oeste completa 60 anos.** Disponível em <<http://www.sbnnoticias.com.br/noticias/134596/a-radio-numero-um-de-santa-barbara-d-oeste-completa-60-anos/>>. Acesso em: 13 abr. 2017.
- STONOOGA, Rogério. A voz do interior que conquistou o litoral. **Diário da Cidade**, Guarujá, 12/13 fev. 1994.
- STROHSCHOEN, Ana Maria. **Mídia e memórias coletivas.** Santa Cruz do Sul - RS: EDUNISC, 2004.
- TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou.** 2. ed. São Paulo: Harbra, 1999.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no Ar – Radio e Modernidade em São Paulo 1924-1934.** São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- ULMANN, R. A. **Antropologia:** o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.

## ANEXO 1

O questionário abaixo foi elaborado com o intuito de dar uma sequencia às entrevistas realizadas com as pessoas relacionadas às emissoras de rádios estudadas nesta dissertação. Porém, o intuito, conforme mencionado anteriormente, foi deixar o entrevistado bem à vontade para relatar com suas palavras e de forma bem aberta o que sabia sobre a fundação das rádios.

1. Qual seu nome completo?
2. Qual seu papel em relação à emissora?
3. O que você sabe sobre a história da emissora?
4. Qual foi o primeiro prefixo?
5. Qual o primeiro nome completo da emissora?
6. Sabe alguma coisa sobre a programação de antigamente?
7. Sobre grandes nomes que passaram pela emissora?
8. Como era a interação rádio / sociedade?
9. A rádio mudou de proprietário / família?
10. Hoje a rádio é retransmissora? Se sim, de qual emissora?
11. A quem a emissora pertence hoje?
12. Qual o prefixo atual?
13. Alguma curiosidade que gostaria de dividir?
14. Pretendem migrar para FM?